

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TURISMO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

EVELISE TEIXEIRA MOAES

A hospitalidade no percurso dos viajantes nômades contemporâneos

São Paulo
2022

EVELISE TEIXEIRA MOAES

A hospitalidade no percurso dos viajantes nômades contemporâneos

Versão original

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo.

Área de concentração: Desenvolvimento do Turismo
– Linha: Conhecimento e Tendências.

Orientadora: Professora Doutora Heliana Comin Vargas

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
com os dados inseridos pelo(a) autor(a)
Brenda Fontes Malheiros de Castro CRB 8-7012; Sandra Tokarevicz CRB 8-4936

Moaes, Evelise Teixeira

A hospitalidade no percurso dos viajantes nômades contemporâneos / Evelise Teixeira Moaes; orientadora, Heliana Comin Vargas. -- São Paulo, 2022.

127 p: il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Turismo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2022.

Versão original

1. Nomadologia. 2. Viagem. 3. Modos de viajar. 4. Leis da Hospitalidade. I. Vargas, Heliana Comin, orient. II. Título.

Nome: MOAES, Evelise T.

Título: A hospitalidade no percurso dos viajantes nômades contemporâneos

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo.

Área de concentração: Desenvolvimento do Turismo –
Linha: Conhecimento e Tendências.

Orientadora: Professora Doutora Heliana Comin Vargas

Aprovada em: __/__/____

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Ao Caboclo Caçador.

Agradecimentos

Aweté!!! É assim que se agradece em tupi guarani. Já, se a intenção é fortalecer o agradecimento, então se diz Aweté katu.

Dentre as várias formas de expressões para agradecer, optei por trazer essa, devido à dimensão que ela abrange em minha vida, talvez um sentimento ancestral, que vai além do simples expressar com palavras e que ultrapassa o sentir físico, ela conecta ao campo espiritual.

Eu acredito que essa jornada só foi possível, porque aconteceu no tempo certo, com as pessoas certas e, especialmente, porque tive uma rede de apoio me fortalecendo em todo o percurso, e cada pessoa que contribuiu, direta ou indiretamente, para essa realização, está de alguma forma registrada nesta obra.

Início pela minha querida professora orientadora Heliana Vargas, a pessoa que acreditou em minha proposta desde o início, mesmo quando todos preferiram não arriscar, talvez por não compreenderem o vasto universo deste tema. Daquele momento em diante, ela segurou em minhas mãos e não soltou mais, desde a aprovação do projeto de pesquisa até aqui. Percorremos juntas essa trajetória de investigação e descobertas, pegamos alguns caminhos espinhosos no início, mas logo voltamos para a trilha certa com a ajuda de pessoas muito especiais, almas viajantes que chegaram na hora certa para nos mostrar a direção. Faltam palavras para adjetivar e descrever, mas posso sintetizar dizendo que o sentimento que emerge por essa mulher inspiradora é daqueles que a gente não explica, só sente. Aweté katu por me conduzir professora, por ser a minha estrela guia com essa sua luz e força radiantes.

O segundo bloco de agradecimentos é dedicado à minha família. Começo por você Júlia, minha amada filha, que apesar da pouca idade, me incentivou nessa trajetória, me passando uma força indescritível. Agradeço por compreender as transformações que enfrentamos juntas nesse período. Por entender que as horas de brincadeiras teriam que ser mais curtas, para dividi-las com as leituras para o mestrado da mamãe; pela maturidade e postura nos dias em que não nos vimos, porque precisei viajar para assistir às aulas na capital, saindo bem cedo, enquanto você ainda dormia e voltando só a noite, quando já estava dormindo novamente, e você tinha todo o carinho da vovó Denise, sempre te cuidando na minha ausência; aí veio a pandemia e ficamos só nós duas, praticamente, um ano inteiro dentro de casa dividindo cada segundo juntas naquela nova realidade que misturava trabalho, escola, mestrado, afazeres domésticos e lazer, tudo dentro do nosso lar, e você mais uma vez me surpreendeu pela forma como lidou com toda essa mudança; e por falar em mudança, mudamos muito nesse período né, não só de casa, como

também de cidade, e você ali sempre firme me passando a tranquilidade que era necessária. Enfim, você é a minha fonte inesgotável de amor e firmeza filha.

Ser mãe é uma coisa maravilhosa, mas ter uma mãe maravilhosa é uma dádiva, e eu sou agraciada por isso. Faltam palavras que transmitam a profundidade da gratidão que sinto por minha mãe Denise, ela sempre foi meu porto seguro, mas nessa etapa, se entregou de todas as maneiras possíveis para me ajudar nessa conquista, especialmente, nos cuidados com a minha filha. Minha força vem do ventre que me gerou.

Ao meu pai João Moaes, que apesar da distância, sempre esteve presente nesse percurso de minha vida, me incentivando e dando apoio necessário quando eu mais precisava. A meu pai devo o principal empurrão para a vida acadêmica, foi ele que insistiu para que eu continuasse tentando a bolsa para a graduação pelo Prouni, há 16 anos, no momento em que eu descreditei que seria possível, após tantas tentativas frustradas de ingressar no ensino superior, pela falta de recursos financeiros e oportunidades. Foi por tê-lo ouvido que hoje estou realizando mais uma etapa.

Às minhas irmãs Hélita e Jéssica, que mesmo longe também me transmitiram força para continuar, sempre que necessitei. Ao meu cunhado Leandro, também sou grata, pelas tantas vezes que me ajudou, especialmente, nas disciplinas de cálculos e estatística.

Ao meu companheiro Bruno Neri, que a vida me presenteou para andar ao meu lado a partir da metade do caminho percorrido dessa história. Com sua paciência e carinho, me apoiou em todos os sentidos possíveis.

A todos que fazem parte da minha família de sangue ou não, que de alguma forma me auxiliaram nessa conquista.

À família Vitória que deu todo o suporte à Juju quando precisei, minha gratidão.

À minha família indígena, da Tekoá Tabaçu Reko Ypy, que me acolheu com amor e mudou a minha forma de enxergar o mundo anos atrás. Foram vocês que me ensinaram o sentido da gratidão e é por isso que a expressão Aweté katu faz parte desse momento.

O terceiro bloco de agradecimentos é dedicado à rede de amizade que também me ajudou nessa realização, especialmente, aos companheiros de trabalho da Etec de Peruíbe. Adriana Araújo e Aline Melguiso, minhas irmãs do astral, pelo carinho e força que me deram em todas as etapas, sobretudo, por serem essas amigas tão especiais que a vida me presenteou. Narciso dos Santos, diretor e amigo, pelo apoio e confiança. Bruno Fernando pela ajuda nas horas de sufoco, sempre me ajudando. Tâmara, Will, Yuri, Ivan, Fidélis, Katia e toda a rede de colaboradores da escola, alunas e alunos, professoras e professores que sempre me fortaleceram, mesmo sem perceber. Aweté katu a vocês por fazerem parte da minha história.

O quarto bloco é dedicado àqueles que fizeram parte do alicerce dessa construção, professores e colegas de turma da EACH. Primeiramente, é importante dizer sobre o peso da responsabilidade que é fazer parte deste seleto grupo. Depois, sobre a satisfação que é pertencer a esta casa, um orgulho imenso. Apesar de termos tido poucos momentos de contato presencial, somente nas primeiras semanas de aula, devido a quarentena instituída por causa da pandemia de covid19, todo o percurso de ensino aprendizagem foi magnífico. Aos professores Alexandre Panosso, Glauber Santos, Heliana Vargas (minha orientadora), Luiz Octavio Camargo, Luiz Trigo, Reinaldo Pacheco, Ricardo Uvinha e Thiago Allis com quem eu tive o privilégio de obter conhecimentos, além de professores convidados para colaborar nas disciplinas.

Um friso especial devo ao professor Camargo, pois a partir da sua disciplina e ensinamentos pude encontrar o sentido da hospitalidade que eu precisava para delinear essa pesquisa, além disso, pude beber na fonte com uma das maiores referências sobre o assunto.

Aos colegas de turma que foram essenciais nessa jornada, demonstrando que o apoio coletivo e a empatia são bases fundamentais de incentivo para que todos (as) cheguem até o final. Gratidão especial à Almir Marcellino e Amanda Borges pelo apoio e tantos mais que de alguma forma, direta ou indireta, contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

Aos professores Thiago Allis e Valeria Ferraz, pelas importantes considerações na banca de qualificação, a partir do olhar de vocês o rumo da pesquisa tomou outro lado e foi possível percorrer novos caminhos teóricos para a produção dessa obra.

Aweté katu professores e colegas.

Um bloco especial dedicado a algumas pessoas que também foram muito importantes nesse processo, é necessário. Agradeço, imensamente, Carol Vargas, pelas conversas, dicas e orientações tão importantes para a busca do propósito dessa dissertação, seu olhar foi de extrema relevância para esse trabalho. Outro anjo que me despertou vários olhares sensíveis para essa obra foi Gustavo Monteiro, as horas de conversas e trocas sobre as suas experiências pessoais, foram de fundamental importância. Mais uma pessoa que teve papel importante nesse percurso é o músico Alan Zas que, durante os períodos de maior tensão da quarentena, me trazia leveza com a sua arte. Ao meu irmãozinho de fé Robson Leonel, que não me deixou desviar do caminho acadêmico, lá pelos idos iniciais dos anos 2000, me mostrando qual era o atalho possível para nós pessoas pretas e pobres ingressarmos no ensino superior. Aos meus atuais colegas de trabalho Daniel e Joelma, pelas conversas e apoio. E tanta gente que contribuiu de alguma maneira, aweté katu.

Por último, e fundamentalmente importante, um bloco de agradecimento aos protagonistas dessa obra, que sem eles nada disso seria possível.

Poderia partir da ordem alfabética para ser democrática, mas seria injusto não iniciar pelo Tarso Soares, o viajante nômade que inspirou esse trabalho. As implicações da pesquisa se deram a partir dele, quando em 2019 o conheci, pessoalmente, e sua história me motivou a saber mais sobre pessoas como ele. Descobri que haviam tantos mais espalhados pelo Brasil e pelo mundo, que se configurava em uma rede de viajantes com estilos próprios, mas categorizados no nomadismo como base. Vi que o tema era interessante para pesquisa, comecei então a escrita do meu projeto de pesquisa e hoje aqui estou eu, escrevendo uma nota de agradecimento a quem surgiu em minha vida na hora certa para que tudo isso pudesse acontecer.

Tarso, foi responsável, também, por me fazer compreender esse universo na prática, quando me convidou para uma aventura de quase 25 dias de mochilão no estilo nômade, gastando até R\$ 10,00 por dia, por 4 países da América do Sul, da virada de ano de 2019 para 2020. Ali, meu olhar sobre esse estilo de vida mudou completamente, me fazendo ter a certeza de que essas histórias precisavam ser registradas de maneira científica. Essa experiência enriquecedora, faz parte da sustentação desse trabalho. Também dedico a ti essa obra.

Agora posso seguir a ordem alfabética para continuidade dos agradecimentos aos viajantes nômades e anfitriões que fizeram parte dessa pesquisa. Mas, antes disso, não posso deixar de mencionar todas as pessoas que disponibilizam suas experiências de viagens no estilo nômade nas redes sociais, pois serviram como base para que eu pudesse chegar até o público alvo da pesquisa. Aos que participaram da primeira etapa da investigação, respondendo o questionário online, meus sinceros agradecimentos, a ajuda de vocês foi fundamental para a definição da linha que essa pesquisa seguiu e, a partir daí, foi possível selecionar os perfis de público que se adequaram aos propósitos dessa obra.

Arthur Lanari, uma pessoa que emana energia positiva a cada palavra, suas experiências proporcionaram muita inspiração para a escrita, especialmente, por emanar confiança de que o universo move tudo em nossa direção quando acreditamos.

Davinil dos Reis, um conterrâneo que encontrei nas pesquisas netnográficas e que possibilitou a inserção de um olhar muito especial sobre as descobertas que esse tema proporciona.

Edu bah, um cara que é pura inspiração, de uma inteligência incrível, daquelas pessoas que podemos passar horas conversando que nunca cansa, pois, sua história de vida é admirável.

Elzer Teixeira, o maluco (como ele mesmo diz) que trouxe uma contribuição repleta de realismo, poesia e sensatez para essa obra.

Gabi Menezes, uma mulher de força e essência tão particular que trouxe vários pontos de análise substanciais para a pesquisa, sem contar a postura equilibrada e espiritualizada que me serviram de motivação.

Julia Monteiro, com sua simpatia e objetividade trouxe uma importante contribuição na condução da pesquisa, abrindo um leque de observações necessárias a serem consideradas.

Leomarques, um encanto de pessoa, passa tanta paz de espírito quando fala, que é impossível não contagiar alguém, também trouxe contribuições de grande importância para a pesquisa.

Manoela Ramos, uma mulher inspiradora, que transmite reflexões profundas sobre a vida, trazendo não só contribuições de contexto contemporâneo, mas também de percursos históricos que muitas vezes não são citados nos enredos acadêmicos.

Odirlei e Samira Magri, um casal puro alto astral que trouxe contribuições extremamente relevantes e que aguçaram temáticas importantes desse percurso teórico.

A vocês, viajantes nômades contemporâneos e anfitriões, meu mais profundo agradecimento, sem vocês nada disso teria acontecido. Aweté katu por existirem.

Por fim, agradeço a cada pessoa que se interessar pela leitura desta obra, pois ela registra não só uma parte do vasto universo que existe nas viagens, sobretudo, ela contém a essência destoante do lucro que existe no universo das viagens, a humanidade nela embutida.

Seria mais fácil fazer como todo mundo faz.
O caminho mais curto, produto que rende mais.
Seria mais fácil fazer como todo mundo faz.
Um tiro certo, modelo que vende mais.
[...]

Mas nós vibramos em outra frequência,
sabemos que não é bem assim.
Se fosse fácil achar o caminho das pedras,
tantas pedras no caminho não seria ruim.

(Outras frequências – Engenheiros do Hawai)

RESUMO

MOAES, Evelise T. A hospitalidade no percurso dos viajantes nômades contemporâneos. 2022. 110 páginas. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Versão original.

A humanidade experimenta um modelo social na contemporaneidade, associado à produtividade excessiva de trabalho, que gere status e condições financeiras capazes de manter ou aumentar seus padrões de consumo, e que tem despertado o desejo de evasão em pessoas com ideais de liberdade, direcionando-as para um modo de viajar descompromissado das amarras do sistema. São os autointitulados, viajantes nômades contemporâneos. Pessoas que trocam as jornadas exaustivas de trabalho, por uma vida com mais autossuficiência e liberdade para melhor aproveitamento do tempo livre, buscando ao máximo usufruir das oportunidades e experiências que viagens alternativas podem proporcionar, sobretudo no caminho percorrido e não somente no destino. Para alcançar o principal objetivo dessa pesquisa, que é compreender a hospitalidade no percurso dos viajantes nômades, a metodologia utilizada incluiu levantamentos e análises bibliográficas, netnográficas e pesquisa qualitativa de caráter exploratório e fenomenológico. A pesquisa bibliográfica permitiu uma análise aprofundada sobre os dois principais conceitos que fundamentam o assunto, o nomadismo e a hospitalidade. Como pano de fundo para atingir o objetivo, foi utilizado o protagonismo de fala dos próprios viajantes, sendo introduzidos depoimentos reais ao longo da discussão teórica, a fim de evidenciar como se demonstram, na prática, as leis da hospitalidade no percurso dos viajantes nômades contemporâneos.

Palavras-chave: Nomadologia. Viagem. Modos de Viajar. Leis da hospitalidade.

ABSTRACT

MOAES, Evelise T. Hospitality in the journey of contemporary nomadic travelers. 2022. 110 pages. Dissertation (Master in Tourism) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2022. Original version.

Humanity is experiencing a social model in contemporary times, associated with excessive work productivity, which generates status and financial conditions capable of maintaining or increasing their consumption patterns, and which has aroused the desire for evasion in people with ideals of freedom, directing them to for a way of traveling uncompromised from the shackles of the system. They are the self-styled, contemporary nomadic travelers. People who exchange exhausting working hours for a life with more self-sufficiency and freedom to better use their free time, seeking to make the most of the opportunities and experiences that alternative travel can provide, especially on the journey traveled and not only at the destination. To achieve the main objective of this research, which is to understand hospitality in the path of nomadic travelers, the methodology used included surveys and bibliographic and netnographic analyzes and qualitative research of an exploratory and phenomenological nature. The bibliographic research allowed an in-depth analysis of the two main concepts that underlie the subject, nomadism and hospitality. As a background to achieve the objective, the speech protagonism of the travelers themselves was used, with real testimonies being introduced throughout the theoretical discussion, in order to demonstrate how, in practice, the laws of hospitality are demonstrated in the course of contemporary nomadic travelers.

Keywords: Nomadology. Travel. Ways of Traveling. Hospitality laws.

RESUMEN

MOAES, Evelise T. La hospitalidad en la ruta de los viajeros nómadas contemporáneos. 2022. 110 páginas. Disertación (Maestría en Turismo) – Facultad de Artes, Ciencias y Humanidades, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2022. Versión original.

La humanidad vive un modelo social en la contemporaneidad, asociado a la excesiva productividad del trabajo, que genera estatus y condiciones financieras capaces de mantener o incrementar sus patrones de consumo, y que ha despertado en las personas con ideales de libertad el deseo de evasión, dirigiéndolas hacia una forma de viajar libre de los grilletes del sistema. Son los viajeros nómadas contemporáneos con estilo propio. Personas que cambian jornadas laborales agotadoras por una vida con más autosuficiencia y libertad para aprovechar mejor su tiempo libre, buscando aprovechar al máximo las oportunidades y experiencias que los viajes alternativos pueden brindar, especialmente en la ruta recorrida y no solo en el destino. Para lograr el objetivo principal de esta investigación, que es comprender la hospitalidad en el camino de los viajeros nómadas, la metodología utilizada incluyó encuestas y análisis bibliográficos y netnográficos e investigaciones cualitativas de carácter exploratorio y fenomenológico. La investigación bibliográfica permitió profundizar en los dos conceptos principales que subyacen al tema, el nomadismo y la hospitalidad. Como antecedente para lograr el objetivo se utilizó el protagonismo del discurso de los propios viajeros, siendo introducidos testimonios reales a lo largo de la discusión teórica, con el fin de demostrar cómo, en la práctica, se demuestran las leyes de la hospitalidad en el curso de los viajeros nómadas contemporáneos.

Palabras clave: Nomadología. Viaje. Formas de viajar. Leyes de hospitalidad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Figura 1 Hospitalidade: da Hostilidade à Hospitabilidade..... | 66 |
| Figura 2 Print de tela - resultados da pesquisa online quali-quantitativa | 113 |
| Figura 3 Galeria de imagens de anfitriões e viajantes nômades | 117 |
| Figura 4 Termo de Consentimento Arthur Lanari | 118 |
| Figura 5 Termo de consentimento Davinil dos Reis..... | 119 |
| Figura 6 Termo de consentimento Eduardo Araújo..... | 119 |
| Figura 7 Termo de consentimento Elzer Teixeira..... | 119 |
| Figura 8 Termo de consentimento Gabyria Menezes | 119 |
| Figura 9 Termo de consentimento Julia Monteiro | 119 |
| Figura 10 Termo de consentimento Leomarques..... | 119 |
| Figura 11 Termo de consentimento Manoela Ramos | 119 |
| Figura 12 Termo de consentimento Samira e Odirlei Magri | 119 |
| Figura 13 Termo de consentimento Tarso Soares..... | 119 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Introdução | 16 |
| 1 A Onipresença Nômada na Trajetória Humana | 22 |
| 1.1 Busca por uma nomadologia contemporânea | 27 |
| 1.2 O nomadismo contemporâneo e sua relação com as viagens | 34 |
| 2 A Perspectiva Conceitual da Hospitalidade e o Enigma do Desconhecido | 44 |
| 2.1 Premissas da hospitalidade como virtude | 46 |
| 2.1.1 A noção da hospitalidade como dádiva | 52 |
| 2.2 Situando as leis e as regras da hospitalidade | 57 |
| 3 A Hospitalidade no Percorso dos Viajantes Nômades Contemporâneos | 65 |
| 3.1 A Incondicionalidade e suas influências | 66 |
| 3.2 A reciprocidade – um pouco fora do padrão | 75 |
| 3.3 A Assimetria - “do respeito aos espaços físicos e morais” | 83 |
| 3.3.1 O espaço em sentido figurado – assimetria, corpo, assédio e vulnerabilidade | 86 |
| 3.4 A compensação – “do muito obrigado à gratidão, restam as marcas do que se vivenciou” | 91 |
| 4 As Tecnologias Digitais na Vida dos Viajantes Nômades | 95 |
| 4.1 As mídias digitais: o que muda na vida dos viajantes nômades? | 97 |
| 4.2 Repercussões sobre a atividade turística | 102 |
| 5 Considerações Finais | 104 |
| Referências | 109 |
| APÊNDICE A – Questionário de pesquisa qualiquantitativa | 113 |
| APÊNDICE B – Roteiro de perguntas da pesquisa qualitativa com Viajantes | 114 |
| APÊNDICE C – Roteiro de perguntas da pesquisa qualitativa com Anfitriões | 116 |
| ANEXO A – Galeria de imagens de anfitriões e viajantes nômades da pesquisa | 117 |
| ANEXO B – Termo de Consentimento | 118 |

Introdução

As transformações pelas quais têm passado a humanidade, especialmente, diante das mudanças constantes nos cenários econômicos e sociais, comuns neste século, conduzem a modificações comportamentais, sobretudo às relacionadas ao tempo dedicado ao trabalho versus lazer.

O trabalho, sendo provedor das necessidades humanas, além de deter posição fundamental na vida das pessoas, também é fator de preocupação. Enquanto para alguns está relacionado mais à sobrevivência em sociedade, para outros apresenta-se como uma possibilidade de consumo crescente de bens não necessários gerando novos questionamentos quanto ao valor do trabalho e do dinheiro. Atrelado a isso, somam-se as novas tecnologias que entretém, dão oportunidades, mas também alienam e afastam cada vez mais as relações interpessoais reais.

Esse conjunto de ocupações que orientam as pessoas a seguirem o caminho da produtividade excessiva na busca por melhores condições financeiras, do consumo e da alienação tecnológica, têm despertado sentimentos de evasão desse modelo social em pessoas com ideais de liberdade, por uma vida mais autêntica e prazerosa, direcionando-as rumo ao viajar descompromissado.

É nesse contexto que se insere um novo perfil de cidadãos, autointitulados como viajantes nômades, trocam as jornadas exaustivas de trabalho, por uma vida com mais liberdade e aproveitamento do tempo livre, buscando desfrutar ao máximo das oportunidades e experiências que viagens alternativas podem proporcionar.

O termo viajar, associado à prática dos nômades contemporâneos, refere-se à experiência existencial pautada na saída do universo habitual para a busca do novo, do desconhecido, em que o mais importante não é o destino final e sim o próprio ato de viajar e a importância dada às vivências do percurso.

Indubitavelmente, a viagem faz parte da história das sociedades desde os primórdios dos tempos e assume significados diferenciados conforme a interpretação que se faz dela. Para compreender a viagem em sua totalidade é preciso se permitir, estar aberto à novas concepções, despir-se daquilo que julga como verdade, pois ela é, de acordo com Trigo (2013, p. 80), “uma tentativa de ampliar a consciência que temos do mundo e de nós mesmos, através de deslocamentos que nos permitam conhecer um pouco mais esse mundo e as gentes que o povoam”.

Na verdade, a curiosidade pelo desconhecido que sempre motivou os deslocamentos humanos, começa a se apresentar de forma diversa com a popularização das redes sociais e seu uso atrelado à divulgação de imagens e informações. Primeiro porque as mídias passam a dar conhecimento da existência do desconhecido, diminuindo o impacto das novas descobertas. Segundo porque, diferentemente dos nômades, andarilhos, mochileiros pioneiros, (que por vezes deixavam de relatar suas experiências em registros escritos, ou quando o faziam utilizavam-se de diários manuscritos), os viajantes nômades contemporâneos fazem uso de variados recursos tecnológicos apropriando-se da globalização para evidenciar suas experiências.

De qualquer forma, o avanço da tecnologia da informação e da comunicação tem ampliado o mercado de viajantes que se auto incluem nessa categoria de nômades merecendo, portanto, uma investigação mais acurada.

Também se faz necessário, marcar aqui um recorte da pesquisa, que tem como objeto de estudo grupos de viajantes independentes, de livre arbítrio que se deslocam por tempo indeterminado sem veículo próprio, mais especificamente, viajantes “a pé”. Ou seja, não se pretende aqui discutir o nomadismo imposto pelas migrações de diversas ordens, perseguições ou mesmo decorrentes das tradições culturais como os ciganos ou beduínos, por exemplo. Também não fazem parte da pesquisa os mochileiros que são viajantes temporários que embora optem por estilos de viagem alternativos, continuam fazendo parte do sistema. Tão pouco se trata dos nômades digitais, que apesar de encontrarem uma forma de trabalho em movimento e constante mudança de espaços, ainda assim diferem do público alvo deste estudo.

Com esse recorte, para além de precisar a definição desse grupo de viajantes nômades contemporâneos a pesquisa tem como objetivo melhor compreender como esses viajantes impactam e são impactados em seu percurso, seja do ponto de vista territorial, econômico e sociocultural, nos remetendo a adentrar o campo da hospitalidade. Essa condição se reafirma como reveladora, quando, conforme exposto por Camargo (2015), a hospitalidade se baseia nas relações interpessoais e no estabelecimento de vínculos sociais que os viajantes nômades tornam efêmeros, embora muitas vezes permanentes.

Nesse sentido, coube primeiramente definir a linha de estudo para tratar sobre o tema da hospitalidade, já que possui bagagem histórica densa e configurada em aspectos puramente comerciais na contemporaneidade, sobretudo na área do turismo. Assim, apoiamos esse tema nas fundamentações de matriz humanística, especialmente, nas correntes sociais, filosóficas e antropológicas.

Em resumo, essa proposta visa conhecermos um pouco mais essas pessoas que querem usufruir da liberdade de escolha para o uso do seu tempo, tempo esse, livre de amarras impostas pelo sistema, transformando seu cotidiano em um processo contínuo de novas experiências e descompromissado. Esse retrato se expressa claramente nas ideias de Spinoza (1983) que atribui à expressão homem livre, aquele que age apenas pela força interior de seu desejo e de sua compreensão, considerando que a eternidade não está dissociada da vida presente, mas nela mesma, sendo ela a identidade da essência e da existência, na compreensão e aceitação daquilo que somos, agentes da história e não pacientes dela.

A partir dessa reflexão que permeia o universo dos viajantes nômades, surgiram inúmeras indagações, sendo que algumas das quais, o presente trabalho buscou aprofundar.

O que leva essas pessoas a decidirem mudar radicalmente o estilo de vida para viver viajando por tempo indeterminado? Por que fazem isso? O que estão buscando? Como foram influenciados? Como se relacionam com o mercado turístico durante as viagens? Quais dificuldades encontram no percurso? Como é a experiência de fato?

Tais indagações conduzem para o seguinte problema de pesquisa: O que estimula a permanência desses indivíduos na viagem? Quais são as principais características das leis da hospitalidade percebidas no percurso? De que maneira os viajantes nômades contemporâneos se relacionam com as mídias digitais e com o turismo?

Contudo, a presente investigação centraliza atenção nas ações que influenciam o processo de permanência deles em viagem, sobretudo nas questões relacionadas à percepção da hospitalidade no percurso. Tendo como objetivo geral compreender a hospitalidade no percurso dos viajantes nômades contemporâneos. E como objetivos específicos: analisar as teorias sobre o nomadismo correlacionando com o universo das viagens; investigar como as relações de interação humana envolvidas no processo podem estar associadas com as leis da hospitalidade; compreender como as mídias digitais influenciam o modo de vida desses viajantes; bem como avaliar se existe contribuição dos viajantes nômades ao turismo.

Como percurso metodológico, realizou-se, inicialmente, levantamento e análise de bibliografia relacionada ao tema, efetivada com objetivo de embasamento teórico, seguida por levantamento e análise por meio de netnografia¹ e pesquisa exploratória de caráter qualitativo.

¹“A netnografia consiste em um método qualitativo e interpretativo, adaptado a partir de técnicas, procedimentos e padrões metodológicos da etnografia, que auxilia na investigação da cibercultura e do comportamento das comunidades virtuais” (Gondim, 2020, p. 21).

A netnografia, foi um recurso metodológico utilizado como análise primária para pesquisa e seleção de perfis de viajantes individuais na internet, sobretudo em comunidades virtuais de viajantes, blogs de viagem e nas redes sociais, especialmente, no Instagram. Esse levantamento possibilitou elencar uma seleção de 40 viajantes potenciais, com o intuito de coletar informações mais aprofundadas, por meio de questionário online.

O processo de coleta de dados por meio da técnica de netnografia, se enquadra como complemento metodológico para preenchimento de lacunas que pudessem surgir no desenvolvimento da pesquisa empírica. Isso porque, uma prática comum entre os viajantes nômades contemporâneos é o uso de recursos tecnológicos, a exemplo das redes sociais Instagram e Facebook, para registro de seus percursos, manutenção e ampliação de contatos, ferramenta de arquivos áudio visuais das viagens, divulgação de ações diversas, entre outros.

Através das técnicas de netnografia e dos relatos obtidos por meio das entrevistas, acreditamos ser possível conhecer profundamente o universo particular dos viajantes nômades, buscando evidenciar noções que dificilmente se esclareceriam por outros métodos, que só a relação subjetiva estabelecida entre os sujeitos durante a pesquisa é capaz de externalizar.

Em um primeiro momento da pesquisa, sob caráter qualiquantitativo, foram aplicados formulários de pesquisa online, dos quais se obteve respostas de 25 viajantes nômades (ver Apêndice B), no período de 15 a 30 de junho de 2020, a fim de reconhecer as características das práticas de viagem desse público. Desses, somente os perfis que se enquadravam como viajantes nômades sem veículo próprio de locomoção foram selecionados para a etapa seguinte de caráter qualitativo.

Considerando que a pesquisa qualitativa busca descrever as informações coletadas, especificando as características do fenômeno analisado (Sampieri, Collado & Lucio, 2013), ela foi aplicada a 8 viajantes, selecionados a partir da pesquisa qualiquantitativa, e enriquecida com a participação de 3 anfitriões, de modo a ouvir os dois lados nas relações de hospitalidade. A pesquisa foi realizada por meio de questionário semi estruturado em um roteiro de entrevista (ver apêndices C e D), no período entre 01 de julho a 15 de setembro de 2021, através de entrevistas presenciais e virtuais, com auxílio de gravação de voz no caso de entrevista presencial e gravação de áudio e vídeo no caso das entrevistas virtuais através do *google meet*.

A pesquisa exploratória junto ao público alvo que fez parte dessa investigação, apoia-se o conceito de pesquisa fenomenológica devido a necessidade e preocupação em esclarecer o que é dado, pois conforme afirma Gil (2008, p. 14), “o objeto de conhecimento para a fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito”. O

autor salienta, ainda, a importância de se concentrar, exclusivamente, na experiência em foco, no significado que essa realidade tem para o objeto de estudo.

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, procurando resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa e não estruturada (Gil, 2008, p. 15).

Assumindo caráter exploratório e fenomenológico, a pesquisa é centrada no levantamento de dados empíricos, a partir das técnicas de etnografia e de pesquisa qualitativa aberta semi estruturada junto ao grupo de viajantes enquadrados na categoria definida. Tais técnicas buscam revelar caminhos, a partir das informações coletadas como forma de identificar as principais características que envolvem o universo da pesquisa (Sampieri, Collado & Lucio, 2013).

Como complemento ao método fenomenológico aplicou-se, também, o método observacional com o intuito de fortalecer a investigação no momento da captação de potenciais entrevistados. “Pode-se afirmar com muita segurança que qualquer investigação em ciências sociais deve valer-se, em mais de um momento, de procedimentos observacionais” (Gondim, 2020, p. 16). Parte considerável de evidências para este estudo foi baseada em relatos de experiências reais com observação direta aos perfis dos viajantes em redes sociais, bem como na aplicação de questionário online.

Cabe ressaltar que, o percurso metodológico também sofreu a influência demandada pela pandemia de covid 19 que afetou o mundo inteiro, fazendo com que os procedimentos empíricos de investigação tivessem de ser reavaliados e aplicados de maneira que pudessem atingir o objetivo proposto. Inicialmente, se pretendia analisar de maneira empírica com acompanhamento *in loco* alguns viajantes em percurso, mas isso não foi possível devido às imposições da pandemia, o que resultou na aplicação de entrevistas virtuais e presenciais, na medida em que era possível, cumprindo os protocolos sanitários vigentes.

Um dos caminhos também adotados na pesquisa, foi trazer as falas dos entrevistados como uma forma de inserção na teoria percorrida nos capítulos. As questões elencadas no roteiro de entrevista, para os viajantes e anfitriões, foi uma forma de verificar empiricamente as questões levantadas pela teoria como conceito de viagem, motivações, relações de hospitalidade, entre outros, a fim de obter dados de como tudo isso se desenvolvia no percurso.

O primeiro capítulo aborda a conceitualização do nomadismo no decorrer da história, buscando compreender as características pelas quais ainda na contemporaneidade esse modo de vida é buscado, fundamentalmente, pelos viajantes objetos deste estudo. Busca-se, também,

traçar subsídios para a busca de uma nomadologia nos tempos atuais, bem como a influência que o viver nômade detém sobre as viagens.

Já, no segundo capítulo são destacados os conceitos da hospitalidade aprofundados nas abordagens da virtude e da dádiva. Fazem parte deste enredo, os principais fundamentos de correntes epistemológicas que tentaram explicar a hospitalidade e o enigma do desconhecido no decorrer da história.

No terceiro capítulo, entra em cena a hospitalidade referenciada no percurso dos viajantes nômades e como as suas leis e regras são percebidas nesse processo.

O quarto e último capítulo traz à tona, alguns aspectos recentemente observados, indicando possíveis temas a serem investigados em pesquisas futuras. Apenas delinea os possíveis impactos que as tecnologias digitais têm causado na vida dos viajantes nômades, e de como tem se refletido no desempenho da atividade turística.

1 A Onipresença Nômade na Trajetória Humana

A viagem não é apenas a trajetória para um lugar geográfico, mas sim de um caminho para si. O destino final é indefinido porque não é um lugar geográfico. A viagem é antropológica.
(Trigo, 2013, p. 80)

O percurso inicial da humanidade foi, certamente, um caminho espinhoso pelo qual nossos ancestrais pré-históricos tiveram que passar para estabelecer o que hoje entendemos, academicamente, por evolução. Não vamos aqui nos estender nos conceitos históricos da trajetória humana, tampouco vamos tratar o termo evolução com enfoque de superioridade como fomos, constantemente, ensinados a reproduzir. Em vez disso, nos orientaremos pelo uso da palavra “transformação” (Pinsky, 1994) no lugar de evolução, como forma de registrar o mínimo respeito aos nossos ancestrais que, por algum motivo e em algum momento da história, possam ter sido tratados como seres inferiores apenas por escolherem não seguir a lógica de uma ordem que não lhes parecia favorável.

Os estudiosos da história humana concordam em datar o estágio de primeira transformação da espécie há cerca de 7 milhões de anos (Leakey, 1995, p. 15). Dado considerável para refletir sobre os avanços que os nossos ancestrais pré-históricos empreenderam nessa trajetória de propagação pelo globo.

De fato, a ocupação do planeta se iniciou há 1 milhão de anos, quando algum membro do grupo dos *Homo erectus*, firmando-se sobre seus pés, esticou a cabeça por sobre a rala vegetação da savana africana e se perguntou sobre o que haveria para além das montanhas que ele percebia acima da linha do horizonte (Pinsky, 1994, p. 18).

Já, o instinto viajante do ser humano remonta, há pelo menos, entre 1 a 2 milhões de anos atrás, quando os nossos ancestrais mais próximos se espalham da África para a Eurásia. Conforme Leakey (1995), os fósseis humanos mais antigos recuperados datam de 4 milhões até quase 1 milhão de anos atrás e foram registrados na África Oriental e do sul, enquanto que os fósseis mais antigos encontrados na Eurásia podem ter cerca de 2 milhões de anos de idade, com a observação de que o Novo Mundo e a Austrália foram povoados muito mais recentemente, há uns 20 mil e 55 mil anos respectivamente, sendo justo dizer então que a maior parte da ação na pré-história humana aconteceu na África.

Contudo, somente há cerca de 70 mil anos atrás a grande aventura humana começa, quando a espécie *Homo Sapiens* empreende uma grande jornada de exploração e busca por

novas experiências pelo planeta terra. Quando o *Homo sapiens* chegou à Arábia, a maior parte da Eurásia já era ocupada por outros humanos (Harari, 2011).

Sabe-se que o processo de transformação levou milhares de anos até a espécie adquirir habilidades suficientes, que lhes fornecesse subsídios de sobrevivência a ponto de a distinguir de outras do mesmo período como os Neandertais. Esse processo distinto que mudaria para sempre o percurso da espécie humana na terra, ao contrário do que ocorreu com as demais espécies do período, não se deu apenas por transformação natural biológica, mas sobretudo por meio do que se pode chamar de transformação cultural. Os humanos tornam-se humanos por meio de um aprendizado intenso não apenas das habilidades de sobrevivência, mas também dos hábitos e costumes sociais, parentescos e leis sociais — isto é, cultura (Leakey, 1995).

O *Homo Sapiens* passou a se distinguir dos demais, pelas habilidades adquiridas no processo cognitivo, o que possibilitou a alteração em seu estilo de vida e o transformou no único animal a possuir uma história. Conforme Harari (2011), os *Sapiens* foram os maiores desbravadores que já existiram no planeta terra, única espécie a conseguir conquistar territórios inóspitos em tão pouco tempo.

Tais fatos são importantes para compreender que a história humana carrega em si uma densa bagagem de mobilidade, sabe-se que desde o princípio os seres humanos migram por causas diversas que, em sua maioria, são ligadas à sobrevivência, busca por melhores condições, desejos pessoais associados à conquistas e autoconhecimento. Indiscutivelmente, referencia-se boa parcela dos primeiros feitos históricos acerca da mobilidade aos povos nômades.

A etimologia da palavra nômade provém do latim (*nomas, -adis*) e se refere a quem muda de fixação, a quem não tem residência fixa, a quem não fica muito tempo em um trabalho ou numa função, ao errante, ao vagabundo, ao vagamundo e se difere do sedentário (Priberam, 2020). Os conceitos atrelados ao termo comumente destacam as mesmas características, raros casos denotam outras faces para definir a nomenclatura. Na mesma vertente, o dicionário Michaelis (s.d.), também associa o termo ao latim (*nomás, -ádos*) referindo-se ao indivíduo sem habitação fixa, em geral pertencente a tribos ou grupos errantes, povos do deserto, que desafiam limites territoriais na busca por alimentos e melhores pastagens. Dificilmente, entram nas correntes de debates as perspectivas que observam os nômades pela ótica empírica do sujeito, que destaque suas motivações por evasão, e então a partir disso, novos conceitos passam a ser estabelecidos e difundidos.

Até aqui notamos que do ponto de vista conceitual histórico ocidental, os povos nômades são tratados como bárbaros, desertores, primitivos e demais nomenclaturas que os

relegam enquanto indivíduos desde o período neolítico, em um jogo de superioridade *versus* inferioridade.

O fato é que sempre tivemos uma tendência de dar aos termos conotações valorativas, o que é muito perigoso. Civilização, [...] é um estágio que inclui uma série de requisitos. O que não quer dizer, necessariamente, que seja melhor ou pior do que outro momento da história do homem na Terra. Evolução não quer dizer progresso, mas transformação. Do nosso ponto de vista, e só por isso, civilização pode ser melhor do que barbárie e o homem pode ser considerado superior ao macaco. Mas que tal olhar tudo isso do ponto de vista do chamado bárbaro ou do macaco? (Pinsky, 1994, p. 5)

Sabe-se que o sistema baseado na subsistência perdurou muito tempo, dando espaço ao sistema de caça e coleta, sendo este uma das características mais comuns na definição primária dos povos nômades. Posteriormente, com a revolução agrícola surgiu também o nomadismo pastoril. “[...] os bandos humanos, puderam, pouco a pouco, abandonar seu estilo de vida nômade e se assentar em acampamentos onde se estabeleciam por uma estação inteira, ou mesmo em caráter permanente” (Harari, 2011, p. 91).

Possivelmente, o antagonismo do tema remonte a esse período, quando parte da população nômade começa a sedentarizar e iniciam-se os conflitos com pastores nômades por motivação derivada da questão alimentar. Estima-se que tais conflitos eram associados às relações inevitáveis de troca para a sobrevivência.

As formas que essa relação adotava podiam ser muito variadas. Talvez a mais radical fosse a sedentarização dos próprios nômades que, ao abandonar seu estilo de vida, deixavam para trás as debilidades que tal estilo exigia, embora abandonassem também, seus modelos de pensamento, comportamento e visão de mundo (Shellard, 2014, p. 12).

O olhar dualista para o tema é fundamental para entender como propagou-se o conceito e porquê somente um lado da história é enfatizado. O discurso acadêmico, em sua grande maioria, especialmente os de caráter histórico, trata a perspectiva sobre os nômades a partir da ótica do sedentário, daquele que construiu a narrativa estando ao lado oposto da situação, ou seja, disseminando apenas uma versão dos fatos. Assim, temos uma difusão do tema expressa pelo dualismo, pela ambiguidade, pelo antagonismo e que se debruça fortemente aos aspectos do lado sedentário da questão.

Mary Douglas (1976) ao tratar sobre a inter-relação entre pureza, poluição e perigo nas sociedades primitivas alerta para a questão da desordem e como ela se insere na vida social. Associamos aqui o nômade como o sujeito impuro, disseminador da poluição, protagonista da

desordem conforme conceitos da autora e que retratam analogias às ideias de ordem e supremacia social. “A impureza é uma ofensa contra a ordem. Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo, pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio” (Douglas, 1976, p. 07).

Os estudos que trataram de fazer considerações sobre os nômades elegeram o antagonismo conceitual como principal corrente epistemológica, colocando nômades e sedentários em oposição, evidenciando o progresso humano aos últimos e apontando os primeiros como ameaça iminente ao desenvolvimento da civilização.

Harari (2011), em uma de suas indagações afirma que a Revolução Agrícola foi um erro de cálculo, onde nômades caçadores-coletores sedentarizaram-se orientados pela ambição de obter uma vida mais fácil, abandonando o estilo de vida característico e aderindo à agricultura de forma inevitável, levando ao rápido crescimento demográfico² e ao aumento de doenças, resultando em muitas dificuldades, e quando as consequências foram percebidas já era tarde, não se podia voltar mais ao que era antes, talvez nem soubessem como era antes do sedentarismo.

Enquanto os sedentarizados buscavam o novo modo de vida, baseado na agricultura, errando e aprendendo com a experiência, os nômades que continuavam vivendo seu estilo de vida sem grandes ambições passaram a ser observados como diferentes da grande maioria. A essa altura, sociedades de sedentários já estavam consolidadas e com controle populacional fragilizado, levando ao aumento dessas populações de maneira descontrolada, enquanto a mortalidade que também avançava, não superava a quantidade de humanos que nasciam. “Em média, um indivíduo na Jericó de 8500 a.C. tinha uma vida mais difícil do que um indivíduo na Jericó de 9500 a.C. ou de 13000 a.C. Mas ninguém percebeu o que estava acontecendo” (Harari, 2011, p. 93).

Quem sabe os nômades caçadores-coletores que restavam, perceberam que o modo de vida que os sedentários buscavam não era tão interessante como pensavam que seria? Possivelmente por isso e por serem uma minoria que sobrevivia com o necessário, foram

² O Homo sapiens chegou ao Oriente Médio há cerca de 70 mil anos. Durante os 50 mil anos seguintes, nossos ancestrais prosperaram na região sem se dedicar à agricultura. Os recursos naturais eram suficientes para sustentar sua população humana. Em períodos de fartura, as pessoas tinham mais filhos e, em períodos de escassez, um pouco menos [...] Bebês e crianças pequenas, que se locomovem devagar e demandam muita atenção, eram um fardo para caçadores-coletores nômades. As pessoas tentavam ter filhos a cada três ou quatro anos [...]. Com a mudança para assentamentos permanentes e o aumento na oferta de alimentos, a população começou a crescer. Ao abandonar o estilo de vida nômade, as mulheres puderam ter um filho por ano [...] não previram que o número de crianças aumentaria, o que significava que o trigo extra teria de ser partilhado entre mais filhos. Os primeiros agricultores também não perceberam que alimentar crianças com mais mingau e menos leite materno debilitaria seu sistema imunológico e que os assentamentos permanentes seriam incubadoras para doenças infecciosas (Harari, 2011, pp. 90-93).

tratados com desprezo pelos que já não sabiam o caminho de volta para esse estilo de vida? Não sabemos e talvez nunca saberemos essas respostas de fato, o que se sabe é que os nômades que mantiveram o propósito de caça e coleta não se tornaram submissos àqueles que tentaram de alguma maneira lhes oprimir. “O errante cultiva o paradoxo da forte individualidade e sabe se opor, de maneira rebelde e radiosa, às leis coletivas [...] Nada mais conta, exceto ele e seu uso do mundo” (Onfray, 2009, p. 14). Por isso, as civilizações sedentarizadas que seguiram no percurso da história, também não ambicionaram evidenciar registros que contassem os feitos dos povos nômades. Nem mesmo tentaram especificar sua visão de mundo, pois os nômades que resistiam, já demonstravam que o subterfúgio era o objetivo de vida e que qualquer intenção de domínio sobre eles era tratada como ameaça. “O nômade inquieta os poderes, é o incontrolável, o elétron livre impossível de seguir, de fixar, de designar” (Onfray, 2009, p. 07).

Encontra-se no pensamento de Deleuze e Parnet (1998, p. 31) a definição que se traduz a partir do rompimento com o modelo conceitual, quando afirmam que “a história, porém, nunca compreendeu nada dos nômades, que não têm nem passado, nem futuro”. É evidente a crítica que os autores fazem aos estudos que referenciam o nomadismo, já que não contemplaram as interfaces subjetivas do conceito. Assim, compreende-se, a partir da noção conceitual de tais autores, que o nômade não mais deve ser visto, necessariamente, como o sujeito desterritorializado, errante sem causa, associado sempre ao deslocamento espaço temporal, mas sim de maneira subjetiva como subversor do sistema, a quem possa se atribuir o estilo de vida pautado no empirismo, com resistência e oposição ao Estado, ao que eles chamam de máquinas de guerra.

Deve-se, sobretudo, tecer reflexões críticas acerca do conceito de nomadismo, compreender melhor as lacunas teóricas, não mais pensar apenas pela perspectiva antagônica ao sedentarismo, pela “lógica contraditorial”³ (Maffesoli, 2001) a qual tem sido difundida há muito tempo na trajetória acadêmica, mas pelo viés dos processos intelectuais compreendidos nos fatos empíricos desses sujeitos.

A falta de dados consistentes que tratem, exclusivamente, sobre os nômades, assim como são os estudos da história humana, que foi e continua sendo escrita baseada em fatos, ainda pode ser considerada do ponto de vista científico, sobretudo, se direcionar o olhar à subjetividade do conceito.

O nomadismo contemporâneo permeia a vida humana e não está associado apenas, direta e intrinsecamente, ao mover-se como outrora. Hoje ele está na fuga aos padrões impostos

³ Dialética onde os opostos permanecem em contínua tensão, sem síntese.

pelo sistema, na “impermanência das coisas, das pessoas e das relações” (Maffesoli, 2001), sendo, portanto, não apenas um conceito, mas uma ideologia, repleta de aspectos subjetivos evidenciando correspondências para uma gama de interpretações de cunho social.

Diante dos padrões impostos pela vida no sistema, viver nômade nos dias atuais requer formulação de comportamentos diferenciados daqueles que a grande massa reproduz. *“Viver nômade é conseguir respeitar esse valor máximo que é a liberdade, de viver a minha maneira, de realizar a minha rotina e meu trabalho respeitando a minha essência e meus valores”* (Viajante D).

Talvez, possa ser o nomadismo contemporâneo, abarrotado de subjetividades sociais e moldado pelo contrafluxo do modelo estrutural, um dos motes, intrinsecamente ligado a essa nova Era da humanidade em que a revolução científica e tecnológica já demonstra profundas mudanças no percurso histórico.

Os fundamentos epistemológicos que cerceiam entendimentos sobre o nomadismo, jamais consideraram a narrativa pela visão dos próprios sujeitos, o que sabemos sobre o assunto é apenas parte da verdade sobre os nômades. Nos resta inferir, que discorrer a respeito do nomadismo é um ato de reparação histórica diante do estigma ao qual está atrelado, pois versar sobre nomadismo conceitualmente ainda é um desafio diante das contribuições teóricas existentes.

1.1 Busca por uma nomadologia contemporânea

Se não podemos voltar no tempo para reescrever a história do nomadismo pelo viés do nômade, podemos escrever uma nova história do nomadismo presente em nosso tempo, observando as interfaces do “sucesso evolutivo pela experiência individual”⁴ (Harari, 2011, p. 103).

A percepção sagaz de Deleuze e Guattari (1995) quanto à falta de referenciais que tratem de uma história do nomadismo foi a inspiração para essa análise. Afinal, a ciência se faz de

⁴ Yuval Harari considera que o sucesso evolutivo medido pelo fator numérico, ou seja, pela quantidade de pessoas que seguem a tendência, não serve de consolo pela quantidade de pessoas que sofrem individualmente no processo. Para ele é preciso considerar em que medida esse sucesso evolutivo se traduz em experiência individual (Harari, 2011, p. 103).

conhecimento e devemos, portanto, esse ato de reparação àqueles que não caíram na “armadilha do luxo”⁵ (Harari, 2011).

Como seria, então, a história do nomadismo contada do ponto de vista dos protagonistas e não dos expectadores sedentários? Certamente, não existe uma resposta pronta para essa pergunta, todavia é possível visitar algumas correntes epistemológicas e empíricas que possam esclarecer ao menos alguns pontos desse dilema e orientar uma possível, ao menos mínima, compreensão, ainda que subliminar do assunto para que possamos então presumir o nomadismo contemporâneo.

Parte-se do princípio de que os nômades caçadores coletores não tentavam dar utilidade à vida, assim como fizeram os sedentários e como a grande massa da população atual segue reproduzindo, como herança daqueles que pleitearam uma vida mais fácil adotando a agricultura. “Os caçadores-coletores desconsideravam o futuro porque viviam do que havia disponível [...] Paradoxalmente, isso os poupava de muitas ansiedades. Não fazia sentido se preocupar com coisas que eles não podiam controlar” (Harari, 2011, p. 107). É razoável supor que, a armadilha do luxo que sabotou as aspirações de uma vida melhor, objetivadas pelos sedentários, é o embrião da ideia de progresso que os Sapiens do século XXI alimentam.

Os nômades foram excluídos dos enredos históricos, a partir do momento que passaram a não mais interessar para a máquina de progresso, adquirindo estereótipos e arquétipos formatados pelos sedentários como expressão daquilo que não serve para caminhar junto rumo à evolução sendo vistos até como seres não evoluídos por essa escolha.

Logo que suas atitudes de não submissão ficaram evidentes, o Estado, para seguir o termo de Deleuze & Guattari, tratou de lançar mão de estratégias de controle que pudesse atingi-los, porém sem grande sucesso como a trajetória histórica nos mostra.

A exclusão dos nômades no percurso histórico é comumente atrelada às questões de alteridade identitária, assim como no Neolítico foram segregados, a história também se repetiu na conquista da América.

Toda ordem religiosa ou política define-se pela exclusão do outro - bode expiatório: aqui o nômade, o judeu, o não-cristão, o impuro. E claro que esse desejo de expulsão, de extermínio, de eliminação do outro é muito mais violento porque o inimigo, o impuro, o bode expiatório — o judeu, o muçulmano, o pobre, o nômade, em geral — seduz o exterminador, visto que é parte integrante de sua identidade rejeitada (Attali, 1993, p. 173).

⁵ A história da armadilha do luxo traz uma lição importante. A busca da humanidade por uma vida mais fácil desencadeou forças imensas de mudança que transformaram o mundo de uma maneira que ninguém havia imaginado ou desejado (Harari, 2011, p. 95).

Jamais iremos saber qual era de fato a organização desses povos para se manterem fora daquele sistema que se instalava, quais foram suas estratégias e quais ferramentas físicas e subjetivas lhes deu respaldo para a continuidade do modo de vida, então subversor. O fato é que, esse novo modelo imposto pela Revolução Agrícola abriu um caminho sem volta para a humanidade, colocando caçadores coletores em situação ambígua diante de uma bifurcação existencial e que incorporou estereótipos até hoje sustentados pela sociedade. Possivelmente, o percurso que seguiram os nômades foi menos doloroso que o escolhido pelos sedentários.

Assim, o sujeito nômade contemporâneo diligencia um retorno a um modo de vida inspirado pelos primitivos caçadores coletores, onde se recria a tal máquina de guerra que contesta os “aparelhos de Estado” (Deleuze & Guattari, 1995) e a (des) ordem provocada pela Revolução Agrícola.

Esse nomadismo contemporâneo, ou pós-moderno como trata Maffesoli (2001), em voga atualmente, é bem diferente daquele primitivo, tido puramente como sobrevivencialista. Ele é mensurado pela ênfase dada à dimensão qualitativa da existência, movido pela evasão, pelo desejo de outro lugar, pela sede do infinito, ou seja, uma pulsão pela errância traduzida como resposta àquilo que já não mais satisfaz. É, portanto, a maneira encontrada para “escapar da solidão gregária própria da organização racional e mecânica da vida social moderna” (Maffesoli, 2001, p. 70).

Afinal, esse nomadismo contemporâneo ainda não é uma prática difundida e popularizada para que haja debates mais amplos, porém já movimenta relevantes discussões sob diversas óticas. Vem se apresentando, de modo emblemático penetrando de maneira simbólica em diversos campos sociais, dando uma conotação subjetiva à mobilidade tradicional. O nômade contemporâneo permanece subversivo em essência, mas agora protagoniza uma errância que não implica apenas em deslocamentos físicos, sobretudo, se alimenta de deslocamentos associados à fuga da ordem em perspectivas simbólicas. *“É você ter uma mente aberta em relação as possibilidades do dia a dia em diferentes lugares, mas não necessariamente você estar em um deslocamento geográfico” (Viajante C).*

O modo de subversão aos padrões da sociedade talvez seja a maior característica do nomadismo contemporâneo. O errante, antes associado ao modo de vagar sem rumo, hoje assume uma postura de errante desertor, aquele que vaga por escolha própria pela adoção da ruptura com o modelo social convencional e pela autonomia do ir e vir.

O homem dos animais em movimento contra o do campo que permanece. Os andarilhos, os vagabundos, os errantes, os que pastam, correm, viajam, vagueiam, flanam, já e sempre em oposição aos enraizados, aos imóveis, aos petrificados (Onfray, 2009, p. 11).

Os nômades contemporâneos podem ser associados como protagonistas dos “Tempos líquidos” de Bauman (2007), possuem como característica predominante os ideais de liberdade alicerçados no princípio de oposição ao sistema, a máquina que impõe uma vida estável em troca de amarras e controle. Encontra-se no pensamento de Bauman (2007) a justificativa para essa mudança de comportamento, pois segundo ele a passagem do estado “sólido” para o “líquido” da modernidade colocou as organizações que antes passavam segurança ao indivíduo em posição obsoleta diante dos cenários sociais complexos que se descortinaram neste século, perdendo assim a detenção do monopólio dos projetos de vida das pessoas.

A máquina moderna está em colapso, “a maior parte das invenções é uma tentativa de nós, humanos, nos projetarmos em matéria para além de nossos corpos. Isso nos dá sensação de poder, de permanência, a ilusão de que vamos continuar existindo” (Krenak, 2020a, p. 17).

Diante da condição mutável das coisas, da soberania dos mecanismos de controle social enraizado nas organizações, da superficialidade das relações de toda ordem e da efemeridade da vida contemporânea, sujeitos dessa Era passam a repensar seus modos de vida, o tempo dedicado às funções utilitárias e a quantidade de tempo destinada a realizar o que realmente lhes preenche a existência. “Trata-se de uma tendência geral de uma época que, por uma volta cíclica dos valores esquecidos se liga a uma contemplação daquilo que é” (Maffesoli, 2001, p. 28).

Os nômades contemporâneos são as pessoas que já não pretendem seguir os mecanismos sociais de padrão repetitivo imposto pelos detentores do grande poder capital, querem o protagonismo em um espaço de destaque, onde possam ser “agentes da história” (Spinoza, 1983) e não pacientes dela.

A ideia de retorno aqui não está ligada a um processo de retomada aos padrões de vida tal qual dos antigos nômades caçadores coletores, mas de tentar fazer algo diferente daquilo que estamos fadados a nos tornar, a partir da experiência adquirida desde que nossa espécie se sedentarizou. Entende-se como uma busca por esclarecimentos como pontuou Bauman (2007) a respeito da insegurança existencial que permeia a sociedade globalizada, que agora “traz à mente da maioria de nós a experiência aterrorizante de uma população heterônoma, infeliz e vulnerável, confrontada e possivelmente sobrepujada por forças que não controla nem entende totalmente” (Bauman, 2007, p. 13). O discurso dos nômades contemporâneos está ligado a um

retorno à essência humana, à liberdade de viver mais natural, à autonomia efetiva, à alteridade filosófica, à ideia de consumo minimalista dos recursos do planeta para garantia da sobrevivência, um rompimento gradual em busca de uma clareza existencial.

Essa insegurança existencial nos coloca a indagar sobre as características motivacionais para essa reviravolta comportamental que contrapõe séculos de caminhada dos Sapiens sedentários rumo ao progresso. É como nos diz Bauman (2001), a sociedade em seu Estado líquido tem na individualização sua marca registrada. As leis coletivas já não fazem tanto sentido para a busca da satisfação pessoal, a pressão imposta pelo sistema e sustentada pela mão do progresso já não coage com tanta força, suas engrenagens estão se afrouxando pela lamentável perspectiva social vivida, talvez para os nômades contemporâneos, já não faça mais sentido participar dessa coletividade que não reage.

Nessa humilde tentativa de apresentar a nomadologia contemporânea, fundamentada pela busca livre do retorno ao natural, adentra-se os campos da sociologia para sustentar essa nova inclinação de indivíduos à experimentação dos delírios da errância. E em tempos de avançadas crises motivadas por diversas ordens sociais, o que a sociologia nos orienta é a “promoção da autonomia e da liberdade” (Bauman, 2001, p. 243). Não se trata de uma busca pautada em quebras de dogmas e rompimentos definitivos com o modelo social vigente, mesmo porque seria utópico, versa sobre um fazer diferente mesmo estando dentro. “Tinham as mãos amarradas, ou algemadas, e ainda assim os dedos dançavam, voavam, desenhavam palavras” (Galeano, 2002, p. 07).

Outro aspecto da nomadologia contemporânea é o fato de que não carrega a mesma carga da mobilidade física tal qual no Paleolítico. A condição atual dos nômades, encontra-se nas pessoas, nas ideias, nas profissões, nos sistemas e em tantas outras coisas que se movimentam por formas outras que, não necessariamente, a do deslocamento físico, sobretudo no movimento subjetivo da palavra. Portanto, o nomadismo contemporâneo não é um conceito, é uma expressão que emerge do comportamento social na tentativa de evasão do modelo.

Já tive experiências com algumas profissões, nunca deu certo pra mim, nunca gostei que alguém me falasse, faça isso ou faça aquilo. Então resolvi eu mesmo ser meu patrão, decidir a hora que eu vou comer, que eu vou dormir, se eu quero trabalhar hoje ou se eu não quero, se eu vou pra direita ou pra esquerda, se eu vou em linha reta, se eu quero ficar parado (Viajante G).

Deleuze e Parnet (1998) também defendem que a volta do nomadismo não se associa profundamente aos conceitos arcaicos, suscitados aos caçadores coletores, transpassando inclusive a noção de mobilidade em processos de subjetificação.

Fugir não é exatamente viajar, tampouco se mover. Antes de tudo porque há viagens à francesa, históricas demais, culturais e organizadas, onde as pessoas se contentam em transportar seu "eu". Em seguida, porque as fugas podem ocorrer no mesmo lugar, em viagem imóvel (Deleuze & Parnet, 1998, p. 31).

A fuga tão almejada pelos nômades contemporâneos é na verdade uma possibilidade de evasão para preenchimento de vazios existenciais que vão ficando cada vez maiores, à medida em que buscamos mais utilidade e funcionalidade ao repertório social. “A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida é fruição, é uma dança cósmica e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária” (Krenak, 2020a).

Tem pessoas que tem valores de liberdade tão fortes que não conseguem ver que elas estão aproveitando as possibilidades da vida vivendo em um só lugar, parece que a vida se torna muito limitada, então elas precisam estar em movimento para aprender coisas novas. As vezes, isso é feito de uma maneira para aprender, mas as vezes também é feito como modo de fuga, porque tem gente que tá ali vivendo o cotidiano e não consegue lidar com os problemas do dia a dia (Viajante E).

O despertar da consciência em um imbróglio de crises geradas pela corrida insana ao desenvolvimento, tem colocado em evidência a construção de uma identidade peculiar, em que a noção de territorialização no modelo não mais influencia as aspirações de transformação protagonizadas pelos sujeitos despertos.

As teias que nos enredam são parte dos efeitos da globalização, em que mesmo parecendo presos estamos livres para alcançar o que desejamos, como um artifício que cabe na palma das mãos, mas que por vezes, parece escapar por dentre os dedos. “A gente, às vezes, cresce em um lugar e acha que o mundo é daquele jeito, conforme aquela bolha que a gente vive e quando a gente se permite a ir para outros lugares, com outras culturas a gente começa a perceber que existem outros certos e errados, outras formas de se viver, de se trabalhar, de se relacionar” (Viajante D). Há quem se contente e se satisfaça com o modelo que se configurou sob nossos olhos e há quem o queira subverter. “O grande erro, o único erro, seria acreditar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida [...] Fugir, porém, ao contrário, é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 40).

É nessa linha de fuga que o nomadismo contemporâneo se exprime. Não se apresenta como uma fuga pelo simples ato de abandonar, mas pela ótica do escape para criar algo que faça sentido e satisfaça suas buscas, por meio de uma produção subjetiva, não por fugir das imposições de um modelo em colapso. E como diria Paulo Freire (1992), por “esperançar”⁶.

Essa tomada de consciência que abre as portas dos porões existenciais, impulsiona os debates internos de autoconhecimento, o qual questiona a importância do nosso papel como indivíduos em busca de satisfação pessoal nas relações humanas e coletivas nos territórios onde estamos inseridos. A complexidade de tais crises existenciais não é ruim, em sua máxima, Edgar Morin afirma que a ansiedade, emoção ligada ao mal do século, estimula os indivíduos a irem em busca da “verdade que explica, da certeza que se esquivava, da felicidade que é devida” (Morin, 1975, p. 145).

Entram nessas discussões as temáticas contemporâneas de estilos de vida que reforçam o debate de regresso ao modo de vida mais natural e nas práticas de mínimo impacto ao planeta. “Precisamos lembrar que nossas memórias, sonhos e ambições não estão guardados nos objetos, mas sim dentro de nós. Não somos aquilo que temos; somos o que fazemos, o que pensamos e as pessoas que amamos” (Jay, 2016, p. 24).

O termo menos é mais, em voga nesses discursos, destaca a busca e o prazer pelo suficiente e é tido como alicerce nas práticas do minimalismo, da permacultura, do sagrado feminino, da agrofloresta, da meditação e de outros estilos que estão ganhando adeptos em proporção considerável na contemporaneidade. “O jeito é olhar para o nosso ser interior, e não ficar supervalorizando o trem que passa lá fora. Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver” (Krenak, 2020a, p. 24).

No entanto, a adesão a estilos de vida que vão no contra fluxo do desenvolvimento e progresso humanos, pelo menos nos conceitos que a globalização tenta deflagrar, não significa que é um rompimento total com o modelo, mas uma espécie de simbiose entre os dois universos em questão. “Uma verdadeira ruptura pode se estender no tempo, ela é diferente de um corte significativo demais, ela deve ser continuamente protegida não apenas contra suas falsas

⁶ É uma esperança associada a uma luta para transformar a realidade, baseada em ações concretas em oposição aos discursos da desesperança. É uma esperança que impulsiona o sonho e a utopia. Que quando encontra situações limite, busca forças para agir e não fica esperando que a realidade mude sem esforços pessoais. É a ideia de movimento em detrimento da espera. O esperançar está embutido em cada ação que leva a pessoa em busca da realização de um sonho, só assim é possível transformar a realidade.

“Não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens” (Freire, 1992, p. 47).

aparências, mas também contra si mesma, e contra as reterritorializações que a espreitam” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 32).

Os nômades contemporâneos estão por toda parte, apresentam-se de forma física, virtual ou abstrata, ocupando espaços desterritorializados, ultrapassando fronteiras de toda ordem, transpondo as barreiras do sistema, liderando um novo estilo de viver em sociedade baseado em técnicas que lhes proporcionem mais felicidade por meio da liberdade. *“No nomadismo eu encontrei essa possibilidade de viver as liberdades que fazem sentido pra mim, não só a liberdade de viajar e de conhecer lugares, mas a liberdade de estruturar uma rotina de vida e de trabalho que tem significado pra mim, respeitando coisas e valores que são importantes pra mim” (Viajante D).*

Em suma, a nomadologia contemporânea está sendo escrita a partir do vácuo que a história não revelou sobre o nomadismo, por meio da expressão que está viva, como um recomeço de algo que nunca teve fim. Deleuze & Parnet, ao tratar sobre recomeço, explicam que a maneira de recomeçar é uma via de mão dupla, há quem prefira o recomeço a partir do ponto de origem, ou seja, do nada, do zero e há quem opte pelo recomeço como retomada de algum ponto que tenha ficado suspenso em algum dado momento. Assim, “[...] retomar a linha interrompida, acrescentar um segmento à linha quebrada, fazer com que passe entre dois rochedos, em um estreito desfiladeiro, ou por cima do vazio, lá onde ela havia parado” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 32) é a noção do nomadismo contemporâneo tratada neste estudo.

1.2 O nomadismo contemporâneo e sua relação com as viagens

Se o nomadismo contemporâneo está, intrinsecamente, ligado à fuga de tudo aquilo que possa enraizar, então podemos dizer que a expressão encontra no mundo das viagens um verdadeiro delírio. “Uma fuga é uma espécie de delírio. Delirar é exatamente sair dos eixos (como ‘pirar’)” (Deleuze & Parnet, 1998, p.33). E no meio desse delírio surge a figura de um protagonista errante desses tempos, aquele que encontrou nas veias abertas do nomadismo uma possibilidade de colocar em prática seus anseios de liberdade, o viajante nômade contemporâneo.

Dois anos ele caminha pela terra. Sem telefone, sem piscina, sem animal de estimação, sem cigarros. Liberdade definitiva. Um extremista. Um viajante estético cujo lar é a estrada[...] Para não mais ser envenenado pela civilização, ele foge e caminha sozinho sobre a terra para perder-se na natureza (Krakauer, 1998)⁷.

A citação abre discussão para o entendimento sobre a relação entre o nomadismo contemporâneo e o universo das viagens.

O viajante nômade contemporâneo pode ser descrito como o sujeito libertário, subversor do modelo, que encontra nas viagens o caminho para efetivar suas ambições disruptivas. “*A viagem representa a minha vida, porque é uma coisa que se tornou algo natural pra mim [...] isso aqui é realmente a minha vida, quando passei a enxergar dessa maneira tudo ficou mais claro. Ela é viver, é o sentido de eu estar vivo, de eu existir*” (Viajante B). São pessoas com ideal de liberdade, que se desprendem da rotina convencional de trabalho em sociedade para entregar-se, de livre vontade e por tempo indeterminado, aos prazeres de viver viajando, sem um rompimento total com o sistema.

É ser desconfiado, ser questionador e é ser improvisador, como os caixeiros viajantes, que tinha antigamente, que levavam um pouquinho de cada coisa numa carroça ou numa malinha, viajando por lá, por aqui, cada um de um jeito. E um viajante ele é a própria caixa, porque ele vai em busca de alguma coisa, ele é um mercador de vivência, ele traz experiência, ele traz uma visão pra si mesmo. Então talvez o viajante ele é um transportador, um mercador de visões de lugares diferentes, para mudar pra si e trazer para os outros (Viajante F).

O que leva essas pessoas a buscarem um novo estilo de vida baseado na busca contínua pelo prazer (Mauss, 2003) e afastado, mesmo que subjetivamente, da roda de sistema, pode ser associado à fuga de padrões repetitivos que já não lhes causa atração. “*É pra isso que a gente tá de mochila nas costas, pra gente chegar em um lugar que as vezes nem decidiu, mas chegou [...] não tem um mapa, uma seta, até quando você tá voltando, você tá indo também, sempre indo*” (Viajante G). A recorrente insatisfação com os modelos políticos, a ganância desenfreada, o consumo excessivo, a “liquidez das coisas” (Bauman, 2001) e demais situações que colocam em cheque se a humanidade está seguindo pelo caminho certo também são fatores

⁷ Transcrição da música *King of the road*, de Roger Miller, por Alexander Supertramp (Christopher J. McCandless) em uma placa de compensado que tapava uma janela quebrada do ônibus 142 que serviu de abrigo para o aventureiro no Alasca, em maio de 1992. A história de Chris McCandless tornou-se uma das maiores referências de nomadismo contemporâneo, servindo de inspiração para muitos jovens viajantes desde a publicação do livro *Into the Wild* (1996) e, posteriormente, com o lançamento do filme (2007) inspirado no livro. Recentemente, em 18 de junho de 2020, o ônibus foi removido do Parque Nacional de Denali por representar uma atração perigosa para aventureiros.

a considerar. Outro mote é a desilusão adquirida e o mal-estar causado pela pressão à “utilidade humana” (Krenak, 2020a).

Boa parte dessa busca pela libertação, mesmo que não em sua totalidade, justifica-se pelo modelo de trabalho imposto nas sociedades contemporâneas com grande carga advinda das revoluções históricas em busca de desenvolvimento e progresso. “Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção [...]” (Han, 2015, p. 18). Essa mudança de foco, atenta aos anseios pessoais e busca ou aperfeiçoamento por autoconhecimento, tem impulsionado pessoas a enxergar no universo das viagens econômicas uma possibilidade de atingir esses ideais se permitindo a vivenciar os momentos sem tanto controle do tempo.

O rompimento, ao que parece, não está alicerçado à renúncia total do que nos liga como sociedade. A renúncia refere-se, às renúncia as amarras que sugerem fixação e permanência naquilo que foge do controle e controla. “É como um anzol nos puxando para consciência. Um tranco para olharmos o que realmente importa” (Krenak, 2020b, p. 12).

Esse viajante, assim autodenominado como nômade, configura-se como um sujeito transgressor dentro dessa lógica, mesmo utilizando-se das mesmas matrizes como alicerce, ele rompe os padrões e vai além de tais experiências.

Maffesoli (2001) atribui a noção de “pulsão da errância” a uma espécie de fuga de um mundo que já não satisfaz os anseios para tais indivíduos e, destaca, ainda, o que talvez seja o motivo para esses sujeitos aventurarem-se na vida nômade, “escapar da solidão do *tédio existencial* [grifo nosso] que há dentro da organização racional e mecânica da vida social moderna” (Maffesoli, 2001, p. 70).

O termo viajar, associado à prática dos nômades contemporâneos, refere-se à experiência existencial pautada na saída do universo habitual para a busca do novo, do desconhecido, em que o mais importante não é o destino final e sim o próprio ato de viajar e a importância dada às vivências do percurso. É como revela Beni (2007) ao citar que a viagem é a ruptura do cotidiano, possibilitando vivências inesperadas e surpreendentes como um movimento externo e interno a nós mesmos.

É um caminho, que imita a vida. A possibilidade de um caminho da onde eu não sabia nada e vou desconfiando, errando durante o percurso e quando chega no derradeiro, [...] a gente, ainda, talvez tenha percebido que não soube tudo, que faltou um monte de coisa. [...] a viagem seria uma caminhada pelo quintal nosso, que seria o mundo né, pra gente até se resignificar e ver que a gente não é tão grande assim. Então, a viagem é caminho de tudo, interno, externo, simultâneo, complexo, a viagem é isso, é um emaranhado. E se fosse transportar a viagem para algo físico seria a própria

estrada, onde estão todos indo e vindo e mesmo que tenha um ponto final, a gente quando volta ou quando vai sempre tem um caminho alternativo ou vê alguma coisa diferente, então a viagem é um caminhar (Viajante F).

Falcão (2013) em uma análise sobre as narrativas de viagens associadas ao movimento, faz refletir sobre passagens históricas citando alguns casos específicos como a transgressão de Adão e Eva às normas do paraíso, que os leva a percorrer caminhos de aventura e incerteza. Adentra à mitologia grega em que se atribui a Hermes, Deus dos viajantes, a noção de aprendizagem nas viagens, encontrando no grande feito heroico realizado por Noé e nos deslocamentos dos povos nômades primitivos (caçadores-coletores e pastores) o sentido da viagem como necessidade humana. Ainda, atribui aos peregrinos, em suas jornadas de fé, os atributos de medo, risco e superação embutidos na viagem, elencando às Cruzadas, as categorias de alteridade e de sentido pessoal em seus percursos. Chega até ao momento de expansão territorial, com as grandes navegações do século XVI, evidenciando o choque gerado pelas manifestações interculturais às viagens.

A noção de viagem que Falcão nos traz, destaca uma preocupação didática, embasada, sobretudo, na objetividade e nos atributos abstratos que são inerentes ao conceito. Por meio de sua narrativa podemos perceber quão generalizada pode ser a interpretação da noção de viagem e quanto de sentido ela pode representar.

Nesse contexto, é possível destacar as categorias subjetivas intrínsecas ao modo de viagem nômade, abundante de sentido abstrato em suas relações e na busca por respostas e significados da vida. A viagem, ultrapassa o sentido correspondente a “*uma experiência de liberdade geográfica plena*” (Viajante A), para além desse significado, ela é “*uma ligação com minha parte interior, é um momento de encontro comigo mesma, de viver esse eu e eu, entender quem eu sou, o que eu quero, é um momento que eu me sinto experienciando liberdade. A possibilidade de diálogo comigo mesma*” (Viajante C).

Com isso, a ideia de nomadismo abordada neste estudo não está arraigada somente ao conceito da nomenclatura tal qual os dicionários reproduzem há tempos, mas sim a uma nova percepção da prática, associada ao cenário global contemporâneo, em que a categoria nômade pode sugerir olhares abstratos a esse paradigma. Para tal afirmação, apoia-se no pensamento de Maffesoli (2001) quando se refere ao nomadismo pós-moderno através da pluralidade de valores e papéis, o que leva a um politeísmo de valores, que para ele são a causa de uma vida errante em busca do encantamento pessoal e do reencantamento com o mundo.

A viagem pode ser breve ou demorada, instantânea ou de longa duração, delimitada ou interminável, passada, presente ou futura. Também pode ser peregrina, mercantil ou conquistadora, tanto quanto turística, missionária ou aventureira. Pode ser filosófica, artística ou científica. Em geral, a viagem compreende várias significações e conotações, simultâneas, complementares ou mesmo contraditórias (Ianni, 2003, p. 13).

Indubitavelmente, a viagem faz parte da história das sociedades desde os primórdios dos tempos e assume significados diferenciados conforme a interpretação que se faz dela. *“Viajando eu vejo a quebra de prepotência e verdades absolutas, [...] o movimento provoca a transformação na gente, a gente nunca volta mais do mesmo jeito [...]. Viajar pra mim é transformação” (Viajante D).*

Como ponto de partida, é justo distinguir o ato de viajar daquele de viajar para fazer turismo, sem adentrar profundamente aos campos conceituais que definem turismo, mas interpelando sobre a ausência de estudos significativos na formação acadêmica quanto as concepções subjetivas que envolvem as viagens. Isso porque, nota-se a preocupação eminente da academia em promover a disseminação dos conhecimentos a respeito do turismo, como atividade econômica, em detrimento de sua essência, de sua matriz, que é a viagem.

Para compreender a viagem em sua totalidade é preciso se permitir, estar aberto à novas concepções, despir-se daquilo que julga como verdade, pois ela “é, portanto, uma tentativa de ampliar a consciência que temos do mundo e de nós mesmos, através de deslocamentos que nos permitam conhecer um pouco mais esse mundo e as gentes que o povoam” (Trigo, 2013, p. 80). *“No início eu viajava pela beleza do lugar, com o tempo eu percebi que viajar é uma grande ferramenta de autoconhecimento e de conhecer o mundo” (Viajante E).*

Assim, como faltou uma nomadologia no percurso da humanidade, há que evidenciar também a ausência de olhares para a compreensão e disseminação dos conceitos de viagem.

Sempre há viajantes, caminhantes, viandantes, negociantes, traficantes, conquistadores, descobridores, turistas, missionários, peregrinos, pesquisadores ou fugitivos atravessando fronteiras, buscando o desconhecido, desvendando o exótico, inventando o outro, recriando o eu. São inúmeros os viajantes emblemáticos, demarcando momentos da história e da mitologia, em geral povoando a imaginação das gentes [...] (Ianni, 2003, p. 14).

E mais do que isso, na atual conjuntura social que a humanidade tem experimentado, há que pontuar também os efeitos globais que atingem a noção de viagem e viajantes. O exótico, por exemplo, talvez já não seja um termo adequado para se referir ao diferente. O desconhecido tido como excêntrico tempos atrás, hoje é capaz de provocar o desconhecido que chega em seu

espaço a repensar seus papéis, munido de empoderamento e pertencimento ao lugar, convida o que chega a experimentar a alteridade, diminuindo a distância entre os sujeitos. Com isso, fica claro que até mesmo os termos associados ao conceito passam por transformações e por isso também precisam de abordagens mais densas.

Partindo do pressuposto pelo senso comum, a viagem refere-se à experiência existencial pautada na saída do universo habitual para a busca do novo, do desconhecido. Por outro lado, ao reconhecer o significado da viagem pelo olhar interior, com a plena consciência de como ela pode influenciar na nossa existência, podemos conceber sua essência pautada no autoconhecimento. “*Abertura de consciência, vivenciar outras culturas [...] Se fosse resumir em uma palavra seria conexão com a natureza, com o ambiente, com outras pessoas, com outras culturas*” (*Viajante H*). Em outras palavras, “*é ter um horizonte novo*” (*Viajante G*). Assim, a viagem não deve ser associada apenas ao movimento físico de corpos no espaço em busca de algo ou um caminho, ela pode assumir diferentes formas para além dos estereótipos firmados no decorrer da história.

A viagem, portanto, é mais que geográfica, é um caminho. Poderia ser uma histórica, onírica, simbólica, imaginária, espiritual ou até mesmo alucinógena (provocada pelos efeitos das drogas psicoativas ou outras experiências que excitem as sensações e as percepções)? (Trigo, 2013, p.6)

Ao se pensar na viagem transcrita pelas passagens históricas, sejam elas bíblicas ou científicas, percebemos que a história humana carrega em si uma considerável consistência de mobilidade arraigada, quase que essencialmente, nos deslocamentos territoriais. Sabe-se que desde o princípio os seres humanos migram por variadas e complexas causas que, em sua maioria, são ligadas à sobrevivência, busca por melhores condições, desejos pessoais associados à conquistas e autoconhecimento, como uma jornada de itinerância cíclica, o eterno retorno ao bem-estar, muito próxima da definição de *homo viator* (Marcel, 1998). Porém, a concepção de viagem firmada pela vertente da mobilidade, no sentido de deslocamento físico, tão elucidada teoricamente pela academia e, principalmente, pela prática do mercado em turismo, sugere revisões profundas para compreensão de sua complexa totalidade, apontando-se, ainda, a necessidade de percepção filosófica em seus fundamentos.

Para além da referida observação, explicito, ainda, que não é suficiente apenas o olhar amparado nas ciências humanísticas para entender a complexidade embutida nas experiências de viagem associadas à mobilidade, mais do que isso, é preciso dar espaço de fala aos protagonistas de tais eventos e assim abrir a mente para novos pontos de vista.

O prazer na viagem pode estar associado a variados sentimentos, “*são as experiências vividas, o movimento de estar constantemente em diferentes lugares, diferentes culturas, diferentes pessoas*” (Viajante D), “*a sensação da primeira vez em um lugar*” (Viajante C), “*poder viver tantas experiências marcantes, num período tão curto*” (Viajante B), “*o convívio social, convívio com a natureza e a liberdade geográfica*” (Viajante A), “*a necessidade de aprender*” (Viajante E), “*a surpresa da quebra da rotina*” (Viajante F), “*a receptividade das pessoas*” (Viajante H), “*tudo é prazer, tudo dá prazer*” (Viajante G).

Nessa perspectiva, Octávio Ianni (2003) ao tratar a viagem, como realidade ou metáfora, defende que ela está presente no decorrer da história da humanidade associada ao modo de descobrir o outro ou o eu. “É como se a viagem, o viajante e a sua narrativa revelassem todo o tempo o que se sabe e o que não se sabe, o conhecido e o desconhecido, o próximo e o remoto, o real e o virtual” (Ianni, 2003, p. 13). A dualidade e o antagonismo são características marcantes nas reflexões acerca de definições conceituais de viagem.

Apesar da viagem ser referenciada por meio dos inúmeros registros históricos de viajantes em busca do extraordinário, baseada no movimento entre um espaço e outro, ao longo de todo o percurso da humanidade, é salutar enaltecer o caráter subjetivo nela intrínseco, abundante de sentido abstrato em suas relações e na busca por respostas e significados da vida, utilizada portanto como chave pela busca do autoconhecimento. Nesse sentido, a viagem pode ser interpretada pelo caráter espiritual, filosófico, imaginário assim como “o chamado, o convite à loucura, o alijamento da razão” (Hesse, 2004, p.83).

Eu tô aprendendo ainda, viajar virou uma paixão após um fim de relacionamento, descobri na viagem uma forma de criar relacionamentos [...] tô num momento um pouco contemplativo sobre a vida, [...] eu tô descobrindo um pouco esse mundo. É estranho porque ter minha casa sempre foi muito importante, um ambiente que eu gostava muito. Então, agora eu tô descobrindo um outro mundo, diferente das outras viagens que eu fiz que eram férias, que você sabe quando começa e quando acaba (Viajante H).

A viagem como busca, por vezes é confundida com fuga, porém a fuga não é um bom objetivo para a viagem, já que o motivo da fuga, normalmente, está no indivíduo que enquanto não se liberta do motivo que o faz fugir, não é capaz de deter todas as possibilidades que a viagem pode proporcionar. “Um viajante estético cujo lar é a estrada [...] Para não mais ser envenenado pela civilização, ele foge e caminha sozinho sobre a terra para perder-se na natureza” (Krakauer, 1998).

O real sentido da viagem como busca está na entrega do indivíduo pela vivência na experiência desejada, seja ela real ou imaginada, o importante é estar aberto a viver o momento. “São muitos os que buscam o desconhecido, a experiência insuspeitada, a surpresa da novidade, a tensão escondida nas outras formas de ser, sentir, agir, realizar, lutar, pensar ou imaginar” (Ianni, 2003, p. 13). O hedonismo está intrínseco na busca e a experiência é que dará o resultado satisfatório ou insatisfatório da viagem. “O prazer da experiência mais profunda é pessoal e intransferível” (Trigo, 2013, p. 76).

Assim, a viagem é capaz de se revestir com características subliminares em que cada indivíduo se apropria de maneiras singulares. “*Cada experiência traz muita transformação e muito aprendizado sobre a vida, sobre as pessoas, sobre mim, sobre o trabalho, enfim sobre tudo. A vida em si é para a gente experienciar, não existe uma fórmula certa*” (Viajante D). Ao comparativo com o que Hesse (2004, p. 69) trata quanto a noção de sujeito em o Lobo da Estepe, na viagem também “não há uma unidade, mas um mundo plural, um pequeno firmamento, um caos de formas, de matizes, de situações, de heranças, de possibilidades”. Por isso, ela não pode ser concebida por conceitos preestabelecidos hegemonicamente, trata-se de formas de apropriação em tempos, espaços e intenções diversificados que variam de ser humano para ser humano, nenhuma experiência é igual a outra.

“Para isso é preciso fugir da mediocridade, do superficialismo e do chavão, das experiências insossas, falsas e ordinárias. É preciso fugir da hipocrisia e do apego ao que é conhecido e tido como seguro” (Trigo, 2013, p. 77). Portanto, viajar, seja como realidade ou metáfora (Ianni, 2003) exige enfrentamento do novo, do desconhecido, do imaginado e para isso é preciso coragem.

Associada a diversas formas, a viagem assume que não há um modelo padrão, muito menos um significado único que possa defini-la, ela “tanto singulariza como universaliza” (Ianni, 2003, p. 13). A viagem como significado é plural, cada pessoa pode se apropriar dela de maneiras distintas, reais ou subjetivas, físicas ou mentais, e está tudo bem, não deve ser julgada por sua escolha.

Seja como for, a viagem é uma oportunidade de transformação pessoal, que diz respeito à experiência, independentemente de como for realizada, física ou mental, por caminhos concretos ou abstratos, ela é sempre válida porque tira o ser humano da zona de conforto e o coloca na busca do conhecimento do outro ou do eu.

A quebra da rotina ela te traz sentimentos novos, ou embaraça o que já tinha, a certeza do ontem e essa novidade do hoje, consegue projetar novos amanhã. É o conjunto da obra que a viagem traz, como se fosse uma colcha de retalhos, essa surpresa tu vais costurando e parece que essas linhas são a estrada que vai te moldando, a mesma estrada, com o mesmo nome, mas em lugares diferentes, são as pessoas, são os problemas, são os benefícios, a felicidade, a surpresa, é o conjunto (Viajante F).

A viagem do ponto de vista de uma nomadologia contemporânea está impregnada de autenticidade, os sujeitos que dela desfrutam participam de processos de alteridade, além de promover o consumo de lugares. Seja qual for o modelo de escolha para a errância, lançando-se em viagem solo, entre amigos, em família, fazendo uso de equipamentos ou não, sejam eles relacionados a transporte, abrigo, direção ou necessidades biológicas, o fato é que cada sujeito que se dispõe a lançar-se rumo ao desconhecido em parcial ruptura com o sistema torna-se uma pessoa autêntica, dissonante da grande massa. “O ser humano vive hoje uma condição de desenraizamento sem precedentes que o torna um sujeito circulante, em movimento, seja no espaço geográfico, seja no social e psicológico” (Justo & Nascimento, 2005, p. 177).

Porém, isso não quer dizer que é o modelo ideal de evasão na busca por projetos, sonhos e aspirações de vida. Não há receitas prontas nesse modelo, a liberdade é desfrutada à medida que o caminho é percorrido.

A errância, finalmente, é apenas um *modus operandi* que permite abordar o pluralismo estrutural dado pela pluralidade de facetas do "eu" e do conjunto social. E também um modo de vivê-lo. Em seu sentido mais estrito é um "êxtase" que permite escapar simultaneamente ao fechamento de um tempo individual, ao princípio de identidade e à obrigação de uma residência social e profissional (Maffesoli, 2001, p. 113).

O sentido da viagem para os viajantes nômades contemporâneos perpassa o desejo de usufruir apenas as experiências no destino. Para eles a viagem acontece no percurso. “A viagem é vista como uma atração em si” (Jess, 2004, p. 23). Assim, a experiência do percurso torna-se o maior objetivo da viagem em detrimento da expectativa impulsiva pelo destino. Como destaca Urry (2006) atividades não existem apenas no destino e não há tempo morto nas viagens. O efêmero ganha denotação distinta em cada caso, a instantaneidade do caminho transforma-se em possibilidades para o viajante nômade.

E como salienta Trigo (2013, p. 08), “não há caminhos melhores ou mais fáceis, eles são diferentes e só valem se experimentados intensa e livremente”, pois a experiência da viagem é sempre única.

Contudo, nota-se que a experiência obtida no desenvolvimento da viagem é expressa através de subjetivismo e caráter simbólico em muitas situações. Daí a importância de se observar com maior profundidade essa tendência para a subjetividade presente na hospitalidade que emerge no percurso da viagem desses viajantes.

Por mais interessante que possa ser aos olhos de quem contempla da arquibancada da vida, os nômades contemporâneos têm muitas barreiras invisíveis a enfrentar, assim como tiveram os nômades em outros tempos históricos. O que de fato define esses sujeitos na atualidade, associada ao universo das viagens, é o ato de estar em percurso, vivenciando experiências, e não propriamente o destino final. Por mais atraente que possa ser, está longe de ser uma escolha fácil como pontuaremos adiante ao tratar da hospitalidade nas relações que envolvem os viajantes nômades tratados nesse estudo.

2 A Perspectiva Conceitual da Hospitalidade e o Enigma do Desconhecido

O tema da hospitalidade, em sua análise teórica, comporta em seu percurso epistemológico, uma vasta bagagem de conhecimento e várias linhas de estudos que se delimitam ao contexto adequado para sua prospecção. Cabe ressaltar, que o presente estudo se orientará pela perspectiva conceitual da hospitalidade em seu campo de contribuição ao fenômeno social das viagens, buscando compreender, por meio de sua matriz humanística, os significados das manifestações dadas no encontro com o desconhecido, a abordagem do sujeito “outro” na interação social e demais assuntos pertinentes a esta investigação.

Importante, inculcir, ainda, que o direcionamento da análise teórico conceitual intrínseco a este estudo, fundamenta-se na proposta da Linha de pesquisa 1 – Turismo – Conhecimento e Tendências do Programa de Pós Graduação da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, que sugere, em síntese, desvelar os aspectos do encontro hospitaleiro, da interação entre visitantes e visitados, apoiando-se em abordagem filosófica para discutir epistemologicamente os conceitos inerentes, com o aporte da sociologia, da antropologia, da ciência política, entre outras.

Precisar quando surgiu o conceito de hospitalidade pode se tornar um desafio, visto que, conforme as correntes teóricas mais aceitas difundem, sua matriz seria proveniente da Grécia Antiga, porém há elucidções hospitaleiras fundamentadas na bíblia, Antigo Testamento, que norteiam suas origens. Contudo, a ideia de hospitalidade tida como conjunto de regras a serem cumpridas como em um ritual é disseminada a partir da linha mítica, apoiada na obra épica *Ilíada* e *Odisseia* de Homero, especialmente, no poema *Odisseia* (Bortoni, 2017) que narra o retorno de Ulisses à Ítaca, na Grécia Antiga, após 10 anos combatendo na guerra de Tróia. A narrativa destaca as aventuras, hospitaleiras ou não, vividas por Ulisses, na figura de estrangeiro, em vários encontros com desconhecidos no percurso. É a partir desse ponto que a ideia de hospitalidade avança no campo da ciência, percorrendo basicamente duas vertentes epistemológicas, a humanística que aprofundará as questões de interação social envolvida na relação e a de negócios que visa contribuir com as noções do bem receber, especialmente no turismo.

Proveniente do latim *hospitalitas*, segundo o dicionário *Michaelis*, a palavra hospitalidade refere-se, comumente, ao ato de hospedar, a qualidade de hospitaleiro, associada ao bom tratamento, amabilidade e gentileza. Benveniste (1995), em estudo semântico sobre a hospitalidade, atribui como base para explicar a origem do termo a palavra *hospes* (latim), que

em aprofundamento da relação lexical de línguas indo europeias traduz como um composto etimológico que fundamentará o entendimento da palavra.

Um grupo de palavras se remete a um fato social bem estabelecido: a hospitalidade, a noção de “hóspede”. O termo de base, latim *hospes*, é um antigo composto. A análise dos elementos que o compõem permite esclarecer duas noções distintas e que acabam por se juntar *hospes* representa **hosti-pet-s*. O segundo membro *pet*-está em alternância com *pot*-, que significa “senhor”, de modo que *hospes* significaria propriamente “o senhor do hóspede” (Benveniste, 1995, p. 88).

Tal definição reforça a concepção de que a hospitalidade é uma atribuição daquele que recebe, ou seja, do anfitrião e que vem sendo difundida há muito tempo nas áreas que abrangem o tema, ligadas, sobretudo, ao caráter de negócios. Seguindo a linha mítica, Campos (2005, p.19), reforça que “a origem da palavra hospitalidade está no latim, em *hospitalis* Jupiter, o deus do viajante. A palavra incorporou-se ao vocabulário de alguns idiomas, indicando os serviços da área de hospedagem e alimentação”. Porém, a noção complexa que envolve esta palavra nas práticas que a permeiam, vai muito além da descrição simplista a ela, por vezes, referenciada como arcabouço no segmento turístico.

O senso comum atribuído à palavra hospitalidade, transformou-a em um paradigma, à medida que os seus vastos significados foram sucumbidos pelo uso meramente comercial ou acentuados pela caridade e assistencialismo social ao longo da história. Investigar outras semióticas, explorar diferentes campos epistemológicos para compreender a amplitude de tal expressão, é tarefa urgente nesses tempos em que a hospitalidade adentra novos espaços, quebrando fronteiras e extenuando as definições que a limitaram por tanto tempo.

É na perspectiva abrangente que engloba as abordagens da hospitalidade em sua complexidade que se fundamenta este estudo. Busca-se, sobretudo, compreender a hospitalidade como uma “ferramenta heurística, uma abertura de uma nova janela epistemológica. Trazer a noção da hospitalidade para o terreno da reflexão filosófica e da observação empírica [...]” (Camargo, 2011, p.13), como contributo ao universo das viagens.

Partindo do pressuposto que tenta explicar as raízes da hospitalidade por meio de processos complexos como o mitológico, o da virtude, o da dádiva e o do negócio, este estudo concentrará seus fundamentos conceituais a partir das análises dos sistemas da virtude e da dádiva, tendo como foco a orientação socioantropológica que o tema destaca, para assim aproximar as discussões teóricas dos aspectos empíricos que norteiam o percurso dos viajantes nômades contemporâneos.

Como ponto de partida, serão referenciados conceitos que enveredam a hospitalidade e servem como alicerce para entendimento da noção do termo sob as perspectivas humanística, sociológica, filosófica e antropológica neste estudo suscitadas.

As expressões que interligam a noção da hospitalidade, pelo viés da virtude e da dádiva, são inúmeras, em sua maioria, articuladas na máxima do bem receber, da ética, da generosidade, da amabilidade, da sociabilidade, do estreitamento das relações sociais como um ritual cheio de regras encenado para atingir o estabelecimento de um vínculo em que a questão central é o acolhimento. Como fonte de subsídios para compreensão de tais expressões buscou-se refletir sobre os pensamentos de Immanuel Kant, Emmanuel Levinas, Jacques Derrida, René Schérer, Anne Gotman, Luiz Octávio Camargo, entre outros, como complemento à noção da hospitalidade pela Dádiva em Mauss (1924).

2.1 Premissas da hospitalidade como virtude

A hospitalidade como princípio universal foi reivindicada por Immanuel Kant, no século XVIII, em uma aspiração de Paz Perpétua entre os povos, sendo tratada como um direito cosmopolita. Para melhor compreensão da reivindicação, cabe ressaltar a ambivalência da palavra hospitalidade, a qual foi incorporada por muitos povos no sentido de evocar expressão de conciliação e acordos em momentos conflituosos. Para tanto, retoma-se a noção etimológica de Benveniste, situando o termo inicial do composto analisado (*hosti-pet-s*), que designará *hostis* como menção ao inimigo, estrangeiro, desconhecidos de toda ordem que podem se tornar uma ameaça à paz de determinado contexto social. “Para explicar a relação entre “hóspede” e “inimigo”, admite-se em geral que ambos derivam do sentido de “estrangeiro” que também é atestado em latim; donde “estrangeiro favorável – hóspede” e “estrangeiro hostil - inimigo” (Benveniste, 1995, p. 92).

Kant pensava a hospitalidade como condição do ser, como um direito ao qual qualquer ser humano deveria ser beneficiário, destacando ações impeditivas da paz a ser alcançada para o convívio pacífico e que designaria um esforço coletivo mútuo, contínuo e baseado em organização estruturada, a fim de estabelecer o pressuposto.

Não deve considerar-se como válido nenhum tratado de paz que se tenha feito com a reserva secreta de elementos para uma guerra futura. Seria então, pois, apenas um simples armistício, um adiamento das hostilidades e não a paz, que significa o fim de todas as hostilidades, e juntar-lhe o epíteto eterna é já um pleonasma suspeito (Kant, 2008, p. 4).

Em Kant, a hostilidade é capaz de desestabilizar e comprometer os esforços pela busca individual e coletiva da paz universal. Ações hostis baseadas na desmoralização do outro, o ódio predominante baseado em preconceitos, os discursos polarizados, a opressão, a censura, o negacionismo, a violência, podem ser exemplos atuais associados à hostilidade evidenciada por Kant como atributos capazes de destruir a disposição do indivíduo ou do coletivo em busca da paz perpétua. O autor trata a hospitalidade como um direito universal capaz de transcender as barreiras inerentes à hostilidade objetivando aproximar o ser humano de uma constituição cosmopolita, desde que haja comprometimento de todos para isso.

[...] hospitalidade significa aqui o direito de um estrangeiro a não ser tratado com hostilidade em virtude da sua vinda ao território de outro. Este pode rejeitar o estrangeiro, se isso puder ocorrer sem dano seu, mas enquanto o estrangeiro se comportar amistosamente no seu lugar, o outro não o deve confrontar com hostilidade (Kant, 2008, p. 20).

Já, a hospitalidade em Lévinas é encarada sob a égide da ética, em que o acolhimento do outro deve ser baseado na espontaneidade gratuita, que se origina na subjetividade da ideia de infinito⁸ nas relações.

O sentido de acolhimento do outro, do diferente, no pensamento de Lévinas, pressupõe a rejeição ao ego, ao apego, até mesmo na interiorização da maneira de pensar o outro. “A relação com o infinito não pode, por certo, exprimir-se em termos de experiência — porque o infinito extravasa o pensamento que o pensa” (Lévinas, 2008, p. 13). A exteriorização do pensar e do agir espontâneos baseados na gratuidade na relação com o outro, é importante na visão do autor, já que demonstra uma experiência que transcende os limiares da consciência, permitindo uma relação mais autêntica de respeito a alteridade do absolutamente outro, sem que este perca a sua identidade para agradar o ‘eu’ do receptor.

A relação dos sujeitos ‘Eu e Outro’ na hospitalidade encontra no pensamento de Lévinas um sentido metafísico, em que cada uma das partes possui sua parcela de alteridade, onde a relação não é constituída de poder como nas definições de senso comum que associam a

⁸ A ideia do infinito em Lévinas é o modo de ser. O infinito não existe antes para se revelar depois.

hospitalidade como dever do anfitrião. É evidente que a percepção de alteridade encontrada no pensamento do autor, está ligada ao aspecto do controle social que as pessoas desejam manter uma sobre as outras, em suas relações de poder e domínio, e que encontra sua perda na experiência face a face, do rosto, que para ele é o maior responsável por evidenciar a alteridade no encontro, fazendo transcender, incompreender o outro, tornando-o ‘Outrem’.

“O absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo. A coletividade em que eu digo <tu> ou <nós> não é um plural de <eu>. Eu, tu, não são indivíduos de um conceito comum” (Lévinas, 2008, p. 26).

O outrem, também associado ao desconhecido, ao estrangeiro, ao estranho é alguém que deve ser acolhido com verdade e não com tolerância, aliás o autor demonstra um certo desprezo pelo termo, em sua visão se tolera aquilo que é diferente, mas não se aceita. O absolutamente outro, apresenta-se no discurso de Lévinas como o sujeito livre, corroborando talvez com a aspiração de Paz perpétua em Kant. “Sobre ele não posso poder, porquanto escapa ao meu domínio num aspecto essencial, mesmo que eu disponha dele: é que ele não está inteiramente no meu lugar” (Lévinas, 2008, p. 26). A respeito do gênero desconhecido, Derrida (2008, p. 23) interpela, “nada diz do limite negativo de um conhecimento. Esse não-saber é o elemento da amizade ou da hospitalidade para a transcendência do estrangeiro, a distância infinita do outro”. Nessa mesma linha de raciocínio, Boff (2011, p. 231) argumenta que acolher generosamente significa aceitar sem preconceitos e jovialmente o outro como outro, em sua diferença. Substancialmente, Camargo (2015, p. 44), complementa o pensamento ao afirmar que a hospitalidade, “mais do que um fato observável, é uma virtude que se espera quando nos defrontamos com o estranho (e todo estranho é também um estrangeiro), alguém que ainda não é, mas deve ser reconhecido como o outro”.

A temática que surge dos encontros e enfrentamentos com o outro, outrem, o outro outro, desconhecido, forasteiro, estrangeiro e tantas nomenclaturas que possam ser associadas ao termo, desencadeia em um enigma que, da Grécia Antiga a contemporaneidade, muitos estudiosos da hospitalidade tentam decifrar. “Cada indivíduo traz em si elementos psicológicos, afetivos, emocionais, religiosos, físicos, além de uma história de vida é uma tradição cultural que influenciará suas reações diante ao outro” (Bueno, 2016, p 4).

Da concepção que surge através do olhar mais desconfiado de alguém perante ao desconhecido que chega, ou por meio da visão mais otimista da bondade que permeia o ser humano em essência, é preciso estar atento e ter a pré-disposição para perceber e reconhecer se a relação com o desconhecido se desencadeará em hospitalidade ou em hostilidade.

Se a boa vontade não for a atitude prévia a tudo que pensarmos e fizermos, será impossível criar-se uma base comum a todos. Se malício tudo, se tudo coloco sob suspeita e se não confio mais em ninguém, então, como construiremos algo que congregue a todos? (Boff, 2011, p. 229).

A partir do sentido ético pelo qual Lévinas trata sua teoria em relação a hospitalidade, colocando o ser humano como sujeito capaz de acolhimento, mesmo que seu pensamento lhe traga incertezas diante da intenção do desconhecido, naturalmente confronta-se o pensamento do autor, já que as posturas e comportamentos gerados no encontro, quase sempre, são ações defensivas, afinal o que se estabelece de imediato é a certeza do risco sobressaindo a confiança na essência da bondade humana.

A hospitalidade em Derrida também apresenta uma linha de pensamento associada ao acolhimento do desconhecido, só que de maneira incondicional, ao que ele chama de totalmente outro, em que o excepcional, a surpresa, deve ocorrer de forma natural e não esperada ou programada, implicando na hospitalidade absoluta ou até em uma hospitalidade poética. “E a questão que o estrangeiro lhe dirige, para abrir esse grande debate, é nada mais nada menos que a da política, do homem como ser político” (Derrida- Dufourmantelle, 2003, p. 13).

Jacques Derrida propõe, antes de mais nada, uma desconstrução daquilo que se entendia por conceitualização de direitos e deveres em hospitalidade até então. Na defesa de sua linha pela hospitalidade incondicional, ele usa as relações com a ética e com a cidadania para sustentar seu pensamento.

A lei da hospitalidade, a lei formal que governa o conceito geral de hospitalidade, aparece como uma lei paradoxal, perversível ou perversedora. Ela parece ditar que a hospitalidade absoluta rompe com a lei da hospitalidade como direito ou dever, com o ‘pacto’ de hospitalidade (Derrida- Dufourmantelle, 2003, p. 23).

Derrida problematiza a discussão teórica da hospitalidade ao tratar o tema como um ‘pacto’, no qual os atores que se inter-relacionam são condicionados pelos ritos orquestrados de sua lei, disfarçando as possibilidades de acolhimento puro, verdadeiro e generoso. Essa poética do pensamento derridiano na hospitalidade, abre caminho para debates que colocam em evidência as bases de apoio em que se sustenta o discurso da sociedade perante o próprio comportamento diante do sujeito desconhecido. “Daí o desafio da hospitalidade, que está mais para o desafio da generosidade” (Bueno, 2016, p. 5).

De fato, não somos, de modo algum, ensinados a oferecer hospitalidade a desconhecidos, muito pelo contrário, o mais comum é aprendermos, e também ensinarmos,

hostilidade para com o desconhecido. Das expressões populares como “não fale com estranhos na rua”, “não aceite coisa alguma de quem não conhece”, “evite aproximação com desconhecidos” até os comportamentos desconfiados que geram recepções hostis a pessoas desconhecidas, é o que a sociedade reproduz há tempos e perpassa os discursos teóricos dos estudos da hospitalidade.

[...] a diferença, uma das sutis diferenças, às vezes imperceptíveis entre o estrangeiro e o outro absoluto, é que este último pode não ter nome e nome de família. A hospitalidade absoluta ou incondicional que eu gostaria de oferecer a ele supõe uma ruptura com a hospitalidade no sentido corrente, com a hospitalidade condicional, com o direito ou pacto de hospitalidade (Derrida – Dufourmantelle, 2003, p. 23).

É evidente que o acolhimento na visão derridiana deve ser genuíno, partindo do âmago mais profundo da benevolência humana, sem olhar para os preceitos convencionais da relação social, mas observando o outro como virtuoso em sua essência. No entanto, apesar da defesa pela incondicionalidade hospitaleira, o próprio Derrida admite sua impossibilidade, ao enfatizar que ela por si só tende a perversão, uma vez que os sujeitos envolvidos podem se tornar ameaças, uns aos outros, já que comportam em sua heterogeneidade cultural, tanto a bondade, quanto a maldade, e a incondicionalidade não detém as ações pós acolhimento.

Nesse contexto, outro pensador contemporâneo que introduz reflexões acerca do paradoxo da hospitalidade é Réne Schérer, que defende o conceito a partir de uma análise filosófica política. A contribuição de Schérer percorre conceitos de Kant a Derrida, e é a partir da releitura de “À paz perpétua” que ele passa a se interessar pelo tema da hospitalidade, lançando seus pensamentos numa perspectiva de direito internacional motivado, especialmente, pelo sentimento de ação em um momento de pós-guerra.

Foi isso que me abriu os olhos, a função, nesse direito internacional dito cosmopolita, da hospitalidade ou de sua denegação. A rejeição de outrem, o ódio, a exclusão no princípio de todas as guerras, e a hospitalidade, a acolhida como princípio da resolução dos conflitos (Schérer *In* Caiafa, 2017, p. 251).

A perspectiva teórica lançada por Schérer, corrobora com a linha de pensamento de Lévinas e Derrida, em que o acolhimento ao estrangeiro deve ser considerado e valorizado, onde o medo do desconhecido ceda lugar à alegria por sua acolhida. Essa teórica relaciona-se a uma utopia, assim como Derrida em sua busca pela incondicionalidade. Visto que, são tratativas que percutem atitudes para além do comportamento global associado à hospitalidade,

e que dificilmente poderá ser alcançado seguindo as premissas políticas em que as sociedades contemporâneas se sustentam.

O sentido da hospitalidade incitado por Schérer, propõe uma noção subjetiva do tema, tanto em esfera individual quanto coletiva, que revela conexões de ordem filosófica, política e até mesmo jurídica, perpassando a ideia de território. Há, também, no pensamento do autor, uma premissa de revolução, evidenciada em *Zeus Hospitalier* (1993), nas críticas mencionadas à nação Francesa das últimas décadas do século XX, ainda afetada pelos extremismos nacionalistas desencadeados por guerras, onde o autor saúda a chegada dos estrangeiros, comunicando uma espécie de hospitalidade permanente⁹.

Gostaria, [...] de poder falar, da maneira como George Bataille fez para a economia (economia generalizada), de uma “hospitalidade generalizada” englobando todas as relações com outrem. Dando-lhes um ponto de partida e um fundamento sólido (Schérer *In* Caiafa, p. 252).

Contudo, a contribuição teórica de Schérer amplia a noção da hospitalidade a ser observada pela ótica política que, assim como Kant, buscava a universalidade do conceito. Em Schérer, o tema da hospitalidade vai de frente aos desafios atuais de combate ao extremismo nacionalista, ao xenofobismo e demais formas de preconceito radical que fortalecem as barreiras entre as diferentes nações. A hospitalidade para ele “se situa aquém ou além das categorias políticas (justamente) ou jurídicas. E é talvez justamente por isso que ela concerne e interessa no mais alto grau ao filósofo; por seu conceito englobar e ultrapassar o político e o jurídico” (Schérer *In* Caiafa, p. 252).

No entanto, a filosofia nunca foi uma área pela qual a hospitalidade tenha sido interpelada com afinco, por mais que tenha havido iniciativas para tentar inseri-la nos debates, não há grandes indícios de sucesso nessa investida. O que de fato lamenta-se, já que sua abrangência interessa às mais diversas causas de pesquisa e não deve ser limitada somente a campos ligados a caridade ou negócio.

Observar a hospitalidade pela perspectiva da virtude, sob o prisma dos conceituados pensadores destacados, nos coloca as inquietações a respeito do percurso social que a humanidade vem traçando e modificando em suas relações interpessoais ao longo da história. Indaga-nos, também, a refletir sobre em qual momento nos perdemos nesse caminho que poderia levar a relações de mais confiança e acolhimento, orientado pela espontaneidade, sem

⁹ Schérer, Réne. (2005). *Zeus hospitalier. Éloge de l'hospitalité*. Paris: Armand Colin, 1993. Réédition La Table ronde.

expectativa de favorecimento ao oferecer hospitalidade. Isto é, se realmente houve, em algum momento histórico, inclinação das sociedades para isso.

Ao mesmo tempo, apesar do cenário teórico idealizado pela virtude, faz sentido pensar que isso tudo seria delírio ou mesmo utopia, tendo como sustentação para essa afirmativa no fato de que o próprio termo surgiu da ideia de evidenciar a relação do perigo associada ao inimigo. Dessa forma, torna-se inviável conceber que as atitudes intrínsecas na relação hospitaleira não evidenciem a ação defensiva diante do estranho.

Substancialmente, compreende-se que a noção da virtude não tenha sido difundida com tanto ímpeto, uma por estar longe de uma realidade prática para grande parte das sociedades e outra por apresentar proximidade forte com uma visão romantizada do tema. Não que essa vertente tenha sido relegada nas relações, pelo contrário, é notório que se faça presente, porém não é aceita com a profundidade e grandeza que sua corrente epistemológica defende.

De fato, as narrativas que acompanham o percurso da hospitalidade ao longo do tempo, transportam a ambiguidade em seus discursos, amparados obviamente pela própria ação incutida. Contudo, não é porque a matriz da palavra sugere a ambivalência do termo, que as relações necessitam continuar sendo um duelo entre hospitalidade e hostilidade.

No entanto, veremos que apesar da hospitalidade não se apresentar unicamente como virtuosa por essência nas relações, o valor simbólico contido nas trocas humanas nunca deixou de ser observado dentro desse paradigma, fundamentado, especialmente, pelo prisma da dádiva.

2.1.1 A noção da hospitalidade como dádiva

Retomando as análises que introduzem a compreensão conceitual da hospitalidade neste estudo, em síntese, pode-se dizer que Kant promove o entendimento da hospitalidade pela perspectiva cosmopolítica de direito universal, Lévinas se apoia na Ética para sustentar a defesa do acolhimento ao desconhecido, Derrida defende a hospitalidade incondicional que ultrapasse a noção de acolhimento por regras impostas e Schérer vislumbra um modelo ideal de hospitalidade generalizada e universal. Via de regra, elenca-se o estudo da hospitalidade a partir do aspecto normativo *versus* positivista e da virtude *versus* dádiva, em que cada estudioso contribuinte com pontos de vista diversos, agrega mais volume a essa bagagem investigativa, que vem de tempos longínquos de aventura humana por relações e trocas.

Aproximando o debate da área de estudo onde se concentra esta análise, a noção da hospitalidade mais aceita e difundida entre os teóricos do turismo está alicerçada nos estudos sobre a dádiva, manifesta por meio da tríplice obrigação do dar-receber-retribuir, fundamentada no magnífico legado da obra de Marcel Mauss.

A hospitalidade pela noção da dádiva encontra no berço da antropologia seu principal alicerce, ramificando-se paralelamente para a sociologia e áreas distintas como a história e a economia, mas que não representam as bases de sustentação como a encontrada no arcabouço antropológico. Salienta-se que apesar do debate intenso existente entre os teóricos da antropologia, a respeito do *Ensaio Sobre a Dádiva (1924)*¹⁰, e todas as aberturas que a obra possibilita, essa não será uma característica central deste estudo, pretende-se aqui concentrar atenção aos aspectos inerentes para o entendimento da hospitalidade.

Defensor do trabalho coletivo em pesquisa para a compreensão da cultura e das sociedades através de estudos comparativos, Mauss (2003) afirma que as sociedades progrediram na medida em que elas próprias foram capazes de estabilizar as suas relações no dar, receber e finalmente retribuir. Essa tríplice obrigação serve como base para explicar a teoria da dádiva, genuinamente, observada por ele na prática de rituais coletivos de sociedades tradicionais arcaicas, bem como, reconhecida por vários autores sucessores como base teórica para explicar a hospitalidade, especialmente, na área do turismo.

Cabe ressaltar que a partir dos estudos de Mauss, a hospitalidade passou a ser considerada por duas principais correntes epistemológicas no turismo, uma ligada ao dom, estritamente vinculada aos atos assistencialistas ofertados por anfitriões a viajantes em diversas situações e tempos, sobretudo, associada a caridade, e outra, de maior expressão nos estudos da área ligada ao caráter de negócios, amparada pelo utilitarismo econômico, sendo uma constante nos segmentos de gestão de hotelaria e gastronomia. Nesse contexto, o princípio da dádiva ganha conotações diferenciadas para cada corrente, fortalecendo o debate teórico em torno da compreensão de como a tríplice obrigação é evidenciada em cada vertente.

Abre-se um parêntese para explicitar que Mauss não elaborou seu pensamento sobre as trocas nas sociedades arcaicas a partir de um estudo empírico¹¹. É possível dizer que o ensaio

¹⁰ O Ensaio sobre a dádiva (1923-1924), assinado por Marcel Mauss (1872-1950), e publicado originalmente na revista *Année Sociologique*, é obra central para a teoria antropológica. O texto integra um conjunto de pesquisas empreendidas pelo antropólogo francês sobre as características das formas arcaicas do contrato e de diversos sistemas de trocas ditas econômicas. Lançando mão da comparação entre diferentes sistemas de dádivas nas sociedades da Polinésia, Melanésia e noroeste americano, Mauss explicita o princípio comum que regula essas trocas: a obrigação de dar, receber e retribuir. Por Ana Luísa Sertã e Sabrina Almeida, disponível em <<https://ea.fflch.usp.br/obra/ensaio-sobre-dadiva>>

¹¹ Mauss não pôde aproveitar uma das principais possibilidades abertas por Malinowski: a realização de pesquisas que buscassem uma maior contextualização dos dados, como propunha, na mesma época, também A.R. Radcliffe-

sobre a dádiva, é uma teoria de gabinete, embasada em comparações de estudos etnográficos vivenciados por outros estudiosos contemporâneos que foram a campo. Como, por exemplo, Malinowski que retrata, no clássico *Argonautas do Pacífico Ocidental*¹², uma análise etnográfica a respeito do sistema circular de trocas intertribais, o *kula*.

Diante desse fato, questiona-se, em um primeiro momento, o quanto de subjetividade dos povos estudados Mauss absorveu? O quanto de coletividade intrínseca desses povos ele foi capaz de compreender? Como conseguiu se apropriar da noção de dimensão social das trocas? Afinal, não esteve observando de perto as relações para embasar profundamente tais características dessas sociedades.

Por outro lado, é paradoxal pensar que sua obra etnológica foi a impulsionadora de vários trabalhos etnográficos a partir daquele período, inclusive, de teóricos consolidados como Claude Lévi-Strauss e, que ainda estimula diversos pesquisadores até os dias atuais. Consideravelmente, é inegável o caráter instigador da obra, sendo pertinente situar no mínimo como sagaz, pois ele não só elaborou um trabalho etnológico profundo sobre as relações de troca em sociedades arcaicas, a partir do método comparativo de estudos produzidos por outros autores, como conseguiu definir um modelo para entender as relações interpessoais de trocas não monetárias daquelas sociedades, fato que criaria uma vertente para entendimento da hospitalidade posteriormente.

Apesar do autor defender uma teoria inclinada à não sistematização, já que se considerava um escritor não muito organizado e até disperso no pensamento, foi justamente o contrário que ele alcançou, ficando imortalizado como maior referência por sistematizar a teoria da dádiva através de processos de prestações e alianças, apoiado em análises do direito, sugerindo a noção de fato social total.

Do latim *dativa*¹³, a palavra dádiva se refere comumente ao ato ou efeito de ofertar, dar algo, um presente a alguém de modo desinteressado, voluntariamente e espontaneamente. Esse foi o termo escolhido e cunhado por Mauss, para identificar os resultados de suas análises comparativas sobre o sistema de trocas coletivas nas sociedades arcaicas da Polinésia, Melanésia e norte americanas, estudadas por outros antropólogos nas primeiras décadas do século passado.

Brown [...] Mauss beneficia-se ainda, no Ensaio, das pesquisas de Franz Boas nos Estados Unidos, que também demonstravam desde o início do século, a importância do trabalho de campo e da contextualização (Lanna, 2000, p. 175).

¹² Malinowski, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

¹³ Etimologia da palavra dádiva em <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=qGyz>>

As dádivas para Mauss representam os fundamentos da sociabilidade humana, sua intenção no Ensaio foi analisar como se davam essas trocas naquelas civilizações e quais comportamentos delas emergiam. “Existe aí um enorme conjunto de fatos. E fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas [...]” (Mauss, 2003, p. 187).

É evidente que as dimensões sociais das trocas é assunto de extrema importância para o autor, e este pode ser considerado o ponto chave que leva ao entendimento do sistema de reciprocidade que se destaca no decorrer da obra e é explícito no trecho em que afirma que “não são indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam” (Mauss, 2003, p. 190). Complementa afirmando que as pessoas envolvidas são na verdade pessoas morais, ou seja, grupos, tribos, clãs, coletividades que trocam entre si não especificamente coisas úteis e funcionais, bens materiais e riquezas com valor comercial, mas sim trocas sentimentais, dádivas que devem ser obrigatoriamente retribuídas.

Mauss, sustenta que não são trocas realizadas de pessoa para pessoa, mas de troca coletiva, podendo até haver a representação de grupos por seus respectivos chefes, mas na condição de pessoa moral e nunca de indivíduo. O princípio comum será a tríplice obrigação de dar, receber e retribuir, ao qual ele chamará de sistema das prestações totais, uma regra de direito e interesse que faz com que o presente dado seja retribuído e que é tido como um princípio moral que sustenta as relações sociais naquelas sociedades arcaicas.

São antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente (Mauss, 2003, p. 191).

O mais importante nessa troca não é o bem material, mas sim o espírito que está embutido nela, os sentimentos, a energia da coletividade que vai naquele presente, por esse motivo nenhuma dádiva pode ser recusada¹⁴. “O mais importante, entre esses mecanismos espirituais, é evidentemente o que obriga a retribuir o presente recebido” (Mauss, 2003, p. 193).

¹⁴ Como forma de elucidar o valor espiritual contido na coisa dada, Mauss transcreve uma explicação dada por um informante nativo maori: Vou lhes falar do *hau*...O *hau* não é o vento que sopra. De modo nenhum. Suponha que você possua um artigo determinado (*taonga*) e que me dê esse artigo; você me dá sem preço fixado. Não fazemos negociações a esse respeito. Ora, dou esse artigo a uma terceira pessoa que, depois de transcorrido um certo tempo, decide retribuir alguma coisa em pagamento (*utu*), ela me dá de presente alguma coisa (*taonga*). Ora, esse *taonga* que ela me dá é o espírito (*hau*) do *taonga* que recebi de você e que dei a ela. Os *taonga* que recebi pelos *taonga* (vindos de você), é preciso que eu os devolva. Não seria justo (*tika*) de minha parte guardar esses *taonga* para mim, fossem eles desejáveis (*rawe*) ou desagradáveis (*kino*). Devo dá-los de volta, pois são um *hau* do *taonga* que você me deu. Se eu conservasse esse segundo *taonga* poderia advir-me um mal, seriamente, até mesmo a morte (Mauss, 2003, p. 198).

Ao tratar da noção de contrato, Mauss não associa negociações e acordos entre indivíduos, mas sim regras de organização daquelas sociedades. A dádiva, nesse sentido é ao mesmo tempo espontânea e obrigatória, uma dualidade complexa e que envolve múltiplas formas, “essas prestações e contraprestações se estabelecem de uma forma, sobretudo, voluntária, por meio de regalos, presentes, embora elas sejam no fundo rigorosamente obrigatórias, sob pena de guerra privada ou pública” (Mauss, 2003, p. 191). Para além disso, retomando o caráter espiritual embutido nas relações, ele salienta, ainda a importância de se observar as misturas que sobressaem desse paradoxo.

Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca (Mauss, 2003, p. 212).

Dada a referência da generalidade das misturas que são geradas pelas trocas, o autor situa que tais ações desencadeiam alianças indissolúveis, em que as coisas trocadas jamais se separam de quem as troca.

Nesse ínterim, torna-se importante situar o *Potlatch*, um sistema de prestações incluindo empréstimo, regalos e até tributos, que está associado mais à competição e a rivalidade, ao que Mauss chama de “prestação total agonística” e que pode se associar também ao sacrifício e a escravidão. Tal fato demonstra que nem toda dádiva é compreendida somente por trocas benéficas, conforme salienta o autor, determinadas alianças podem levar desde angústias coletivas até a ações extremas de emulação. “Chega-se até a batalha, até a morte dos chefes e nobres que assim se enfrentam. Por outro lado, chega-se até à destruição puramente suntuária das riquezas acumuladas para eclipsar o chefe rival [...]” (Mauss, 2003, p. 192).

Importa refletir sobre as noções de valor e de interesse discutidos na obra colocando o valor das trocas humanas e interesses coletivos como sobressalentes em comparativo com o valor econômico das coisas e interesses individuais. Mais trocas significariam mais dádivas sendo espalhadas, mais felicidade atingindo pessoas e menos sofrimento.

Em resumo, a dádiva para Mauss seria o caminho da felicidade humana que está intrinsecamente embutida no dar, receber, se respeitar e generosamente retribuir recíproca e mutuamente.

O que há de comum entre a teoria da virtude e da dádiva na hospitalidade é que ambas sinalizam o caráter de relação humana verdadeira, descompromissada e que busca atingir algo de satisfação na troca, seja de maneira individual ou coletiva. No entanto, a teoria da dádiva é

muito mais próxima da realidade prática nas sociedades que se desenvolveram após as suas disseminações, sendo, portanto, mais aprazível de reconhecimento e aceitação.

Há que se considerar, também, que as provocações de Mauss no Ensaio deixaram um vasto campo aberto para indagações que motivaram, e ainda motivam, pesquisadores a buscar respostas sempre mais atualizadas para corroborar ou contestar a sua teoria. Esse fato faz com que novos paradigmas da hospitalidade sejam lançados ou quebrados, à medida que os estudos vão sendo aperfeiçoados.

Nesse contexto, veremos como se demonstram as correntes contemporâneas que tratam a noção da hospitalidade a partir de regras e leis a ela incorporadas, bem como sua análise ainda mais aprofundada, por meio de seus meandros, interstícios e até mesmo da transgressão de toda normativa instaurada em torno do tema.

2.2 Situando as leis e as regras da hospitalidade

Apesar do sistema da dádiva fortalecer o discurso ao qual se propõe este estudo, a hospitalidade aqui dimensionada perpassa a noção da tríplice obrigação, uma vez que os ritos contidos nas relações dos viajantes nômades contemporâneos, muitas vezes, vão além do sistema, como uma forma de ruptura com o padrão estabelecido, uma espécie de transgressão às normas que regem a herança Maussiana.

Para compreensão das leis e regras que permeiam o campo da hospitalidade, de um modo geral, apoiamos o entendimento nas generosas contribuições de Anne Gotman e Luiz Octavio Camargo, dois autores contemporâneos tidos como referência para uma nova percepção da hospitalidade a partir do aprofundamento em suas “leis” e do desafio de seus códigos.

Partindo do pressuposto defendido por Camargo (2019) de que “a hospitalidade se ocupa de pessoas”, é nessa perspectiva que se apoia este estudo. Mesmo que, o tema seja abrangente e sua relação com território e espaço, de um modo geral, seja valorosa para apreciação científica, a ênfase aqui busca identificar as relações humanas envolvidas no processo que se dá no contato de anfitriões e viajantes nômades durante o percurso de viagem. É uma busca para compreender a hospitalidade para além de suas instituições, agregando espaços simbólicos e conexões interpessoais como referência.

Nessa perspectiva, Gotman demonstra que outras faces de interpretação da hospitalidade podem sobressair. Suas indagações apontam para a reflexão de como se apresenta a hospitalidade nos contextos urbano e social contemporâneos, abarcando todas as regras, leis e códigos inerentes à epistemologia, para além de se pensar sua aplicação ao longo do tempo, mas sim de observar a sua adaptação às realidades atuais. “A hospitalidade é antes de tudo uma prova” (Gotman, 2019, p. 164).

Ao interpelar sobre os domínios da hospitalidade em suas esferas pública, privada e jurídica, Gotman afirma que todas as transformações pela qual passou o conceito no decorrer da história fez com que sua definição sofresse alterações profundas. Não no sentido de que as referências tenham se perdido, mas apontando que têm se modificado. Nessa perspectiva, lança uma forma de distinguir o termo trazendo para o debate a hospitalidade no sentido próprio e em sentido figurado. “A hospitalidade no sentido próprio, que se refere a práticas privadas para a maioria, baseadas na obrigação de reciprocidade, e hospitalidade no sentido figurado que designa práticas suscetíveis de se desenvolver à margem da solidariedade e dos serviços públicos” (Gotman, 2019, p. 167).

Cabe salientar, que a solidariedade por ela percebida é uma hospitalidade organizada e que ainda sim está limitada a atender grupos definidos, por critérios e regras, desconsiderando a alteridade que deveria ser de fato o objetivo da mesma. Para sustentar sua teoria, ela se baseia nas ações de hospitalidade urbana dada aos ‘sem domicílio fixo’, inspirada também por Nels Anderson, em “*The Hobo*¹⁵”, análises de ordem empírica que contrariam os princípios básicos que são comumente associados ao ato hospitaleiro.

Parafraseando Camargo, quando diz que “a hospitalidade é uma cena teatral”, é possível associar aqui a hospitalidade no sentido figurado de Gotman, que também vai se servir de performances para satisfazer o modelo.

Trazendo a noção do discurso para as relações interpessoais do tempo atual corrobora-se com a autora quando opõe os paradigmas “dádiva e comércio” (Gotman, 2019, p. 04), situando que o negócio, para se sustentar como hospitaleiro, sempre vai recorrer à dádiva. Ora, sendo a dádiva um dom, despreziosa e não programada é nítida a relação de submissão que

¹⁵ *The Hobo* é um marco da pesquisa pautada no método de observação participante da Escola de Sociologia de Chicago. A obra objetivada a estudar os “vagabundos” e sem teto da região de Chicago, descreve a saga dos trabalhadores nômades que acompanhavam a construção de ferrovias, vivendo, literalmente, às margens das linhas férreas e enfrentando toda ordem de problemas econômicos e sociais. *The hobo*, explicita as mazelas da cultura urbana, fazendo emergir os emblemáticos paradoxos entre cultura de trabalho e vida em sociedade. Fonte: Anderson, Nels (1923). *The Hobo: The Sociology of the Homeless Man*. Chicago: University Of Chicago Press. https://archive.org/details/hobosociologyofh00ande_0/page/n5/mode/2up

a esfera comercial estará sujeita na cena hospitaleira, uma vez que tem todo o ato planejado e controlado.

Para ela hospitalidade e acolhimento nos tempos atuais não são equivalentes, pois à medida que se reduz a aproximação dos termos a uma relação de serviços, seja em qualquer esfera de domínio, ambos se tornam cada vez mais distantes.

Observando as nuances que denotam o tema da hospitalidade, diferentemente de Camargo que sustenta a teoria das leis, Gotman revela uma certa aversão à nomenclatura, preferindo se amparar pelo uso de códigos. Ela entende que a transformação pela qual passou a noção da hospitalidade desde o princípio, em cada momento demonstrando diversas faces, não permite reduzir o tema a uma ordem regrada para compreensão, daí sua inclinação à defesa de uma definição de hospitalidade que ultrapasse os códigos, que permita a sua transgressão mesmo dentro do enquadramento ao qual está sujeita.

A hospitalidade é o que nos leva além do código, que nos leva a dar um pouco mais. Em outras palavras, a hospitalidade é enquadramento (cadre) e sacrifício. É por isso que aí encontramos uma ideia moral, alguns diriam cristã. Mas a dádiva de forma nenhuma é o apanágio da religião cristã ou do pensamento cristão. É uma noção que vale a grosso modo para a humanidade inteira (Gotman *in* Raynal, 2013, p. 150).

Assim, pela ótica da autora, tratar a noção da hospitalidade por meio de suas leis nos dias atuais não é adequado, uma vez que a ideia de Leis tratada por Pitti-Rivers era baseada em uma sociedade de honra e hoje vivemos em sociedades desiguais. Não que esteja abolindo a utilização do conceito por essa vertente, mas sugerindo atenção para as reformulações de pensamento, já que a hospitalidade, assim como a cultura não é estática, está sempre se transformando.

“Pensar em hospitalidade não apenas em termos de códigos, leis ou normas, mas de transbordamento e excesso (incentivos para sempre fazer mais) ou de superação (golpes de força que podem levar à obtenção de direitos)”, é como Gotman (2019, p. 165) defende a sua percepção conceitual do termo.

Aproximando a discussão ao objeto deste estudo, é possível situar uma outra noção que a autora interpela e que não foi considerada por muitos teóricos. Ela aponta a questão da dificuldade de quem busca a hospitalidade, ao demonstrar o outro lado do conceito mais referenciado, ou seja, a outra face da moeda do bem receber. “Se desde o início a hospitalidade evoca a arte de receber, essa arte é inseparável de uma dificuldade, a de chegar” (Gotman, 2019, p. 165).

Aspecto desafiador e ao mesmo tempo intrínseco nas vivências dos viajantes nômades a cada experiência de contato e troca, seja de maneira objetiva ou subjetiva, em qualquer uma das categorias de análise dos espaços da hospitalidade e que Gotman explicita muito bem, especialmente, quando questiona “até onde o acolhido é livre” (Gotman *in* Raynal, 2013, p. 151). Em suma, vale ressaltar também o pensamento de Camargo (2007), “analisar a hospitalidade, hoje, em qualquer circunstância, é desvelar o panorama ora de hospitalidade ora de inospitalidade (ou de hostilidade) que ronda as relações humanas”.

Percorrendo as teorias que embasam a noção conceitual da hospitalidade, é evidente a preocupação com o sujeito desconhecido expressa nas narrativas. A condição de ser diferente, atribuí a esse personagem espaço de relevância nos estudos da hospitalidade. É possível dizer que a hospitalidade genuína se dá no encontro com o desconhecido, pois é a partir da experiência com a alteridade que as interações passam a se desenrolar levando para as cenas que irão desencadear em ato hospitaleiro ou não.

Levando em consideração que “a hospitalidade não é apenas o que permite chegar, introduzir-se, ficar, mas também sair, voltar” (Gotman, 2019, p. 173), retomamos o aspecto central deste estudo, compreender, portanto, o que acontece no encontro entre anfitriões e viajantes nômades.

Para entender os processos normativos que regem a hospitalidade, recorreremos à interpretação de Camargo (2021) que associa a noção da hospitalidade com o acolhimento ao desconhecido. Ele parte da premissa etimológica que referencia as primeiras análises do termo à associação com inimigo e que evolui até chegar em sistemas regradados e repletos de códigos e leis, afirmando que “da hostilidade crescente emergiu a hospitalidade e suas leis” (Camargo, 2021, p. 02).

Benveniste coloca a hospitalidade como uma instituição que sugere estratégias para saber lidar e se portar diante do estranho, estrangeiro, desconhecido até saber de fato se este será um amigo ou inimigo.

Como parte de um fundamento para entender as leis que circundam o termo, Camargo atribui ao “imperativo categórico” de Kant (2009) tal preconização, justamente, por defender a hospitalidade como um dever moral, uma condição do ser, portanto, universal.

As leis da hospitalidade anunciadas por Camargo (2021), são 4 consonantes, sendo elas: a incondicionalidade, a reciprocidade, a assimetria e a compensação. O autor faz um mosaico de informações aprofundadas pelos pensamentos de autores que trataram dos assuntos relacionados e atribui o seu olhar contemporâneo a cada definição.

Por lei da incondicionalidade, entende-se dar hospitalidade a qualquer pessoa sem qualquer tipo de restrição, Camargo (2021) revisita o pensamento de Lévinas e Derrida para sustentar sua hipótese, corroborando no sentido de a hospitalidade ser aposta à tolerância, mas contrapondo a visão articulada somente ao viés do anfitrião em detrimento do protagonismo do hóspede nessa relação. E atenta, ainda, para os limites e formas de violação dessa lei, que na tentativa de abertura total para o desconhecido, sem regras, pode se configurar em um caminho propício para a hostilidade. Não é pelo fato de ser incondicional, que deve ser omissa as regras. É a primeira e a mais difícil das leis, segundo o autor, pois ela só será possível nos “interstícios” da relação (Camargo, 2015).

Já, a lei da reciprocidade coloca anfitrião e hóspede em cena, devendo se respeitar e se honrar mutuamente. O autor se apoia, principalmente, nas contribuições de Julian Pitt-Rivers¹⁶ (2012), que estudou as relações sociais baseadas na honra, em que o senso de respeito é fator preponderante e manifesto importante para entender a sociabilidade nos campos da ética e da estética. As trocas são baseadas em gentilezas, gestos comparados à elegância e outras sutilezas celebradas entre si, mas que podem ser transgredidas à medida que se extrapola os limites ou que se negligencia a ação por uma das partes envolvidas. Tanto o anfitrião, quanto o hóspede podem se tornar transgressores dessa lei, seja pelo excesso ou pela omissão. O anfitrião que excede transforma-se em “sequestrador” de seu hóspede, sufocando-o com tanto acolhimento, aprisionando-o na cena hospitaleira, e o hóspede também pode ser protagonista dessa cena na tentativa de se colocar acima do anfitrião, sobretudo, no que tange às trocas materiais. Pecar pela falta de reciprocidade é entendida com o mesmo significado de não expressar gratidão pela presença do outro.

Obedecer a esta lei implica na busca de uma cena em que resulte, para o hóspede, numa sensação equilibrada quanto ao desvelo do anfitrião para com ele: nem excessivo a ponto de constranger, nem omissa a ponto de fazê-lo sentir-se abandonado (Camargo, 2021, p. 10).

A terceira lei também trata da noção do respeito, a assimetria está relacionada ao comportamento que deve ser adotado pelo hóspede ao adentrar o espaço do anfitrião. “É natural que o anfitrião pronuncie a frase ritual “faça de conta que a casa é sua”, mas não cabe ao hóspede entendê-la senão como uma cortesia” (Camargo, 2021, p. 10). Qualquer forma de transgressão dessa lei pode ser denotada como intrusão, por parte do hóspede, ou como sequestro por parte do anfitrião.

¹⁶ Pitt-Rivers, Julian. (2012). *The law of hospitality*. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*. 2(1), p. 501-517. <https://doi.org/10.14318/hau2.1.022>

A quarta e última lei é a compensação, também mais associada ao hóspede, está relacionada às formas de retribuir a dádiva recebida e as armadilhas que nela se camuflam. Aceitar um convite, comparecer e comportar-se à altura são compensações citadas por Camargo e que exigem do hóspede fazer bem a escolha e comprometer-se a realizá-las. Além disso, reconhecer o tipo de compensação a oferecer pode se tornar um desafio para o hóspede, ressaltando que se a escolha for feita erroneamente pode desencadear cenas de esgarçamento do vínculo, como hostilidade e inospitalidade. Por certo, a retribuição não deve ser excessiva e também não pode ser esquecida, por menor que seja, mesmo simbólica, ela deve se fazer presente. O autor destaca, ainda, o uso das palavras *gratidão* e *muito obrigado (a)* nas formas de retribuição, situando que a segunda detém uma noção mais aprofundada nesse sentido, pois o “obrigado nada mais é do que o resultado da elipse de uma frase mais longa: você me fez um favor e eu estou obrigado (a) a lhe retribuir” (Camargo, 2021, p. 12). Para além disso, também, vai lembrar Mauss e a prestação total agonística, quando a compensação se torna competitiva levando a rivalidades.

As leis da hospitalidade destacadas por Camargo, são códigos que perpassam a noção de hospitalidade desde o Paleolítico, onde o contato com desconhecidos era, possivelmente, ínfimo e esporádico, passando pela ruptura do nomadismo para a sedentarização no Neolítico, em que as distinções entre os povos (locais e estrangeiros) começa a ser reconhecida, até chegar à hiper mobilidade que experimentamos atualmente e que traz em si um vasto campo de investigação.

Substancialmente, é a partir do momento em que ocorrem os maiores enfrentamentos entre desconhecidos que tais leis passam a ser evidenciadas, ou pelo menos, os seus códigos.

A sedentarização colocou o ser humano em posição de defensor de território, frente a qualquer tentativa de aproximação de estranhos. O estranhamento torna-se o primeiro código a ser colocado em prática, que desencadeia ações e atitudes comportamentais capazes de se tornarem referência. Essa noção defensiva que destaca a relação do cuidado e proteção ao espaço, configura-se como ponto primordial para compreensão das normas que regem a hospitalidade desde então e que continuam em voga até os dias atuais. Tal código pode ser associado ao que Camargo (2021) chama de “urbanidade”, ato em que se propicia o acolhimento, mas à distância, no princípio da cortesia, à base da boa educação.

Com o passar do tempo e com as profundas transformações dos espaços, as cidades adquirindo cada vez mais protagonismo, era preciso um código que aproximasse estranhos, porém restrito no sentido de acolhimento total. Surgiam os protocolos de diferentes tipos, todos repletos de formalidades, para intermediar as relações, embora sempre com reservas e posturas

desconfiadas. Todo esse formalismo “é uma forma de se relacionar socialmente que se assenta em atitudes e posturas assépticas, despidas de calor humano” (Camargo, p. 4, 2021), o que levou, por assim dizer, a espetacularização da hospitalidade, interpretada por anfitriões e hóspedes, especialmente, da área comercial, em que os ditos protocolos passam a ser encarados pela teatralização, a partir das cenas sustentadas no encontro.

Camargo, defende que a hospitalidade tal qual nos dias atuais é na verdade um grande teatro, ao mesmo tempo em que se está em determinada cena, já pode mudar para outra cena e isso pode ser puramente teatral, como também pode ser verdadeiro.

É uma cena, no sentido teatral da palavra, com dois atores centrais, individuais ou coletivos, um considerado anfitrião e outro, hóspede, com marcações precisas de espaço e tempo. Seja em casa, na rua, na praça, nas repartições públicas, no ambiente de trabalho, e mesmo nos meios virtuais, o ritual começa com um convite ou como um pedido de acolhimento (Camargo, 2015, p. 56).

A hospitalidade referenciada pelo mundo dos negócios é o típico exemplo dessa teatralização e, exatamente, por isso torna-se alvo de críticas por demonstrar uma apropriação do termo sem levar em conta todo o aporte simbólico de acolhimento que ela carrega. Já que, falar de hospitalidade comercial denota tecer uma relação superficial, mediada apenas pelo objeto de interesse e dispensa do vínculo. É preciso atentar para uma espécie de “hipocrisia hospitaleira” (Camargo, 2021), essa circunstanciada pelo caráter comercial que rege as formas de atendimento, em detrimento das formas de tratamento, representada por “sobras viventes” (Simas; Rufino, 2020) que fadados à reprodução do sistema, apenas seguem as normas sem refletir sobre seus desmandos. O desejo de atrair pelo poder da palavra é maior que o desejo de envolvimento que ela incita, com isso a expressão como sinônimo de bem receber ganha espaço e segue abrindo novos paradigmas para o conceito.

Pensar nas leis e regras que regem a hospitalidade, pelo olhar de Camargo é saber que existe uma lei não escrita que se sobrepõe à escrita, a primeira está alicerçada sob a liberdade geográfica e intencional do ser humano, e pensar nisso é mergulhar no conjunto de orientações que temos da vida, sabendo que mesmo na ausência de fala, estão ali sempre nos orientando, direta ou indiretamente. De fato, a obediência à essas leis reforça o vínculo social, enquanto que a sua desobediência afasta o vínculo.

“Mas, a cena hospitaleira é efêmera e a hospitalidade nela desenrolada só pode ser estudada como cena encadeada com as anteriores e as seguintes” (Camargo, 2021, p. 7). É nesse sentido, que buscaremos compreender as cenas hospitaleiras no encontro entre anfitriões e

viajantes nômades em seus percursos de viagem. E mais do que isso, analisar o que de fato emerge do encontro, o que fica, quais vínculos se estabelecem.

3 A Hospitalidade no Percorso dos Viajantes Nômades Contemporâneos

“A viagem em si, não é nem aonde você foi, é o que aconteceu enquanto estava indo”

(Edu Bah¹⁷)

Para entender como a hospitalidade está arraigada no estilo de vida dos viajantes nômades contemporâneos, partimos para investigar as cenas do encontro a partir da ótica dos viajantes e de anfitriões, tendo como pano de fundo as Leis da hospitalidade. A sustentação teórica para tanto, foi encontrada nas intersecções contidas no encontro que desencadeiam interação pessoal, virtude, rito e troca, explicitadas por Camargo e que só são possíveis de ocorrência a medida que a hospitalidade acontece, nos interstícios de suas cenas.

Para tornar mais fácil a interpretação quanto ao modo de relacionamento interpessoal que se desencadeia no percurso desses viajantes nômades, salienta-se a grosso modo que eles utilizam como técnica para locomoção, em sua grande maioria, a carona, que são regradados com relação ao consumo e possuem controle financeiro para tanto, economizando ao máximo em transporte, hospedagem e alimentação. Também, não costumam realizar passeios turísticos pagos, preferindo os contatos com nativos para um melhor aproveitamento da estadia e que valorizam ao máximo os contatos obtidos no percurso, já que é a partir deles que, muitas vezes, se estabelecem suas principais experiências na viagem.

Como forma de melhor conduzir essa etapa do estudo, orientaremos esse desenvolvimento através da diferenciação da hospitalidade por meio das quatro Leis referenciadas por Camargo (2021), Incondicionalidade, Reciprocidade, Assimetria e Compensação, bem como das cenas intrínsecas de urbanidade, de inospitalidade, de hostilidade e hospitabilidade, quando assim possam se apresentar.

Entende-se por urbanidade a interação humana que acontece, principalmente, nas cidades, um ritual cheio de reservas, sempre na defensiva diante do estranho, moldado por regras em que a abertura ao diferente torna-se fator de risco. “Urbanidade, etiqueta, civilidade são termos quase semelhantes [...] É uma forma de se relacionar socialmente que se assenta em atitudes e posturas assépticas, despidas de calor humano” (Camargo, 2021, p. 04).

¹⁷ Diários de carona - <https://www.facebook.com/DiariosDeCarona>

A inospitalidade e a hostilidade, por sua vez, caminham próximas, pois são designadas a partir de uma relação de interação mal sucedida, sendo a inospitalidade a falta de interesse de um dos interlocutores em interação e a hostilidade uma forma mais agressiva levando a rejeição da outra pessoa, como é possível perceber no quadro ilustrado por Camargo.

Figura 1 Hospitalidade: da Hostilidade à Hospitabilidade



Fonte: De “As leis da hospitalidade” de L.O.L. Camargo, 2021, Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, p. 05. Doi: <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v15i2.2112>

Já, por hospitabilidade, entende-se o atributo máximo do encontro, em que a interação bem sucedida ultrapassa as regras e códigos da hospitalidade. Trata-se de um termo criado por ingleses, para designar a pessoa hospitaleira, alguém que tem habilidade para receber, isso porque a apropriação do termo pelo caráter comercial fez perder a referência de sua totalidade desinteressada. Camargo (2021), acrescenta que só é possível quando tornada pessoal o suficiente para despertar pelo menos uma reminiscência em um contato posterior que venha a ter, o verdadeiro reforço do vínculo social.

3.1 A Incondicionalidade e suas influências

A Lei da incondicionalidade, nesse contexto, caminha lado a lado com a noção de urbanidade, pois elas acontecem no princípio dos encontros, no primeiro contato, especialmente, quando as intenções se apresentam diante de desconhecidos prestes a firmar ou não uma relação interpessoal. O grande desafio é justamente identificar essa incondicionalidade, fator que exige muitas quebras de fronteiras morais, atribuídas quase que totalmente a quem acolhe, e torná-la pessoal o bastante até que se possa atingir o patamar de hospitabilidade, uma tarefa que dependerá das reações de cada parte envolvida no encontro.

A abordagem é a primeira forma de contato mais assimilada pelos viajantes e também por anfitriões nesse processo de interação, é nela que se identifica a intenção e é dela que se estabelece o roteiro para as próximas cenas do encontro. São códigos que tais viajantes vão conhecendo e aperfeiçoando durante suas trajetórias nas estradas, não são parte somente instintivas de uma aproximação, são experimentadas e variam a cada novo encontro.

Eu gosto de contar a minha história, porque quando eu falo quem eu sou, o que eu tô fazendo e o que eu fiz, já era, a pessoa se abre e ajuda muito, porque além dela ter empatia ela vai se identificar com o teu propósito (Viajante E).

Falar sobre a própria história foi algo em comum notado entre os viajantes entrevistados, em consonância com a afirmativa de Camargo, sobre a hospitalidade ser regida por cenas, demonstra-se que contar a história pessoal que se está vivendo para chegar até esse encontro, torna-se, quase sempre, o primeiro ato no roteiro desses viajantes. O mais agradável é perceber o orgulho que têm da própria história e que não cansam de repetir quantas vezes forem necessárias. O estilo de vida incomum que desempenham, não só desperta o interesse em quem está observando de fora, como também promove o entusiasmo no próprio viajante, tornando a abordagem mais carismática e extrovertida, sem o apelo para questões de piedade ou de relevância puramente caridosa.

Eu acho a minha história muito bonita, não canso de repetir ela, porque toda pessoa reage de forma diferente. Sempre chego e falo alguma coisa, conto a minha história e peço o que eu tô precisando. Acontece de eu estar pedindo carona ou caminhando e alguém me parar assim: oi tudo bem, o que você está fazendo, me conta? Aí, às vezes a conversa fica boa e eu acabo sendo convidado para uma ajuda, seja carregar o celular, tomar um banho, almoçar ou dormir (Viajante A).

Como referenciado no depoimento acima, a abordagem também não é exclusividade de quem busca a ajuda, ela pode se apresentar como iniciativa de qualquer uma das partes envolvidas na relação. No entanto, o primeiro contato é por certo uma cena dualista, em qualquer situação de enfrentamento com o desconhecido surgem, instintivamente, os lapsos de desconfiança em conjunto com a curiosidade e com a boa vontade de ajudar o próximo. A hospitalidade neutra, como ponto inicial de um encontro, é o divisor de águas unicamente capaz de fazer acontecer uma interação ou não, no cotidiano “encontramos nas ruas, nos meios de transporte, nas lojas, uma infinidade de pessoas com quem não trocamos gestos, olhares, palavras. Olhar sem ver, falar sem dizer nada, perguntar e responder mecanicamente dão o tom

de relações até mesmo impossíveis” (Camargo, 2021, p. 05). Os motivos pelos quais as pessoas buscam a neutralidade no dia a dia, especialmente, no contato com pessoas estranhas, podem ser os mais variados possíveis, mas a insegurança ainda é um dos pilares de sustentação desse comportamento.

O que eu costumo pensar é que as pessoas são neutras porque elas têm medo de ser enganadas, não que a pessoa é má, ela só se fecha com receio de você tá enganando ela, isso acontece, principalmente, em cidade grande, que aí as pessoas são mais inseguras ainda (Viajante E).

A neutralidade dos potenciais anfitriões, nesse contexto, é percebida constantemente, seja no ato de pedir carona, informação ou qualquer outra forma de aproximação com desconhecidos. Para os viajantes é algo natural enfrentar dezenas de recusas no primeiro contato, mas por alguma razão eles sabem que dentre tantas tentativas frustradas, uma delas será acolhedora. A consciência com a qual eles encaram essas cenas de abordagens e recusas por aproximação, chega a ser impressionante, não se magoam, nem ficam desestimulados com a situação, apenas refletem e continuam seu percurso.

Se eu paro para pedir um copo de água em uma casa e essa pessoa me trata meio assim, não me olha no olho, não sorri muito, eu respeito, ela pode estar sozinha em casa, pode ter tido uma má experiência antes e aí eu não convivo muito com essa pessoa, não fico reclamando dela, tá tudo bem, ela deve ter algum motivo, não tá num astral legal. Isso pode acontecer algumas vezes, mas é bem raro (Viajante A).

O fato é que na sociedade em que vivemos, confiar em alguém que se apresenta na figura de desconhecido, se configura em risco para a grande maioria das pessoas, mesmo que isso não seja uma exclusividade dos nossos tempos e que remonte há séculos atrás. Obviamente, nos tempos atuais, temos essa noção mais elucidada no risco, porque o cotidiano é repleto de informações que disseminam tragédias, a violência alcança os níveis absurdos, a mídia reforça esses acontecimentos aumentando o temor, que leva ao afastamento natural entre pessoas, e a neutralidade se fortalece nessas condições como um escudo.

Não é qualquer pessoa que vai parar o carro e colocar lá dentro alguém que nunca viu, dividindo espaço com a família, ou pior se estiver conduzindo sozinho (a), ou mesmo abrir a sua casa para um estranho, permitindo a abertura de sua privacidade para um desconhecido, até mesmo no simples contato que requer o ato de responder uma pergunta a uma pessoa estranha na rua, os temores surgem e aí qualquer tentativa de aproximação é repelida.

Eles te vendem o medo, é um argumento tão fácil e tão produtivo que a ideia geral é que você não pode olhar para o lado e pedir nada para ninguém, tudo é perigoso e quando é carona, que é algo que não é do dia a dia, se torna uma aberração (Viajante H).

Aprender a lidar com a neutralidade das pessoas e daí saber despertar um sentimento, que vá, possivelmente, acender o desejo de hospitalidade nelas, é uma habilidade que esses viajantes aprendem com o tempo na estrada. Os sentidos são aguçados à medida que as experiências vão acontecendo e as estratégias de abordagem para uma aproximação não invasivas ou amedrontadoras são despertadas.

[...] mostro a identidade, sempre dando o maior conforto possível para a pessoa, porque quando eu entro no carro ou caminhão é o universo da pessoa. Não vou discutir se ela vai contar as coisas dela, se ela segue uma linha que eu não concordo (Viajante F).

São nesses interstícios da abordagem inicial que se encontram as premissas para as cenas de inospitalidade e hostilidade. A recusa por ofertar acolhimento, para Camargo (p. 08, 2021) é uma violação do caráter humano, pode estar em sua disposição desinteressada, em sua postura distímica e na indiferença com a presença do outro.

Fazendo um comparativo com uma cena em que um viajante está pedindo carona na beira da estrada, a hospitalidade neutra é nítida, “em trinta minutos vai passar carro pra caramba, (1) uma pessoa vai parar [...]” (Viajante E), todas as outras que ali passaram e observaram aquele desconhecido aguardando alguém com solidariedade a lhe oferecer a hospitalidade necessária, praticaram a neutralidade, e isso é mais comum do que podemos imaginar.

Muitas vezes assistindo jornal, a gente fica com muito medo das pessoas, achando que o mundo é muito perigoso, que todo mundo tá maluco e quando a gente viaja, a gente percebe que as pessoas são pessoas e na grande maioria dos casos elas estão muito dispostas a ajudar, porque isso é da essência humana (Viajante D).

Em teoria, a incondicionalidade sempre esteve mais associada ao anfitrião, já que naturalmente é o sujeito da relação que possui as condições em oferecer ajuda ou acolhimento. Mas, falar de hospitalidade altruísta, como define Lashley (2015) é algo tão profundo, que exige despir-se de qualquer pensamento em obter uma retribuição com aquela atitude, tem que ser uma ação de benevolência pura, despretensiosa, portanto uma generosidade gratuita ofertada de coração, sem qualquer interesse. O difícil é saber se essa ajuda ofertada é incondicional de

fato, tendo o exemplo mais comum transmitido ao longo da história, a hospitalidade associada à religiosidade. Os mais diversos relatos a esse respeito, indicam que no fundo havia o temor de alguma punição divina caso não fossem hospitaleiros com um desconhecido, ou mesmo, que a figura desconhecida poderia ser um enviado divino, como um anjo, ou até mesmo o próprio Deus travestido daquela personagem para testar a fé do anfitrião.

O mais louco é perceber que os lugares e as pessoas mais simples, são os mais dispostos a ajudar. Os lugares mais simples que eu passei, onde as pessoas digamos que tinham menos a oferecer materialmente, foram os lugares que as pessoas tão mais dispostas a ajudar (Viajante D).

Reconhecer de imediato o que se passa no pensamento de quem oferece ajuda a um viajante nômade é um mistério, no entanto é quase que unânime, entre os entrevistados, a ideia de que a hospitalidade dada é um ato de generosidade espontânea mesmo, de coração, pelo simples fato de estar ajudando outra pessoa.

De forma geral porque tem muita pessoa boa no mundo sim. De maneira geral, as pessoas têm sim essa vontade de não deixar a pessoa no caminho. Eu já tive carona com todos os tipos de pessoas possíveis, inclusive de pais com crianças de colo pararem pra mim de noite, mães com filhas me darem carona também, pela necessidade de ajudar, porque não tem outra intenção a não ser ajudar mesmo. A questão geral é a bondade (Viajante F).

Estar na condição de absolutamente outro, envolve a pessoa em uma esfera de sentimentos que misturam razão e emoção. A sensibilidade aflorada, permite um olhar mais acurado daquilo que se desencadeia das relações. *“Às vezes, em alguns momentos da viagem eu dedico a entender mais sobre o mundo e pra entender sobre eu mesmo, aí é quando eu começo os processos de caminhada pra dentro de mim” (Viajante E).*

O fator da incondicionalidade nesse universo é intrigante, lida-se constantemente com a desconfiança, com o medo do desconhecido e com os perigos que rondam a mente, projetados pela convivência em uma sociedade violenta e amedrontadora. No entanto, se pararmos para pensar o lado vulnerável nessa relação quase sempre é o lado do viajante, apesar da narrativa constante de que *“é muito mais fácil alguém na beira da estrada com uma má intenção do que alguém que pare com um carro com má intenção” (Viajante F).*

Importante ressaltar que a menção da palavra vulnerabilidade, nesse contexto, nem sempre quer dizer algo negativo. *“Quando eu falo vulnerável, não é uma coisa ruim tá, é porque a gente, querendo ou não, depende muito de outras pessoas” (Viajante B).*

Embora a figura do desconhecido viajante, que carrega inúmeros estereótipos negativos, seja a mais repercutida, sempre existem anfitriões dispostos a oferecer hospitalidade. *“O mochileiro muitas vezes ele é confundido com um andarilho, uma pessoa que não tá nem aí para vida, não quer trabalhar, eu acho que rola um preconceito muito maior” (Anfitrião A).*

Por outro lado, o viajante também tem seus motivos para desconfiar de quem oferece acolhimento, e esse discernimento somente a experiência do percurso é capaz de fornecer, *“tudo é no olho, e tu sabe a intenção da pessoa no olho, vai te vacinando isso, quem chega com má intenção é gritante a reação, até o movimento do corpo da pessoa” (Viajante F).* Especialmente, nos casos relatados sobre caronas, é comum viajantes adquirirem uma perspicácia quanto aos comportamentos de quem será um possível anfitrião, os gestos e as expressões são importantes aliados para o reconhecimento primário se aquela experiência será segura ou não.

Acontece muito isso, a gente para, conversa, entende, sente o olhar, sente a forma de expressar, corporal, verbal, do olhar da pessoa, tudo isso são sinais, então com o tempo a gente vai ficando mais sagaz, pra entender esses sinais. Quando a gente troca olhar com alguém, a gente percebe se aquela pessoa está mal-intencionada, ansiosa, estressada ou se ela tá calma. Tudo isso vira um aprendizado pra você conseguir se posicionar e ter essa troca e sentir essa confiança ou não de viver alguma experiência (Viajante D).

Dessa sagacidade adquirida, podem se desenrolar as cenas amistosas do encontro, como também pode acontecer a recusa, levando às cenas de inospitalidade por parte do próprio viajante, isso porque a generosidade ofertada pode se configurar em segundas intenções. *“De repente eu vou dormir na praça que é melhor do que dormir na casa de alguém que não é confiável. Não é porque alguém me convidou para ir na casa dele que eu posso confiar” (Viajante G).*

A inospitalidade, não está somente na troca do contato humano que se tenta estabelecer e é ignorado, nos depoimentos ela apareceu também nas questões referentes às relações diplomáticas, financeiras e também dos espaços físicos, especialmente nos ambientes que não favorecem a permanência do viajante.

Nesse sentido, quando perguntado sobre os fatores que podem limitar a permanência do viajante no local, a grande maioria destacou que não enfrenta situações limitantes, os que haviam tido alguma experiência nesse contexto, destacaram argumentos relacionados a espaço físico, *“zonas muito urbanizadas ou muito pobres que eu possa me sentir uma possível vítima de assalto” (Viajante A);* relações de diplomacia, *“ por não conseguir o visto para ir para os*

Estados Unidos” (Viajante C); e questões financeiras, “pela questão da moeda no Brasil, a gente tem muito mais dificuldades para se estruturar e se organizar financeiramente para viver experiências fora do Brasil” (Viajante D). A inospitalidade aqui é reforçada mais pelo caráter espaço temporal, do que propriamente em função dos comportamentos das pessoas em não querer estabelecer um vínculo com outra como, notoriamente, é relatado nos estudos sobre hospitalidade.

Por parte dos anfitriões, as causas que podem levar à inospitalidade, são relacionadas à obtenção da confiança necessária para oferecer a hospitalidade. Considerando as situações mais comuns das cenas entre viajantes e anfitriões, é possível situar que carona e hospedagem são as formas mais invasivas do território de quem está acolhendo e, por isso, é compreensível que se tenha mais cautela e cuidado.

A gente sempre vê aqui na nossa rua, pessoas passando com uma mochila nas costas, só que eles não têm um aspecto muito bom entende. Que é realmente de andarilho e você não receberia jamais uma pessoa desse tipo na sua casa, é diferente, é estranho na verdade. Não só pela aparência, não nesse sentido (Anfitriã B).

Quando indagado aos anfitriões, na entrevista, se eles fazem uma seleção para receber viajantes, a resposta foi unânime, que sim. *“Eu faço uma seleção sim, tem que ter uma indicação e saber de onde é, pra dar uma segurança” (Anfitriã C).*

Por outro lado, se a inospitalidade percebida causa um atrito gerando o afastamento na relação, a hostilidade reconhecida no encontro vai deixar marcas profundas, mesmo que tais viajantes sejam acostumados a lidar com esses acontecimentos é algo que vai ficar na memória. *“Desde cidades pequenas a cidades grandes, tem as pessoas mais fechadas, as pessoas mais abertas e aí tem pessoas que tratam muito, muito mal mesmo, mas essas pessoas são muito poucas” (Viajante E).*

A hostilidade percebida nos depoimentos dos viajantes tem suas bases fundamentadas nos estereótipos formulados em torno de sua figura física, nos preconceitos de ordem étnico racial, no *status* social e, mais uma vez, na insegurança provocada pelo medo do desconhecido. *“Ali tá todo mundo nessa estrada da vida, o perigo das grandes cidades tá ali também, só que tem mais coisa boa do que ruim...” (Viajante F).*

De maneira geral, os viajantes não reconhecem tantos comportamentos hostis, pelo contrário, atribuem os gestos de hostilidade, que por ventura aconteçam, a um mau momento da pessoa, também não consideram que aquela seja a postura comum adotada no cotidiano

daquele indivíduo, e procuram até manifestar uma justificativa para compreender o que levou aquela pessoa a ter tomado determinada atitude depreciativa.

Nos acolhimentos, por exemplo, no couchsurfing¹⁸, às vezes, tem pessoas que aceitam te receber, mas não estão no momento ou prontas pra isso. Por mais que elas estejam dispostas a te ajudar, elas têm com vários problemas em casa, com vários problemas no trabalho e elas não conseguem ter aquela vibe de te receber tranquilamente, já aconteceu sabe (Viajante D).

Uma estratégia comentada pelos viajantes para evitar situações que possam levar a constrangimentos ou posturas hostis, está na autoconfiança. Aquela postura equilibrada de saber exatamente o que se quer, ou onde se quer chegar, ter objetividade e boa observação do comportamento das pessoas, saber dialogar com clareza sem deixar dúvidas sobre o motivo da aproximação, faz a diferença entre receber um acolhimento hospitaleiro de alguém ou uma rejeição agressiva. *“Se o cara é um viajante mais introvertido, que não fala, ele vai sofrer muito mais, mas quem fala vai conseguir fazer com que o caminho se desenrole” (Viajante E).*

A confiança a ser alcançada no primeiro encontro entre estes desconhecidos, passa por estágios de enfrentamento que somente a coragem do contato inicial, seja uma iniciativa de qualquer uma das partes, é capaz de dissolver a barreira da neutralidade. *“Em alguns lugares as pessoas te tratam com indiferença” (Viajante E).* Essa invisibilidade dita pelo viajante no depoimento, está impregnada no cotidiano das pessoas, envolta, principalmente, pelo receio do que virá a acontecer se ocorrer contato. Retomando Benveniste (1995), nesse estágio o viajante tem a referência *hostis*, associada aos desconhecidos de toda ordem que podem se tornar uma ameaça à paz.

A gente é forasteiro, os olhares e as tuas atitudes que vão ter que conquistar quem te olha. As atitudes vão passar a confiança e com essas atitudes você vai olhar em quem você pode confiar também, porque você não conhece, você é forasteiro, não é em todo mundo que você pode confiar (Viajante G).

O fato do sujeito viajante ser o estranho que chega, aquele que não pertence ao lugar, que está só de passagem, não o classifica como ingênuo, muito pelo contrário, é necessária perspicácia para enfrentar as falsas generalizações que lhe acometem. No depoimento de uma

¹⁸ Couchsurfing é um serviço que conecta membros a uma comunidade global de viajantes, onde é possível se hospedar gratuitamente na casa de membros anfitriões que disponibilizam cama, colchão ou sofá, promovendo assim uma experiência de viagem diferenciada compartilhando espaços e criando conexões entre pessoas, pautado no espírito da generosidade.

Fonte: <https://about.couchsurfing.com/about/values/>

anfitriã ao ser interpelada por um amigo, sobre o fato de estar hospedando um viajante desconhecido em sua casa, é possível compreender bem essa questão.

Amigo: Tem uma pessoa na tua casa, que nem tua língua fala, tá dormindo na tua casa?

Anfitriã: É, tá lá.

Amigo: Nossa, mas tem certeza, você deixa tudo lá e se te roubar?

Anfitriã: O que ele vai roubar na minha casa que eu não vou conseguir recuperar pelo caminho?! Ele que é o ser vulnerável nessa situação!

(Anfitriã B)

A atitude de acolher alguém completamente desconhecido em sua casa, ou dentro do seu carro, ou mesmo de ofertar algum alimento ou qualquer outra forma de ajuda a uma pessoa que não é do convívio, não soa como atitude normal na sociedade em que vivemos, e isso vem desde tempos antigos, porém a desconfiança e o medo caminham lado a lado com a vontade de oferecer hospitalidade.

As vezes encontro com meus amigos locais e dizem: muito perigoso isso, tu não tem medo que te matem? Gente a vida é um eterno perigo. É também confiar, a gente é colocado muito nessa zona do medo e tem pessoas muito boas aí que tem uma proposta legal e que tão afim de compartilhar e de trocar (Anfitriã C).

Embora as atitudes iniciais, já relatadas, de postura defensiva e insegurança diante do estranho viajante, seja constante, a maior parte dos entrevistados julga que é um comportamento plausível, mas que a parcela de pessoas que reage de maneira indiferente a aproximação é muito pequena. A incondicionalidade é afrontada quando se colocam questionamentos sobre as razões que levam anfitriões a oferecerem ajuda e acolhimento, as intenções que surgem com a motivação podem confirmar se o ato é ou não intrínseco, motivado somente a ajudar uma pessoa desconhecida por solidariedade pura.

A gente tava em Curitiba, tava muito frio, a gente tava viajando de carona com caminhoneiros, a gente já tinha uma carona certa, só que o caminhoneiro atrasou com o negócio da carga, e aí ao invés de pegar carona no dia que a gente tinha combinado, ia ser só no dia seguinte e a gente teve se organizar para dormir no posto. Só que o segurança do posto começou a implicar, falando que a gente não podia dormir lá. Tava 5 graus aquela noite, já era umas nove horas, a gente foi no restaurante para comprar alguma coisa, a gente foi pra comprar mesmo pra comer, só que aí um caminhoneiro viu a gente ali meio perdida, meio indecisa em que a gente ia fazer e aí ele chegou e perguntou se a gente estava com fome e ofereceu pagar uma quentinha. O incrível é que a gente não tava buscando sabe. Esse mesmo caminhoneiro, depois chamou a gente e falou: eu não sei se vocês têm onde dormir, mas se precisarem, podem dormir na caçamba do caminhão, na parte de trás, não é super quentinho, mas é melhor do que

nada, porque vocês vão dormir ao relento aí, sem saber onde dormir. E aí gente topou na hora, fomos, foi a noite mais fria da minha vida, mas foi incrível perceber essas atitudes, esses movimentos dele se preocupando com a gente, como se tivesse cuidando das filhas sabe, e a gente em momento algum pediu, foi uma percepção que ele teve mesmo de querer ajudar e ajudou, porque passamos a noite lá no posto e no dia seguinte pegamos a carona que já estava certa (Viajante D).

Quando há a hospitalidade incondicional, verdadeira e não encenada, o acolhimento é espontâneo, não há espaço para a tolerância de imediato, pois o ato que exprime a primeira relação interpessoal entre esses sujeitos é um impulso do próprio eu generoso que acolhe o absolutamente outro sem qualquer perspectiva de retribuição, a vontade de ajudar fala mais alto.

Começou aparecer as nuvens e começou chuva neve, coloquei uma capa bem fuleira que eu tinha, começou a me molhar todo, comecei a tremer muito de frio e percebia que a voz já não saía mais, o dedo não conseguia mais flexionar, eu me lembro que no dia eu comecei a chorar, parecia um choro instintivo, quando você não tá pensando em nada e do nada você começa a chorar, era como se o frio estivesse me ameaçando de morte, eu tava num lugar que não tinha nada, não tinha ninguém, comecei a me desesperar, me lembro que minha mão não tava contraindo direito e eu comecei a balançar os braços para as duas direções, qualquer carro que parasse eu tava feliz. Parou um cara, foi a primeira vez que eu peguei carona muito desesperado, o cara viu que eu tentei falar, mas não saía voz nenhuma, ele ligou o aquecedor, comecei a aquecer, eu chorei que só, essa carona foi a que salvou a minha vida. Falei para ele que precisava de um lugar para dormir, porque não tinha condição de viajar daquele jeito, esse cara falou que já tinha levado outros viajantes na casa de uma senhora, chegando lá na casa da senhora até pensei: quem é que vai receber um viajante assim do nada chegando na casa?! Aí cheguei lá, chamei, quando apareceu a senhora tentei falar minha história, ela: “tá bom, entre”, ela nem deixou eu falar minha história, aí eu tentei falar e ela “não não, conta depois, vamo tomar um chazinho aqui”, aí nós tomamos o chá, ela me deu biscoito, a casa dela era muito bonita, todo mundo que chega lá ela manda fazer um filtro dos sonhos e ela pendura no teto, aí a casa dela em todos os cômodos é recheada de filtro dos sonhos no teto como se fossem estrelas, aquela senhora ali foi como uma mãe porque me salvou aqueles dias (Viajante E).

3.2 A reciprocidade – um pouco fora do padrão

Há quem considere, também, que a empatia é um fator preponderante nesses atos de acolhimento inicial. De fato, a compreensão empática facilita o processo de tornar uma interação amistosa, porém nesse caso já se apresenta a lei da reciprocidade em detrimento da

incondicionalidade. Novamente trazendo Lashley (2015, p. 72) para a discussão, é nesse ínterim que se deve distinguir a hospitalidade oferecida na expectativa da contrapartida do ganho pessoal (reciprocidade) e a hospitalidade ofertada meramente pelo prazer de dar prazer a outras pessoas (incondicionalidade). No contexto em que se demonstra a empatia na cena hospitaleira, também se apresentam fatores como moralidade e bondade, ética da generosidade e obrigação moral.

É impressionante, como as pessoas, muitas delas ajudam porque elas gostariam de fazer aquilo, então elas ajudam pessoas que estão fazendo. É nítido ver aquela vontade que elas têm de ajudar, é muito além de uma simples ajuda, é uma ajuda com desejo (Viajante B).

O depoimento torna explícita a reciprocidade, pois a motivação maior para oferecer a hospitalidade está condicionada ao desejo de receber algo em troca, mesmo que seja subjetivo, só o fato de por alguns momentos poder penetrar no universo da viagem do absolutamente outro, já é uma recompensa para este anfitrião.

A gente usa isso também para se sentir na viagem né, tipo a gente não consegue viajar bastante, não consegue ir para a Europa, mas a gente tendo um europeu por uns dias em casa a gente tem essa vivência (Anfitrião A).

Na lei da reciprocidade anfitriões e viajantes devem honrar-se mutuamente, Camargo (2021, p. 09), vai exemplificar esta lei nos dias de hoje, com a cena em que o anfitrião honrará o hóspede ao ceder sua casa, sua senha de wi-fi, alimentos e bebidas e interagir com prazer à conversa. O hóspede, por sua vez, ao aceitar o convite levando alegria, boa conversa e até presentes estará honrando o anfitrião.

[...] eu acho legal proporcionar a vivência local, poder levar as pessoas já para o local certo e compartilhar também, porque é sempre uma troca né, uma troca de tá apresentando aquele lugar, mas também estar recebendo outras informações de outros lugares que possivelmente eu possa estar indo (Anfitriã C).

No universo dos viajantes nômades, a lei da reciprocidade é percebida em muitas ocasiões, não sendo limitada somente ao contato efetuado a partir da soleira da porta da casa do anfitrião, até porque nesse caso a soleira pode ser uma representação simbólica da porta do veículo que o transportará até outro lugar em uma carona, da calçada de uma rua em que o viajante aborda alguém para pedir uma informação, de um comércio onde pode se utilizar para obter alimento, entre outros exemplos.

Em muitos casos também é aquela coisa da curiosidade, da pessoa admirar que você tem a coragem de tá fazendo uma coisa que ela talvez gostaria de fazer, mas não faz, por causa de diversos motivos. As pessoas gostam de acolher, às vezes, pra ter aquilo ali perto, conviver, tocar, aprender, observar[...] (Viajante D).

Quando nos orientamos pela noção comum da lei da reciprocidade, o cenário normal estabelece a interação de anfitrião e hóspede exaltando dádivas um para com o outro, tendo a referência formatada do encontro dividido por cenas, em que cada um deles tem seus momentos de protagonismo e ao final, a última honra, é atribuição do hóspede, que deve fazer seus anfitriões sentirem gratidão pelo momento, a famosa lembrancinha é costumeira nesse ato.

Por outro lado, o viajante nem sempre é um convidado previsto, já que grande parte das vezes, o convite para uma carona, alimentação ou estadia surge no percurso, e ele passa a ser um hóspede diferente daquele que temos nas teorias que tratam da hospitalidade comercial. O viajante vai usufruir das cenas de reciprocidade, mas não estará munido de todos os regalos materiais que sugerem essa cena, por exemplo, a lembrancinha para o anfitrião pode facilmente faltar. No entanto, os viajantes encontram outras formas de cumprir com o seu papel de convidado, eles demonstram a consciência da noção de reciprocidade em seus depoimentos e os regalos, em sua maioria, são simbólicos.

A retribuição vem justamente nessa troca de experiências, as vezes vem em algum gesto que a gente pode fazer ali na convivência. Por exemplo, eu gosto de cozinhar quando as pessoas me recebem, quando eu vejo que tem espaço para isso também (Viajante D).

Ocorre que nesse contexto de viagens dos nômades, o senso comum, muitas vezes, não é algo considerado pelos viajantes, por serem personagens diferenciados em comportamento, no geral, apresentando posturas fora do padrão. Então, a reciprocidade para eles pode estar até mesmo em mensagens subliminares, ou mesmo, o fato da possibilidade de se sentir bem ajudando alguém. “*Seja um necessitado pra alguém te ajudar e ele se sentir bem. Você ajudando é bom, mas você necessitado é bom também, é uma troca*” (Viajante G).

A reciprocidade passa a ser apresentada de maneira não tão explícita como em qualquer relação comum de interação, porém é expressa intrinsecamente e por gestos simbólicos. Uma ajuda vale muito para qualquer viajante nômade. Talvez, um anfitrião não possa imaginar o tamanho da intensidade com que um acolhimento é percebido pelo viajante. Isso representa

muito para quem está no percurso, toda forma de demonstração de solidariedade humana se torna extraordinária.

Eu tinha cruzado o Chile para a Argentina, eu tava com dinheiro, mas tinha que trocar, só que tava tudo fechado e isso já era 13h da tarde e eu não tinha tomado nem café da manhã, porque eu tinha dormido num ponto de ônibus na noite anterior, e aí segui viagem, só que por conta do frio e eu ter caminhado muito, começou a me dar fraqueza de ficar tonto. Estava com chance de neve naquele dia, continuei caminhando para fora da cidade e pedindo carona, até que um cara parou, me disse que só podia me levar até um cruzamento, ele viu que eu estava meio fraco, branco, passando mal, eu disse que tava com muita fome e o cara disse que não tinha comida ali, mas que se eu ajudasse a descarregar umas caixas do caminhão ele me daria frutas e dinheiro. Me lembro que naquele dia eu comi uma banana e comecei a chorar, comer é muito bom (Viajante E).

O gesto de reciprocidade é visto também na relação com o espaço de acolhimento, espaço no sentido de lugar mesmo, não apenas de pessoa para pessoa. *“Eu gasto muito pouco[...]as vezes eu me permito comprar PF (prato feito) de moradores locais para ajudar na economia do lugar, aquele lugar simples e tal, eu gosto de fazer isso” (Viajante B).*

Pode ser notado, ainda, nas quebras de paradigmas, na diluição dos rótulos e estereótipos criados e disseminados pela sociedade e que caem por terra no momento em que se defrontam com cenas que abalam tais concepções. *“Porque desmistifica [...] na estrada tudo cai, nenhuma figura e nenhuma imagem prevalece, essas pessoas que acolhem me ensinaram a não generalizar, nem todo rico é esnobe, muitas pessoas que menos têm são as que mais ajudam” (Viajante F).* E só o fato desse reconhecimento, por si só, já pode ser considerado como gesto de reciprocidade, coisas que só a sociabilidade, o contato oriundo de uma oferta de hospitalidade pode proporcionar.

Essa correspondência mútua de generosidades também pode ser evidenciada quando se rompe com a barreira dos preconceitos e julgamentos pré-estabelecidos. Um exemplo, são as caronas com caminhoneiros, muito bem referenciadas pelos viajantes pesquisados, que por si só já seria um significativo tema de investigação para a hospitalidade no percurso, pois transmitem em uma só cena todas as ações necessárias para incorporação nas quatro Leis identificadas.

Essa experiência de viajar com os caminhoneiros é muito legal por isso, porque, às vezes, às pessoas tem muito estereótipo em cima dos caras e eles são pessoas muito humildes, com história de vida super humildes, super trabalhadores, batalhadores pra sustentar a família. Só realmente trocando ideia, convivendo ali, pra você entender um pouco mais dessa realidade (Viajante D).

Os viajantes nômades, por circularem entre universos de aparências semelhantes aos de andarilhos e de mochileiros, por vezes, são com eles confundidos, mas na prática, se diferenciam dos primeiros por terem autoconsciência e objetivos a alcançar com a vida na estrada, e dos segundos por terem a viagem como estilo de vida contínuo e não esporádico. No entanto, as pessoas não saberão disso se não tiverem a oportunidade da interação e do diálogo. Percebe-se, contudo, que há um desafio aí a ser encarado por eles, já que, em sua maioria, não se sentem confortáveis ao serem tratados como andarilhos, por não serem errantes sem causa e nem como mochileiros, por não estarem em situação financeira equivalente às deles em viagem. Nessa perspectiva, a reciprocidade entra em cena quando são confrontados com essas realidades e semelhanças.

No início eu não fui como uma viajante sem grana, eu tinha dinheiro para passagem, para hospedagem, mas pelo fato de eu ser negra e de repente por eu ter o cabelo rasta, a galera achava que eu era hippie, que eu era uma viajante sem grana. Eu poderia me ofender, muitos pretos se ofenderiam com isso, tipo “tá achando que eu não tenho dinheiro”, só que eu fui me aproveitando dessa associação para ir continuando a minha viagem e descobrindo essa nova forma de viajar. Os nativos me colocavam nesse grupo, eles não me viam como um turista e eu não me ofendi com isso, pelo contrário, eu vi que eles estavam vendo o incomum que eles estavam me colocando em outro lugar, e não como uma forma pejorativa, mas como uma forma de querer me ajudar, de querer que eu faça um passeio sem pagar, então as pessoas me olhavam diferente... (Viajante C).

A experiência de viagem também favorece o aumento do grau de maturidade do viajante, para se lidar com determinadas questões, principalmente, com as que envolvem atitudes para se manter em viagem que muitas vezes podem ser julgadas por quem está de fora.

Eu mangueio. O mangueio, nada mais é do que a troca de ideia, não é a venda em si. Eu vou num restaurante, eu ofereço para lavar alguma coisa, varrer o estabelecimento ou ajudar de alguma forma em troca de uma refeição [...] Muita comida é jogada fora, não tem problema nenhum oferecer um serviço em troca de uma refeição (Viajante B).

Assim, também não há problema, para alguns, em pedir algo se estiver necessitando, ou coletar sobras em feiras, supermercados e até lanchonetes ou restaurantes, quando isso é permitido. Tal atitude, pode ser algo repugnante para alguns perfis de viajantes, mas para muitos nômades faz parte da experiência do caminho, está embutida no imprevisto e faz se libertar de certos estigmas sociais.

A gente tem que sempre que estar ganhando né?! “Eu conquistei com as próprias mãos”!!! Eu fui um pouquinho assim, de falar não precisa, de ganhar carona, de pagarem o almoço, de convidarem para dormir, de pagarem hotel ou de te levarem para um outro lugar legal, e tipo não, não, não.... Por que não?? (Viajante F)

Em contrapartida, existem os casos mais complexos que irão levar a outro tipo de indagação sobre a questão da reciprocidade, por envolverem temáticas estruturais provenientes de sistemas de exploração e relações abusivas, que para alguns viajantes remeterá aos discursos das marcas deixadas na sociedade e que ainda revisitam as memórias afetivas dessas pessoas.

Fazer troca em hostel, para o branco isso é muito legal, mas para a pessoa preta a gente já vai problematizar, porque a gente não vai querer trabalhar de graça por moradia, isso remete muito ao período de escravidão, então para a gente as relações são diferentes. Essa questão de pedir, tem muito mochileiro branco que pede sobra de comida, pede coisas, a gente, já fico meio refletindo, pô a galera já me confunde com pedinte e eu ainda vou vestir esse personagem, então a gente tem que ter uma postura um pouco diferente (Viajante C).

Além dos fatores pessoais dos viajantes, que os fazem distinguir e optar em não seguir determinadas atitudes padrão, que via de regra seriam as posturas mais comuns a adotar na cena da reciprocidade, ainda existem os casos dos pré-julgamentos por parte de anfitriões que, muitas vezes, nem chegam a avançar para essa cena, caminhando para os rumos da inospitalidade ou para o último grau, o da hostilidade.

O cuidado com a aparência física é algo, substancialmente, expressado nos depoimentos de viajantes como estratégia para alcançar os objetivos propostos em viagem. Há uma preocupação constante nesse quesito, pois dela muitas vezes podem se delinear as ações que desencadeiam para os ritos da hospitalidade almejada. Tal preocupação é advinda da presunção de potenciais anfitriões em avaliar os riscos do contato pela aparência, cor da pele, gênero e demais características generalizadas pelos rótulos sociais e que são atitudes comuns embutidas no nosso dia a dia.

Nesse sentido, o ato da reciprocidade se denota a partir do momento que o sujeito viajante tem a consciência de que o cuidado com a aparência é um fator que pode deixar o possível anfitrião mais tranquilo para uma aproximação. Havendo o contato inicia-se o processo da quebra da hospitalidade neutra. Pode-se dizer, então, que a reciprocidade, nesse contexto, ultrapassa a noção de linearidade que as leis estabelecem, se antecipando à incondicionalidade.

Só botar uma mochila nas costas e sair caminhando é muito suspeito para as pessoas. Às vezes quando eu chego pra falar com alguém, se eu deixo o bigode crescer, o cabelo, aí as pessoas quando eu chego próximo elas dão um passo para trás, fica suspeito (Viajante E).

Nessa mesma perspectiva, também são evidenciadas preocupações com vestimenta. Tanto homens, quanto mulheres viajantes, relataram os cuidados que têm com a roupa e calçado que usam quando estão em percurso. Não estamos falando aqui de qualidade de vestimenta e sim de asseio pessoal, pois sabem que esse fator é importante para passar uma imagem mais aprazível para as pessoas que encontram no caminho, especialmente, nos trajetos de um lugar para outro. Esse é um dos fatores primordiais de identificação, que pode levar a uma forma de acolhimento. Dentro da noção de reciprocidade, o contato visual primário, que inclui a preocupação estética do viajante, transmite algo que é agradável aos olhos do potencial anfitrião.

Ainda na linha do pré-julgamento, que promove abertura ou bloqueio para a interação, destaca-se também a intencionalidade do acolhimento e as motivações que farão o ato da reciprocidade ser compreendido ou não.

É muito mais fácil carona para mulher, pra uma ou duas e o risco é proporcional e depois casal se torna mais fácil do que um cara sozinho e, depois dois homens já começa a piorar, não dá pra dizer que é impossível. Nunca é uma coisa só, mas é principalmente isso, aquele grau de dificuldade de gênero, a cor e esse momento rápido de como tu julga a pessoa (Viajante F).

Indubitavelmente, os pré-julgamentos estão intrínsecos na vida do ser humano e isso também ocorre no processo inverso, de viajante para potencial anfitrião, por não saber a intenção da pessoa que oferece ajuda, seja incondicional ou não, essa armadilha se torna difícil de avaliar em um primeiro instante. Como afirmam os viajantes, é a autoconfiança, ou mesmo o tal instinto adquirido na estrada, que acabam falando mais alto e direcionando as ações para tomada de atitudes.

Foi uma estadia no Peru, que eu tava caminhando pela Cordilheira dos Andes, terminei a caminhada até o ponto que eu queria ir e aí comecei a pedir carona. Uma moto parou e me ofereceu carona e ele só tinha um capacete, eu falei: você vai me dar uma carona de 200km sem capacete? E ele: Sim, sim, não tem polícia. E eu não sou acostumado com isso, fui, achei divertido, seguro, ele tava devagar, parecia um cara legal. Eu acabei indo dormir na casa dele e aí quando cheguei vi que era gente muito simples, então eu ofereci uma janta, comprei comida, cozinhei e foi muito legal. Aquilo me marcou muito, foi chocante, foi diferente, inesquecível (Viajante A).

Na mesma medida que a confiança proveniente da ação de acolhimento pode ser positiva, ela também pode gerar situações embaraçosas e por vezes perigosas. *“Teve lugares que eu cheguei para dormir e no meio da noite ter que sair fora, porque a figura convidou, mas ela nem era dona do espaço e a hora que o dono chegou falou: vai todo mundo pra fora”* (Viajante G).

A lei da reciprocidade coloca anfitrião e viajante em cenas de cortesias e generosidades mútuas, embora nem sempre materializadas como nas relações entre anfitrião e hóspede destacadas ao longo da trajetória teórica sobre o assunto. *“É tipo, gentileza gera gentileza, hoje em dia eu aceito a ajuda muito de boa, mas confesso que eu ainda tenho certos receios, no sentido de não ficar só recebendo ajuda”* (Viajante B).

Porém, nem só de troca de gentilezas se faz a cena de reciprocidade, existem as transgressões que emergem do ato. Um dos excessos dessa lei, considerado por Camargo (2021), é o que torna o anfitrião uma espécie de sequestrador, ora promovendo a sensação de aprisionamento do hóspede, ora o afogando em gentilezas.

[...] a figura te convida pra ir pra casa e a figura se torna tão chato, tão chato, você pega suas coisas e vaza pra rua, não vou ficar aqui escutando lorotas meu, quem perde o teto ganha as estrelas, então prefiro ficar na rua. É um sequestrador mesmo, quer sugar tuas energias, a hora você que percebe isso meu, você não quer a energia da figura que é horrível, já fiz isso várias vezes, não sou obrigado a ficar em lugar nenhum (Viajante G).

Já, a transgressão pela falta, na lei da reciprocidade, está nos comportamentos que promovem o isolamento ou o abandono, a falta de diálogo, as formas diversas de se ignorar alguém. *“É frustrante assim quando a pessoa só quer a internet, tomar um banho e ficar atualizando as redes sociais e tal. Pô, a gente não é empregado, é chato, desestimulante esse tipo de situação”* (Anfitrião A).

Nos depoimentos não foram relatadas demais formas de transgressão, seja por excesso ou por falta, além das evidenciadas, a impressão que fica é que tanto viajantes como anfitriões têm uma certa cautela em tecer comentários sobre tais experiências. Ocorre que se nota a existência do vínculo criado após a interação e como falaremos mais adiante, a respeito das formas de hospitabilidade percebidas, talvez esse vínculo seja o motivo pelo qual não são notadas explicitamente situações de transgressão mais contundentes.

Seja pelo excesso ou pela falta, as formas de transgressão da reciprocidade ocorrem, cabendo tanto aos anfitriões quanto aos viajantes permanecerem alertas para manter uma relação baseada no equilíbrio das trocas, mesmo que singelas, de forma mútua e sincera.

3.3 A Assimetria - “do respeito aos espaços físicos e morais”

A lei da assimetria, pela regra geral do sistema da dádiva, está condicionada à soberania do anfitrião, já que o hóspede é quem chega no espaço alheio e estará então sujeito às regras que ali são estabelecidas. É como salienta Camargo (2021, p. 10), “é natural que o anfitrião pronuncie a frase ritual: faça de conta que a casa é sua”, mas o convidado não deve levar isso tão a sério, pois trata-se, na verdade, de uma mera expressão para designar cortesia e que, subliminarmente, já traduz a imposição de limites entre quem recebe e quem é convidado.

Na relação entre anfitriões e viajantes, o processo de acolhimento não é estritamente regido como nas teorias lançadas a respeito do tema. A assimetria convencionalizada nos estudos relacionados à dádiva, traduz a noção do comportamento que deve ser seguido na cena, sobretudo, dentro dos espaços físicos nos quais se desenvolvem. Como já demonstrado, as cenas de hospitalidade no percurso dos viajantes nômades se dão em categorias objetivas e subjetivas. Não apenas os movimentos físicos de corpos e expressões encenadas são considerados, aliás, o ocultismo que habita no comportamento do ser humano para eles também é de suma importância.

Prática comum relatada nos depoimentos dos viajantes é o convite, que ocorre após processo de interação bem-sucedida, e que normalmente acontece na perspectiva de adentrar espaços alheios. Esses espaços podem estar representados pelos veículos no caso das caronas, pelas residências dos anfitriões seja para realizar alguma refeição, tomar banho, passar a noite ou mesmo bater um papo e até pelos espaços comerciais que, eventualmente, possam servir como acolhida para suprir alguma necessidade do momento, entre outros.

Depois do livro meu Instagram cresceu um pouco e as pessoas passaram a me oferecer casa e eu passei a aceitar [...] já conheci muita culinária através dessas amizades com moradores, então várias comidas típicas eu conheci comendo na casa dos próprios nativos, o que dava um gostinho muito mais gostoso (Viajante C).

O convite pode ser associado aqui à soleira da porta pressuposta por Derrida (*in* Dufourmantelle, 2003, p. 107) “passar a soleira é entrar e não apenas aproximar-se ou vir”. Seja qual for a proposta, um convite sempre remete ao ato de adentrar um espaço que não é seu, em que códigos e valores ali perpetuados devem ser respeitados. Essa noção traduz bem o significado da lei da assimetria, ela dá abertura, mas não permite a liberdade plena. Logo a liberdade plena, que é a motivação em comum entre os viajantes nômades!

A lei dos dois dias, de ficar num lugar ou não!! Porque as vezes a pessoa quer te ajudar, mas é totalmente diferente. Eu gosto muito de deixar claro para a pessoa que ela não tem responsabilidade nenhuma comigo, se quis me ajudar e não quiser mais não tem problema. Passou dos dois dias tu sabe se a pessoa te quer ali ou não te quer ali (Viajante F).

De fato, a assimetria revelada nos estudos da hospitalidade remete a outros tempos, espaços e sociedades, pertinentes às realidades observadas naqueles momentos no decorrer da história e, notadamente, ainda fazem parte de diversos cenários atuais. Mas, isso não a torna uma verdade absoluta, em que os códigos sejam permanentes, sem considerar as diferenças de relações existentes dentro dos contextos em que se desenvolve a hospitalidade. Esse fato é confirmado quando a lei da assimetria é observada pela perspectiva do percurso dos viajantes nômades contemporâneos, nos movimentos atuais que revelam como as regras e os códigos nem sempre obedecem à lei perpetuada.

Quando você tá nos lugares menores, as pessoas, as vezes, abrem a casa, fala pra você acampar lá ou dormir na casa, chama para conhecer a família, chama para almoçar [...] eu já fiquei 1 mês na casa de uma pessoa que eu conheci aleatoriamente, aí depois me chamaram de família, não queriam que eu fosse embora, choraram quando eu fui embora (Viajante E).

No exemplo demonstrado no depoimento, seguindo a linha teórica, poderia se dizer que as leis da hospitalidade foram cumpridas, as transgressões superadas e o ápice que é a hospitabilidade, foi atingido.

Entender a lógica da assimetria no contexto de vida dos viajantes nômades requer estudos etnográficos aprofundados, que explicitem cada detalhe dessa relação, porém através dos depoimentos é possível perceber que o tipo de interação social, que se estabelece ali, vai muito além dos limites conceituais a qual está arraigada a lei da assimetria.

A gente começou a receber viajantes de uma forma bem inusitada, um amigo nosso estava aqui, foi andar pela cidade e viu que na rodoviária tinha um ciclista, tava com a bicicleta toda estrupiada, o pneu todo rasurado, não ia aguentar o percurso na verdade daquele jeito. E ele estava esperando um amigo dele que tava vindo de Curitiba, que também estava descendo a serra de Curitiba de bicicleta. Aí esse nosso amigo voltou pra casa e falou pra gente, poxa tem um menino assim assim, coitado, tá lá na rodoviária, eu acho que a gente devia ajudar. Aí (nome do marido) voltou lá, viu os dois, dava dó, tava os dois lá meio desacomodado, primeira viagem deles de bicicleta. Daí ele chegou aqui e falou assim pra mim, olha eu acho que é verdade, coitados, vamos ajudar? Eu falei tudo bem, só que assim, eu nunca vi eles na vida, eles vão dormir lá

na rua, montar barraca, dormir lá fora, receber uma pessoa que a gente nunca viu na vida dentro de casa, não né. No fim, eles vieram, eu fiz janta, os dois ficaram aqui com a gente batendo papo, conversando, tomando cerveja. Daí eu falei, tadinho dos meninos, não vamo deixar eles dormir lá fora, pegamos o colchão, dormiram dentro de casa, na sala. Aí a gente descobriu que era muito interessante receber as pessoas, que era legal a troca de informações e a gente sabia que tinha um potencial em ajudar, então a gente acabou de uma forma sem querer entrando para esse mundo de receber viajantes (Anfitriã B).

O depoimento da anfitriã corrobora com a teoria da assimetria, deixando claro que por mais que exista um código de regras assimilado, o controle do que pode e do que não pode está nas mãos do anfitrião. Porém, é a interação, o contato olho no olho, a conversa, a energia que é passada de pessoa para pessoa que vai determinar qual a regra que irá seguir ao acolher um desconhecido em casa e que existem exceções à regra. Ela pode mudar a qualquer momento dependendo da vontade do anfitrião.

Em outro depoimento de anfitriã, se percebe que há uma flexibilidade maior quanto as regras de convivência para uma boa experiência na interação. *“A gente tenta fazer uma relação que seja de igual para não ficar pesado nem pra mim, nem pra pessoa” (Anfitriã C).* O equilíbrio constante orientado pelos comportamentos de ambos para que seus espaços sejam preservados, comumente, são observados nos discursos tanto de anfitriões quanto de viajantes.

Por outro lado, o comportamento convencional que deve ser adotado pelo viajante nessas situações que envolvem a lei da assimetria, o da atenção constante para não se tornar invasivo, ganha um peso muito maior, mesmo que o anfitrião dê liberdade para sentir-se à vontade.

Estava sem celular, precisava mandar notícia para minha mãe e aí eu não parava em orelhão para ligar a cobrar, então acabava tendo que pedir celular emprestado de alguém. Eu aprendi que celular é uma coisa muito particular, você se mete muito na vida da pessoa ao pedir o celular dela emprestado, se tornou invasivo, eu me senti invasivo pedindo (Viajante A).

O depoimento demonstra que a intrusão não está associada somente ao ambiente físico referenciado por espaço na lei da assimetria, mas também aos objetos pessoais e a qualquer fator que possa referenciar isso. *“A figura do intruso pode ser entendida como daquele que invade o espaço do anfitrião tanto no sentido físico como figurado” (Camargo, 2021, p. 11).*

A chegada de um viajante em um ambiente novo o torna, muitas vezes, o centro das atenções. A observação do seu comportamento será constante por olhares curiosos que tentam assimilar aquela figura que foge do padrão ao qual se está acostumado. Cabe a esse viajante

manter a vigilância sobre seus atos para que não corrompa essa barreira, mesmo que invisível, da fronteira que existe no acolhimento. *“A gente tem uma responsabilidade muito grande, pelo fato da gente estar em muitos lugares, a gente pode acabar passando muitas mensagens, pode acabar afetando a vida de muitas pessoas de diferentes formas” (Viajante B).*

Ao fazer uma analogia da lei da assimetria pelo olhar do viajante, outras nuances surgem. A iniciar pela definição de espaço que se estabelece na teoria relacionada a essa lei, majoritariamente, estarão falando de espaço físico territorial, sendo casa, comércio, rua, etc. Dificilmente se nota a referência do espaço subjetivo, incluindo o próprio corpo da pessoa como espaço nesse debate. *“A soberania do anfitrião e a assimetria resultante são refletidas ainda pela territorialização do hóspede e estabelecimento das fronteiras em que ele pode se locomover” (Camargo, 2021, p. 10).*

Ao tratar sobre a noção comportamental da relação entre viajantes e anfitriões, nota-se que para o anfitrião o espaço sugere basicamente a mesma linha tratada na teoria, muito mais inclinada para o espaço físico, já para os viajantes o espaço abrange outras conotações que não só a vertente física, muitas vezes está ligado à noção mais subjetiva.

3.3.1 O espaço em sentido figurado – assimetria, corpo, assédio e vulnerabilidade

Uma das primeiras coisas questionadas por pessoas quando se deparam com viajantes nômades é a questão da segurança relacionada, quase sempre, à condição de vulnerabilidade. Como já situado anteriormente, o medo instaurado na sociedade devido às inúmeras informações a respeito de violência, seja transmitida pela mídia ou não, é estrutural e tem suas fundamentações.

O espaço da rua, das cidades, das estradas, se configura em território suscetível ao risco. O medo que assola e amedronta as pessoas, representa uma *“obsessão maníaca por segurança”* (Bauman, 2009, p. 08), e tudo o que possa ir contra essa tendência se torna extraordinário.

Viajantes nômades enfrentam a todo momento as barreiras impostas pela insegurança, que pode partir deles mesmos, obviamente por conta dos perigos existentes, mas em grande medida pelos temores que vêm dos outros. Por isso, é muito comum serem abordados com questionamentos a respeito do risco de estar em uma situação de vulnerabilidade, viajando dependendo da solidariedade e hospitalidade de outras pessoas.

Se parar para analisar, a grande maioria da sociedade vive em suas bolhas esforçando-se, continuamente, pela busca de uma ilusória segurança total. Quando depara com alguém que tem coragem de rompê-la para viver aquilo que sua alma clama, sem se preocupar com o que vão pensar sobre isso ou que tipo de rótulo irão receber por causa daquela atitude, então questionam, buscam entender as razões ou simplesmente os classificam como malucos.

Quando as pessoas me indagam muito sobre essa coisa do viajar sozinha do medo, eu falo muito sobre isso, óbvio a gente tem que avaliar os riscos, avaliar os perigos, porque isso pode acontecer em qualquer situação, em qualquer lugar, não só para quem está viajando. Mas, eu acho que também é importante a gente fazer esse movimento de ocupar esses espaços sabe, porque senão a gente não vai fazer nada na nossa vida, a gente vai viver o resto da vida se diminuindo, não saindo de casa, não fazendo as coisas que a gente tem vontade porque o mundo é assim (Viajante D).

Ao se lançar nessas aventuras, os viajantes estão sim expostos a muitos perigos, mas ao mesmo tempo estão sujeitos a viver realizações em experiências de viagem que jamais vivenciariam se não tivessem a coragem de enfrentar o medo. A vulnerabilidade nas viagens acomete tanto homens quanto mulheres, mas sem dúvidas a maior parcela está associada à mulher, seja por causa de todas as mazelas de insegurança que se vivencia no cotidiano em qualquer condição, ou por estar em situação de viajante solo, desprotegida e indefesa.

Difícilmente eu peguei carona sozinha, a maioria das vezes eu me juntava com uma outra viajante ou com um outro viajante para pegar carona, carona de dedão de BR eu sempre estava acompanhada de alguém, dificilmente eu pegava sozinha. Conheci poucas meninas viajando sozinhas, eu acho que ainda é um paradigma forte essa questão de ser mulher que viaja sozinha, não é uma coisa tão simples, por mais que a gente veja diversas pessoas na internet, o que a gente vê na internet é diferente do que acontece na realidade. Tem muito perfil de viagem hoje em dia na internet porque dá engajamento, mas não necessariamente a pessoa viva viajando... Mas, a pessoa que sai sem data para voltar sozinha sendo mulher, são poucas ainda (Viajante C).

O fato é que independente do gênero, o fantasma da vulnerabilidade está sempre rondando a vida dos viajantes. “Já teve carona que a pessoa parou e no olhar da pessoa, quando tá tensa, já sabe que há possibilidade de ter um convite de segunda intenção... já me abandonaram porque eu não quis ter relação sexual com a pessoa” (Viajante F).

É nesse contexto, que a lei da assimetria também deve ser considerada, uma vez que a ela compete o direito do respeito ao espaço. Como dito anteriormente o espaço assimilado à lei da assimetria é o espaço do anfitrião. No entanto, se todo ato hospitaleiro necessita de anfitrião e hóspede para as cenas se desenvolverem, é contraditório que essa lei seja beneficiária somente

a um lado do protagonismo. Sendo assim, o espaço que se reivindica aqui confere direito ao viajante também, não lhe sendo imposto apenas o dever como regra na terceira lei da hospitalidade. Afinal, se as barreiras físicas que limitam o hóspede em suas ações no território delimitado pela assimetria existem para proteção do anfitrião, então é justo que a assimetria também contemple limites para que o espaço do hóspede não seja violado, nesse caso o espaço é compreendido pelo próprio corpo físico dos viajantes.

Sempre tive muita vontade de vivenciar essa coisa da carona, mas sempre tive muito receio, por ser um mundo desconhecido para mim e pelos perigos mesmo, a gente fica muito mais vulnerável quando está pegando carona. São várias questões que você precisa lidar e se preparar para viver isso, eu não acho que é tão simples como outros estilos de viagem. Viajando com uma amiga eu fiquei muito mais tranquila, porque éramos duas então me passou muito mais segurança, muito mais tranquilidade e eu achei mais fácil, nesse momento eu ainda não me sinto assim tranquila o suficiente para vivenciar essa coisa da carona sozinha (Viajante D).

As vertentes que sustentam a vulnerabilidade são inúmeras, por essa razão muitos viajantes buscam redes de apoio para se sentirem mais seguros em seus percursos e não terem que se confrontar com situações que possam ferir sua dignidade. São plataformas virtuais de apoio a viajantes, grupos formados por viajantes com afinidades e características em comum, entre outros, que se tornam alternativas para encontrar acolhimento, sem ter que se submeter aos enfrentamentos do desconhecido.

A gente tem em comum buscar comunidades afro diaspóricas para nos apoiar nesses lugares, porque muitas vezes a gente tem barreiras mais fortes para fazer esse deslocamento geográfico, por mil questões né, mas quando tá viajando a gente tá mais vulnerável, e a gente enquanto pessoa preta já tem uma vulnerabilidade um pouco maior né, então essa questão de procurar pessoas pretas para me apoiar nesse sentido de me receber, de me falar quais são os lugares bons que eu possa vender o livro, quais são os lugares bons pra ir, então eu estou sempre fazendo conexões com essas pessoas nos lugares. E eu descobri que é um grupo mesmo, que existem muitas pessoas que viajam nesse sentido, que existem plataformas, tipo a Diáspora black que é como se fosse um airbnb só de pretos, então tem toda essa temática e isso é uma coisa que tá ganhando espaço justamente por essa necessidade que é diferente você ser um viajante branco e você ser um viajante preto, tem particularidades, tem demandas diferentes, pra começar a gente quer conhecer a história real que nossos ancestrais construíram, não uma história apropriada, então a gente tá buscando outros caminhos, outros lugares, são grupos diferentes (Viajante C).

Dentro dessa temática que engloba vários assuntos que permeiam o espaço de direito, destaca-se, ainda, outra problemática que assombra o mundo dos viajantes nômades, o assédio. Alinhado com a vulnerabilidade, o assédio é um dos temas abordados com cautela pelos

viajantes. Isso porque é preciso maturidade suficiente para saber discernir as cenas que podem ou não se configurar em assédio, além disso é necessário ter sobriedade para se esquivar desse tipo de situação. Lembrando é claro, que o assédio sendo um comportamento indesejado pode surgir de situações diversas e com tipos específicos cabendo, inclusive, pena prevista por legislação em alguns casos específicos.

A questão do assédio faz parte da vida, sendo mulher, sendo brasileira, pra mim era muito mais forte o assédio em si quando eu vivia a minha rotina normal no dia a dia [...], indo para a faculdade, indo para o trabalho, isso era muito mais forte. Quando no movimento de viagem, a gente tá em espaços diferentes, a gente tá com uma energia diferente, então acaba que isso é mais brando. Eu como mulher, eu considero que já tenho uma sagacidade de saber entender esses movimentos, justamente pela experiência que eu tenho aqui no Brasil, essa questão da postura e da firmeza, isso eu aprendi muito viajando, por ser mulher e estar sozinha a maior parte do tempo como eu desenvolvi essa firmeza e essa postura na minha fala, no meu jeito de me expressar, principalmente, em situações assim mais delicadas e de assédio, é óbvio que os riscos existem, os perigos existem, mas eu assumi pra mim que como mulher eu não posso me calar e me acuar, a gente precisa ocupar os nossos espaços. Então, por mais que seja desafiador, por mais que seja perigoso, eu assumi essa escolha de ocupar esses espaços e de falar com firmeza, de falar não quando eu não quero, de botar os limites, óbvio que sempre avaliando as situações, o quanto de segurança ou risco eu tô correndo ali (Viajante D).

Cabe ressaltar que o assédio não é uma situação que acomete somente as mulheres viajantes, homens também relataram sofrer constrangimentos dessa natureza. No entanto,

Eu confesso que tem momentos que eu deixo de sair, eu deixo de ir certos horários para certos lugares, ou deixo de ir com alguma roupa para certos lugares, isso acontece, infelizmente. Mas, eu também acho que a gente na medida do possível, conforme for seguro pra gente, a gente precisa também se impor, ocupar os nossos espaços. É triste ver que para os homens é muito esse movimento de 'homem tem que ir pro mundo mesmo, tem se jogar, tem que viver as coisas e mulher não, tem que ficar protegida, tem que ficar recolhida, não pode arriscar', e isso é muito cruel, muito injusto (Viajante D).

Não é novidade que os homens sempre estiveram no papel de protagonistas nas histórias de viagens, Trigo em sua obra *A viagem, caminho e experiência* (2013), destaca a representatividade do gênero masculino como principal expoente desde os primeiros périplos, citando os viajantes bíblicos com as figuras de Abraão, Isaac, José, Jacó, Davi, Moisés, entre outros. As experiências históricas das quais se tem conhecimento, sejam elas épicas, mitológicas, iniciáticas (Ibid), científicas ou antropológicas sempre reforçaram a presença,

quase que unânime, de homens no papel de viajantes, contudo, a herança histórica também revela a insólita participação de mulheres no mundo emblemático das viagens.

Sonia Serrano (2017), destaca o papel das mulheres viajantes no decorrer dos tempos afirmando que, inicialmente, a figura feminina nas viagens era associada ao papel de mera coadjuvante no acompanhamento de seus maridos em missões ou estudos, salvo exceções que se disfarçavam de homens para adentrar tais espaços em contextos épicos. O fato é que a autora contextualiza a prática de viagens por mulheres as colocando como protagonistas viajantes em diferentes períodos da história.

Outra referência que merece destaque na questão de gênero, nesse universo das viagens, é Cheryl Strayed protagonista de uma viagem solo, que descreve na autobiografia a sua aventura pela PCT (*Pacific Crest Trail*) onde relata em um pequeno trecho que essa eminência masculina ainda perdura nas viagens alternativas. “Era o livro de registros da trilha [...] Escrevi o meu nome e a data e li os nomes dos trilheiros que passaram por ali nas semanas anteriores, a maioria homens viajando em duplas, nenhuma mulher sozinha” (Strayed, 2013, p. 62).

Das diversas faces que a vulnerabilidade pode apresentar, por certo, que todas elas envolvem os sentimentos do medo que está envolto em se arriscar. Por outro lado, o risco existe em qualquer lugar, em qualquer tipo de rotina, para qualquer tipo de pessoa e nem por isso as pessoas deixam de viver suas vidas realizando o que lhes preenche de satisfação e prazer.

Apesar do que defende Gotman, ao afirmar que “as leis da hospitalidade não se adaptam bem com a noção de igualdade porque comportam a desigualdade, assimetria entre um que é o dono da casa e o outro que não está em casa” (Gotman *in* Raynal, 2013, p. 151), entendemos que existe esperança para a quebra desse paradigma, afinal nesta vida nada é permanente.

Retomando à ideia do amparo que a lei da assimetria traz ao anfitrião, mesmo que as leis da hospitalidade sejam leis não escritas, elas trazem o caráter subjetivo enraizado na sociedade, portanto são colocadas em prática mesmo que instintivamente. No entanto, a assimetria observada por esse prisma, deveria também sustentar a ideia de direito do hóspede ao espaço, referenciando-o pela preservação de sua dignidade, não apenas ser mencionado como mero coadjuvante detentor de deveres.

Ideal seria o cenário vislumbrado por Kant (2009), que o “imperativo categórico” não ficasse apenas no campo teórico e fosse de fato praticado, como essência da moralidade, para preservar a dignidade humana.

3.4 A compensação – “do muito obrigado à gratidão, restam as marcas do que se vivenciou”

Anne Gotman (*in* Raynal 2013, p. 155), afirma que “a hospitalidade é um apetite, um apetite pelo outro”.

Talvez se compararmos as leis da hospitalidade a uma refeição, daquelas em que se está com muita fome e há grande apetite por experimentar o que será posto à mesa, poderíamos defender que incondicionalidade seria se alimentar do que viesse como alimento, sem se importar com o sabor; a reciprocidade seria todos servindo-se com generosidade mútua; a assimetria seria o respeito à ocupação de seus espaços de assento à mesa, respeitando talvez uma ordem protocolar; e, a compensação viria nas memórias afetivas que aquela refeição poderia despertar, posteriormente, não diretamente na sua digestão, mas nos nutrientes que o alimento proporcionou ao corpo e que vão ficar ali reverberando por muito tempo no físico e no emocional.

A compensação é a lei da hospitalidade que está ligada também à retribuição, mas isso não quer dizer que está associada somente àquela imediata, promovida pela reciprocidade do encontro, mas sim à generosidade, gentilezas trocadas, manifestações de alegria e satisfação, durante e após a interação, etc. Em outras palavras a compensação é também o que ficou na memória ou na lembrança, seja ela física ou subjetiva, é aquilo que faz o encontro ter valido a pena.

Várias vezes eu fico com uma sensação de dívida, de não ter retribuído muito bem, tem pessoas que me dão muito e eu não me sinto retribuindo sabe, eu só retribuo com a minha história e com o meu astral (Viajante A).

No entanto, as formas simbólicas de compensação podem representar as trocas mais genuínas. Possivelmente, as que vão permanecer na consciência de ambos. Essa retribuição favorece também no sentido de fugir da armadilha do bem material. Uma dádiva que se não for dedicada com cautela pode trazer os perigos de cometer os pecados do excesso e até mesmo do erro. Retribuir com algo que a pessoa, simplesmente, não vá gostar.

Eu gosto da troca genuína, eu acho que essa coisa do favor obrigatório, perde um pouco do sentido e do prazer na coisa, então as vezes a retribuição não vem de imediato, mas é uma energia que fica ali. As vezes alguém me acolheu e eu não vou necessariamente retribuir pra essa pessoa, mas eu vou acolher uma outra pessoa que

vai precisar desse acolhimento que eu posso oferecer. Eu acredito muito nesse movimento de não ter essa obrigação de retribuir, esse também foi um aprendizado na viagem, de saber aceitar as coisas sem necessariamente sentir que tá em dívida com a pessoa, de você aceitar de coração porque tá sendo feito de coração e ficar em paz com isso, não ficar com essa cobrança de “eu preciso fazer alguma coisa para retribuir, porque senão não parece justo sabe”, eu acho que a retribuição ela vem dessas outras maneiras, com aprendizado que você tem ali, com acolhimento que você pode oferecer em outro momento ou as vezes com alguma outra coisa que você pode fazer por essa pessoa anos lá na frente ou meses lá na frente (Viajante D).

O depoimento acima é um exemplo que retrata a noção de retribuição muito próxima do *Potlatch*, pela visão de Lashley (2015, p. 84), quando compara à “hospitalidade redistributiva”, em que as dádivas ofertadas não têm expectativa de retorno imediato.

O sentimento gratificante que uma experiência de acolhimento bem-sucedida deixa em um viajante não é possível mensurar. Nesse sentido, cabe ressaltar que a expressão do agradecimento também detém suas nuances no estudo da hospitalidade.

Para Camargo, a palavra gratidão, expressa pela formulação Latina *gratias ago*, que ganhou reformulações em outros idiomas como o italiano, castelhano e francês, louva o doador e reconhece a importância da dádiva recebida, porém não aprofunda a noção da retribuição, “obrigado nada mais é do que o resultado da elipse de uma frase mais longa: você me fez um favor e eu estou obrigado (a) a lhe retribuir” (Camargo, 2021, p. 11).

A consciência de retribuição manifesta pelos viajantes também se configura em indício de compensação, pois sem isso a relação não evolui para hospitalidade, recai em caridade. “*Carona não é de graça, é um assalariado transportando um produto da economia, não existe refeição grátis, algum custo tem né, está saindo de algum lugar*” (Viajante F).

Compensar alguém por uma dádiva recebida é uma necessidade evidenciada nos depoimentos. Mais do que um código embutido na relação entre o dar, receber e retribuir, a compensação se caracteriza como uma manifestação de paz interior, por ter dedicado algo em troca daquela ajuda ou acolhimento.

Eu tenho uma listinha de coisas, de maneiras com as quais eu posso retribuir. Eu posso, por exemplo, fazer uma massagem, porque eu tenho formação em massagem. Eu posso oferecer dicas de alimentação saudável, posso oferecer planilhas de treinamento físico, porque eu sou formado, [...] o mínimo que eu sempre faço questão de fazer é lavar a louça, seja um copo ou uma pia inteira eu sempre lavo a louça (Viajante A).

Independente da forma de compensação, seja ela material ou imaterial, imediata ao acolhimento ou posterior, ela não é negligenciada pelos viajantes.

Uma das formas de compensação mais lembrada pelos viajantes está nos contatos posteriores. Por mais que não sejam frequentes, se fazem presentes e dão a abertura para uma possibilidade do retorno. É também, o ir embora com a certeza de que as portas estarão sempre abertas para voltar. O vínculo estabelecido em um encontro, se estreito, é garantia de novas possibilidades para outras interações e experiências, não necessariamente no mesmo espaço.

Os vínculos que eu mantenho me fazem muito bem, eles fazem a viagem ter sentido. Eu tenho uma família, eu tenho amigos em cada lugar que eu saí, é isso que eu busco, é realmente manter esses vínculos. Não sou de mandar mensagem todo dia e a galera, eles sabem disso. Tanto é que nesse ano eu fiquei três, quatro meses visitando amigos que eu conheci nos Estados que eu passei, então eu visitei galera que eu vi há dois, três anos atrás. Essa família que eu tô aqui hoje, tem dois anos e nove meses que a gente não se via, e eu tô aqui, a gente conversando parecia que a gente se viu semana passada. São essas relações, são esses vínculos que eu busco. O tempo é irrelevante, se você tiver uma intensidade, se você for sincero, se você passar por situações que você demonstre uma real amizade, a pessoa nunca vai te esquecer, você vai marcar a vida dela e ela vai marcar a sua (Viajante B).

É no interstício desta lei que se concentram os atos da última cena da hospitalidade, a que promove o desfecho bem ou malsucedido. Isso porque, a relação estabelecida no encontro, que avança para a lei da compensação, não tem a garantia de que o final será feliz.

Assim, seja no sentido da hospitalidade como um “dispositivo de enquadramento” (Gotman *in* Raynal, 2013, p. 156) ou como “fonte de armadilhas” (Camargo, 2021, p. 12), é nessa etapa que os sentimentos vêm à tona multifacetando suas formas de demonstração que podem ser verdadeiras ou vir encobertas por generosidades falsas.

No entanto, a pesquisa evidenciou depoimentos repletos de falas gentis e resgates de memórias afetivas que guardam as experiências vividas, suas trocas e atitudes de compensação.

Porque só me deu riqueza, porque me deu amizade, me deu amor, me deu ensinamento de não generalizar, [...] porque isso me salva todo dia na verdade, esses contatos me lembram, além da amizade e carinho sincero e mútuo, me lembram que a vida não é só violência (Viajante F).

A compensação também se demonstra na fala de anfitriões na pesquisa, em geral no sentimento saudosista, no respeito que se estabelece daquela relação interpessoal, nas manifestações de carinho e afeto que são exaltadas, entre outras formas de demonstração.

Para mim sempre foi muito enriquecedor. Eu acho que é sempre uma rede de compartilhamentos e trocas, eu me sinto muito bem. É uma outra proposta, um outro estilo de pensar o mundo e construir outras situações, outras etapas da vida” (Anfitriã C).

A partir da referência da compensação se torna mais evidente os aspectos que se configuram em hospitalidade genuína, como afirma Camargo (2021, p. 6), ela “é o selo que marca o encontro entre pessoas que sabem e gostam de receber e de serem recebidos, que conhecem e praticam instintivamente ou por aprendizado as leis da hospitalidade”.

Atingir o nível da hospitalidade, significa o ápice da hospitalidade, representa o elo que separa o fim e o recomeço do ciclo virtuoso da dádiva. Todas as leis, códigos e regras foram superados, bem como as cenas que delineiam o ciclo do encontro.

No entanto, neste estudo, o significado de hospitalidade não corrobora com a teoria de Lashley ao afirmar que “hospitalidade, em si, indicaria a disposição das pessoas de serem genuinamente hospitaleiras, sem qualquer expectativa de recompensa ou de reciprocidade” (Lashley, Morrison, 2000; Lashley, Lynch, Morrison, 2007 *in* Lashley, 2015, p.72). Isso porque, é evidente que o caráter da reciprocidade importa, tanto para viajantes quanto para anfitriões.

É justo atribuir a noção de hospitalidade, tratada neste estudo, conforme considera Camargo (2021, p. 6) ao sustentar que ela “marca os encontros mais memoráveis do cotidiano”.

De fato, as lembranças tornam-se fatores preponderantes para designar ato de compensação, especialmente, quando pautadas nas formas de contato posterior entre os sujeitos da relação. O vínculo estabelecido é reforçado pelos contatos que surgem após o encontro, principalmente, quando associados às facilidades que os meios de comunicação tecnológicos possibilitam.

Os viajantes nômades contemporâneos trocaram os diários manuscritos que seus antecessores fizeram uso, há tempos atrás, para registrar suas memórias de viagens por diários virtuais em perfis de redes sociais, blogs, livros de autobiografia físicos ou digitais, canais em plataformas de compartilhamentos de vídeos *online*, arquivos de conteúdo em áudio (*podcast*), entre outros. Para além de tais mídias favorecerem e estimularem o contato, seja permanente ou esporádico, entre os viajantes e seus anfitriões do percurso, elas também favorecem a aproximação ao sistema. Curiosamente, o afastamento ou o esgarçamento dessa proximidade com o sistema é que foi a principal motivação para a viagem nômade.

Na sequência, abrimos um curto capítulo, que tem como intenção, dada a contemporaneidade do tema, apenas uma reflexão sobre o impacto das mídias digitais sobre as viagens nômades conforme discutidas.

4 As Tecnologias Digitais na Vida dos Viajantes Nômades

Ao analisar o processo de evolução das tecnologias, no presente momento em que vivemos, podemos ter noção das mudanças que elas proporcionam e, também os impactos que elas detêm sobre nossas vidas. Estamos experimentando um momento histórico, em que a revolução tecnológica, impulsionada pela globalização, tem papel considerável no cotidiano das pessoas, sendo capaz, inclusive, de influenciar e promover alterações em padrões comportamentais.

Trata-se de uma etapa da trajetória humana dominada pela “insegurança existencial” Bauman (2007), onde a tecnologia e seus aparatos, cada vez mais atrativos, revelam possibilidades hedônicas que o mundo real muitas vezes está longe de ofertar.

O advento da cultura de massa pelas mídias tecnológicas, talvez seja um reflexo do desejo de evasão causado pelos excessos da “sociedade do desempenho” (Han, 2015).

Essa influência da tecnologia também mudou completamente a interação entre as pessoas. As relações sociais, foram afetadas de maneira significativa pelo advento da mediação, mudando comportamentos e alterando as formas de comunicação, dando continuidade àquilo que Ianni (2003) chamou de “democracia eletrônica”.

O uso das novas tecnologias de comunicação, referenciadas constantemente por favorecer a aproximação de pessoas que estão fisicamente distantes, também revela um perigo proeminente, o de distanciar as relações reais.

Esse fortalecimento das relações sociais mediadas, faz parte de um movimento comum nas sociedades contemporâneas, onde o vazio existencial predomina, evidenciando o que Lipovetsky (2009) classifica como “mutação sociológica global” e que Ianni (2013) reforça como “ágora eletrônica”.

Atualmente, as mídias digitais e redes sociais fazem parte do cotidiano de grande parte das sociedades. Não vamos nos ater aqui, às questões de desigualdade social e fragmentação que elas também estimulam, mas iremos centrar atenção aos movimentos mais dinâmicos e globais que se manifestam no que se refere ao objeto deste trabalho.

As mídias digitais estão presentes no trabalho, lazer, comunicação, entretenimento, estudos e uma infinidade de funções. Somado a isso, ainda, são disseminadoras de conteúdos responsáveis pela propagação de compartilhamento de informações em massa.

Tanto Bauman (2007) quanto Lipovetsky (2009), concordam que os padrões comportamentais dessa nova era, estão interligados aos conceitos de insegurança, individualismo e da busca de liberdade de escolha para viver.

Assim, a influência tecnológica associada à comunicação, tem papel extremamente importante para a estrutura social estabelecida na contemporaneidade, mesmo que não alicerçada em modelos estruturais como em outras épocas. Ela se configura em redes, com bases de apoio reais, conexões frequentes e seu uso auxilia no preenchimento do sentido existencial e do pertencimento.

E é nessa perspectiva que os viajantes nômades diferem dos influenciadores¹⁹ que se utilizam das mídias digitais e suas grandes redes para promover conteúdos de viagem, motivados, especialmente, pela oferta de lucro que elas são capazes de gerar. Os nômades digitais, exercem trabalho remunerado para retratar as situações de viagem e atrair novos turistas para os destinos, dependendo, exclusivamente, das mídias digitais para tanto. Nesse processo, que articula o planejamento da viagem, mobilidade, visitação, produção de conteúdo e promoção nas redes, haja vista que o trabalho ainda continua após as publicações, talvez, não reste tanto tempo disponível para realizarem experiências pessoais no percurso e no destino, como as que os viajantes nômades realizam e relatam.

É justamente o tempo disponível o grande divisor entre um e outro. Tratamos aqui dos viajantes nômades que se desvinculam de contratos trabalhistas convencionais, da rotina fixa que o trabalho demanda, da limitação de tempo livre que a vida sedentária estipula para se entregarem de livre vontade ao viver viajando, e o uso das mídias digitais se torna uma oportunidade em diversos sentidos para eles.

Por outro lado, o hábito de registrar a viagem nômade nas mídias digitais, em substituição aos manuscritos e diários de bordo, também pode esconder a armadilha do vício que essas tecnologias são capazes de influenciar.

¹⁹ Não trataremos com profundidade dos nômades digitais, pois foge ao escopo deste trabalho. “Os nômades virtuais buscam novos territórios [...] lugares de conexão. Não precisam carregar seus pertences nas costas já que tudo o que precisam está virtualmente na rede” (Lemos, 2009, p.31). Apesar de terem a liberdade de tempo e espaço, atuantes de uma reinvenção de padrões de trabalho para viver uma vida em movimento, ainda sim estão completamente dentro do sistema, operam para o modelo mesmo incorporando técnicas transgressoras ao formato, enquanto que os viajantes nômades deste tempo buscam por medidas ainda mais flexíveis que essa para driblar o sistema.

4.1 As mídias digitais: o que muda na vida dos viajantes nômades?

27 de abril de 1992

Saudações de Fairbanks! Esta é a última vez que você terá notícias minhas, Wayne. Cheguei aqui há dois dias. Foi muito difícil pegar carona no território de Yukon. Mas finalmente cheguei. Por favor, devolva toda a minha correspondência para os remetentes. Posso demorar muito até voltar para o Sul. Se esta aventura se revelar fatal e você nunca mais tiver notícias de mim, quero que saiba que você é um grande homem. Caminho agora para dentro da natureza selvagem²⁰.

Alex

É com essa mensagem transcrita em um cartão postal, que Krakauer (1998) inicia a célebre obra que tenta resgatar o percurso de Chris McCandless, o jovem aventureiro que viajou de carona até o Alaska e adentrou sozinho aquela região selvagem.

As formas de comunicação mudaram, consideravelmente, desde o final do século passado para cá. Viajantes daquele período enviavam notícias de seu paradeiro por meio de correspondências físicas, que demoravam vários dias para chegar ao destinatário. Podiam ficar vários meses sem dar notícias, mas nem por isso deixavam de viver as experiências do nomadismo. Para fazer uso de aparatos tecnológicos de comunicação instantânea, normalmente, utilizavam o telefone público, tecnologia usual de um período não tão distante, mas que mexe com as lembranças de quem viveu na estrada naquele tempo.

É tão diferente do começo, quando não tinha celular, a gente se falava por carta, enviava cartão postal[...] Antes, para mandar parabéns pra alguém, você ia no orelhão, comprava a fichinha e ligava, hoje tá tudo escrito já a frase, sei lá se tem sentimento nisso, uma frase pronta, nem foi você que fez (Viajante G).

Os efeitos da globalização, especialmente, atrelado ao rápido avanço tecnológico, e em um espaço de tempo relativamente curto, se comparado com as formas de comunicação do século passado, têm gerado grandes transformações e causado impactos em diversos âmbitos da vida nas sociedades contemporâneas. Ianni (2013, p. 155), defende que as tecnologias quando utilizadas com intenção de moldar o comportamento humano podem se transformar em técnicas sociais capazes de intensificar, generalizar, modificar e até bloquear relações.

Obviamente, que certos padrões comportamentais levam um tempo até serem completamente substituídos pelos novos, porém com a influência das tecnologias de comunicação virtuais, esse tempo de transição parece ser mais curto na contemporaneidade.

²⁰ Descrição de um cartão-postal recebido por Wayne Westerberg em Cartago, Dakota do Sul, enviado por Chris McCandless.

Quando eu comecei a viagem, eu peguei uma agenda em branco e carreguei junto, e ela tá até hoje com uns rabiscos de umas vinte páginas talvez, contando como foram os dias, as coisas que eu pensava e tal e aí eu falei, não vale a pena, eu parava o meu dia no final e ao invés de ter uma convivência ou admirar uma paisagem eu ficava escrevendo no papel e carregando aquilo durante o dia, aí eu optei por não ter mais (Viajante A).

Por certo, que as transformações, especialmente, nos meios de comunicação, vieram trazendo facilidades para a vida da maioria das pessoas de um modo geral, por outro lado também trouxeram ferramentas que exigem certo grau de maturidade para não cair nas armadilhas da alienação. *“Hoje tem o celular, tem a rede social, se você fica sem falar com alguém, a pessoa fica achando que você morreu, ou que você tá bravo com a pessoa, antes não” (Viajante G).*

O uso das redes sociais é prática comum entre os viajantes nômades, além de estabelecerem conexões com pessoas que partilham dos mesmos valores e interesses, seus perfis são fontes de inspiração para outras pessoas que admiram o que fazem. As páginas pessoais nas redes servem, ainda, para os registros de suas experiências. Mais completas que os antigos diários de bordo ou de campo, permitem a reprodução de imagens dos momentos relatados em texto, complementando ainda mais a noção da experiência vivida, por vezes, inclusive, com transmissão ao vivo. *“Eu posto uma foto em cada lugar que eu tô, pra mim é meio que um diário de bordo, porque se eu perder meu celular amanhã, perder todas as minhas fotos, eu tenho um registro ali que não vai sumir” (Viajante H).*

As cenas do percurso que são registradas pelos viajantes possuem propósitos particulares e repertório dinâmico. Não há, via de regra, modelos e formatos específicos a seguirem, cada qual a sua maneira utiliza as ferramentas disponíveis de forma que melhor se aproveite para a transmissão da mensagem que ali quer registrar.

No meu primeiro nível de consciência a minha intenção é fazer um registro da minha viagem, mas eu acredito que inconscientemente eu devo estar alimentando meu ego, mostrando para as pessoas que vida legal que eu tenho ou que eu julgo que tenho. É legal ter pessoas achando sua vida legal e te parabenizando (Viajante A).

Uma das marcas características da cultura virtualizada de interação é o *selfie*, autorretrato tirado pela própria pessoa, e que já virou um fenômeno global, uma prática comum no cotidiano, associada em grande medida às redes sociais. O *selfie* se analisado pela vertente de Ianni (2013), quanto aos debates a respeito do indivíduo, está associado ao narcisismo e a figura do eu central, em que o egocentrismo reina. Na mesma perspectiva, Lipovetsky (2009),

associa o narcisismo ao novo perfil coerente do indivíduo, orientado pelo hiper investimento do eu, na promoção de um individualismo puro, para a valorização generalizada do sujeito. Por outro lado, se pararmos para analisar o *selfie* pela corrente do subjetivismo, defendida por Latour (2019), a noção subjetiva do *selfie* não estaria arraigada no polo individual unicamente, tampouco no social, mas na lógica binária que emerge da relação que se estabelece entre o sujeito e os seus seguidores.

A prática constante do uso de redes sociais para compartilhamento de imagens, além de provocar tais debates sobre o comportamento humano, também reserva conotações que vão além da proposta individual de ser/parecer/estar para um campo muito mais complexo que é o da influência sobre outras pessoas.

Eu questiono muito também sobre essa questão da necessidade de ostentação que rola também nas mídias, porque muitos viajantes nômades que as vezes ostentam muito só a questão das coisas boas, do lado bom de ser nômade, ostentar viagem, ostentar paisagem, eu tento tomar muito cuidado, eu gosto mais de compartilhar experiências mesmo, coisas que estou vivenciando, mas é sempre um ponto que você tá ali refletindo para entender, questionar porque você está compartilhando aquilo, o que aquilo tem de relevante, o que aquilo vai agregar para outras pessoas (Viajante D).

As redes sociais por serem territórios amplos, muitas vezes, podem se tornar campo aberto para diversos tipos de interpretações, por isso é imprescindível que o uso dessas ferramentas seja feito de maneira consciente, em que os objetivos da partilha sejam muito claros para quem publica, assim se evita transmitir mensagens que possam parecer distorcidas. *Eu compartilho a minha experiência até certo ponto, porque eu não sou um blogueiro, eu não me vejo como essa pessoa que está ali para influenciar outras pessoas a conhecer o lugar (Viajante H).*

Considerando que a internet e, especialmente, as redes sociais são vitrines do outro, há uma tendência generalizada de se demonstrar apenas o lado positivo nas publicações, isso de um modo geral, falando de turismo como um todo. Esse fato evidencia os destinos, aumenta sua visibilidade e, automaticamente, o promove, e se tais publicações forem feitas por pessoas públicas, como artistas ou influenciadores digitais com milhares de seguidores, aí o destino atinge altos níveis em divulgação. No entanto, nota-se que apesar dos viajantes nômades não se englobarem nesse rol de *influencers*, seus perfis em redes sociais possuem quantidade considerável de seguidores, com tendência a aumentar, à medida que se deslocam, e isso, por si só também é capaz de influenciar a promoção de destinos, mesmo que o teor de suas

publicações não seja com intuito promocional, de forma indireta acabam contribuindo com o setor turístico.

Essa necessidade que a gente tem as vezes, quando é criador de conteúdo, por questões de algoritmo e essas coisas, e a gente tem que estar sempre ali tendo que mostrar alguma coisa, isso é muito cansativo. Se você não toma cuidado, chega num ponto que você se sente forçado a mostrar alguma coisa só para você aparecer e para as pessoas não esquecerem de você. É uma observação constante, é uma linha muito tênue a gente se deixar levar por essa cobrança das mídias, por essa necessidade de estar ali sempre alimentando, é uma linha muito tênue entre você respeitar isso e cair nesse vício (Viajante D).

Sabendo que na prática, pelo senso comum, as redes sociais são utilizadas para demonstrar o melhor dos mundos, com publicações de lugares maravilhosos, experiências incríveis, momentos inesquecíveis, paisagens deslumbrantes, cenários perfeitos para um bom registro fotográfico, vale inferir sobre aquilo que fica por trás dos *posts*, detalhes que não rendem *likes* se forem publicados.

Nessa perspectiva, os viajantes nômades demonstram que por viverem muito mais os momentos que se desenrolam no percurso, muita coisa acaba ficando de fora das publicações, mas se nota, sobretudo, que existe um grau de consciência e maturidade fundamental na escolha do que deve ser publicado e o que não deve.

Eu não publico pensamentos, tipo ideias, devaneios sobre a viagem, eu não me sinto tão aberto e, a questão amorosa também, eu tenho uma menina que me dou bem aqui outra ali, aí eu tenho que tomar um certo cuidado com isso para não misturar muito as coisas, não machucar (Viajante A).

Além do caráter pessoal que possa estar embutido na escolha por não publicar determinado assunto, seja pela preservação da própria imagem ou de terceiros envolvidos, ainda existe a questão da dependência e assiduidade que as redes sociais provocam naqueles que delas compartilham. Lembrando que essa obrigação de postar vai no sentido oposto à liberdade no uso do tempo. “*Eu não compartilho nem 20% do que eu vivencio, também não gosto de ficar dependente das mídias e celular, não acho que tenho que ficar postando o tempo todo tudo o que eu estou fazendo*” (Viajante D).

Um fator intrínseco nos perfis de redes sociais dos viajantes nômades é a riqueza de detalhes na descrição dos acontecimentos, por utilizarem as redes também como diário para registros da viagem, as publicações são aprofundadas textualmente. A maioria dos viajantes entrevistados demonstraram possuir forte inclinação para a escrita, uma habilidade que alguns

aperfeiçoaram e dela fizeram uma fonte de renda para continuar em percurso. A internet, nesse caso, além de ser um instrumento importante que auxilia na comunicação, no registro da viagem, na orientação para a rota de viagem, entre outros, ainda se torna uma ferramenta de trabalho e de obtenção de renda para esses viajantes.

A internet querendo ou não que me sustenta, que é um trabalho virtual com um trabalho físico. Eu posso trabalhar freelancer, eu consigo me transportar para qualquer lugar, eu viajo, gosto de ter essa experiência, eu gosto de lugares em meio a natureza e ainda por cima esse local pode ser o meu trabalho (Viajante F).

A grande diferença para os trabalhos remotos, é que os viajantes nômades não estão a trabalho nos locais que visitam, eles aproveitam a viagem e adaptam o trabalho conforme a oportunidade. Diferente dos nômades digitais, que têm obrigações a cumprir em determinados destinos e utilizam apenas o tempo livre para aproveitar o lugar, os viajantes nômades colocam a viagem em primeiro plano e a obtenção de recursos para se manter em percurso advém das oportunidades do caminho. As formas de trabalho são adaptadas conforme o local onde estão e as ferramentas tecnológicas favorecem esse processo. “*A minha necessidade de estar nas mídias é de conexão mesmo com as pessoas, de aprendizado e de oportunidades profissionais. Confesso que se não tivesse nada disso, desses três pontos, eu viveria off-line feliz*” (Viajante D).

Assim, a influência da tecnologia é vista de maneira substancial para a vida desses viajantes. Não se trata de supérfluo ou questão de luxo ter um celular com conexão à internet. É o mínimo que necessitam para continuar em viagem, mesmo que isso possa parecer contrário ao estilo de vida minimalista adotado por quem busca evasão do sistema ou ruptura com os padrões de sociedade. Porém, isso também não quer dizer que viajantes nômades não consigam empreender suas viagens sem tais recursos, o percurso histórico está aí com diversos relatos e registros provando que é possível, porém se o avanço da tecnologia permite facilidades, porque sofrer sem necessidade?!

Eu tava há 7 anos com o mesmo celular, ele realmente acabou, morreu e aí eu falei chegou a tão esperada hora de viajar sem celular, vamos ver como vai ser e tal. Eu não tava nem positivo e nem negativo em relação a isso, mas passei por essa experiência e logo de início eu já não gostei. Ah que sem graça, eu não cheguei a criar o hábito de ter sempre papel e caneta na mão então, eu peguei carona com pessoas muito legais e não salvei o contato (Viajante A).

Indubitavelmente, a revolução tecnológica agrega muitas vantagens para os viajantes, seja simplesmente pelo fato de facilitar a comunicação ou até contribuir com a obtenção de uma renda em percurso. Fatores fundamentais para eles. O fato é que os aparatos tecnológicos penetraram na vida da sociedade contemporânea de maneira absoluta e que as tentativas de dissolução das tendências que eles proporcionam são inúteis. Nem aqueles que questionam a submissão ao sistema escapam da trama que as mídias digitais têm criado.

4.2 Repercussões sobre a atividade turística

Vários aspectos diferem, entre os modos de viajar dos nômades e dos turistas. Entre esses aspectos estão: a motivação, o tempo dedicado à viagem, os locais escolhidos como destino, a programação de atividades no local, o investimento financeiro, as relações interpessoais com os residentes, as nuances de hospitalidade, entre outros. No entanto, cada vez mais, a atuação de viajantes nômades e a divulgação de suas experiências têm influenciado na elaboração de roteiros alternativos no mercado turístico formal.

A forma de acessar os locais e de experienciar a viagem, continuam a se diferenciar entre o viajante nômade e o turista, seja pela motivação (conhecer pessoas e não apenas lugares), pelo tempo (indeterminado ou definido pela relação trabalho/tempo livre), nas relações interpessoais (estabelecendo vínculos ou não) ou pelas experiências (no destino/percurso e apenas no destino).

Com a popularização das mídias tecnológicas de comunicação, a imagem das viagens e do turismo passaram a ser mais acessíveis. Diferentemente, de tempos atrás, quando imagens de locais turísticos eram acessadas popularmente por meios restritos e manipulados, como televisão e revistas, hoje esses cenários podem ser visitados virtualmente, a qualquer momento, através de perfis em redes sociais e demais mídias virtuais de comunicação em massa.

Outro aspecto de relevância é o protagonismo da viagem evidenciado nessas mídias, feito de pessoa comum para pessoa comum, sem um apelo mercadológico direto imposto pelo turismo, fortalecendo a imagem dos lugares e, em paralelo, trazendo também a possibilidade de cena para espaços que o marketing turístico não alcança e, por consequência, não promove. É a partir dessa situação oportunizada pelas mídias sociais, que a atividade dos viajantes nômades provoca uma interface com o turismo e com o mercado turístico em diversas facetas.

Histórias veiculadas nas mídias digitais inspiram pessoas a empreender viagens alternativas, nos mais variados estilos, assim como os primeiros feitos históricos relatados pela literatura também inspiraram, cada qual em sua época. Tais histórias, e tantas outras, passam a ser facilmente conhecidas, potencializadas e acessadas a qualquer momento nos tempos atuais, através de seus perfis na internet, sobretudo em redes sociais como o Instagram.

Mesmo sem a intenção de divulgar e favorecer a visibilidade de destinos, o viajante nômade ao fazer uso de tais ferramentas acaba, de certa forma, se tornando agente de disseminação, os chamados influenciadores digitais, ainda que não tenham vínculo com o mercado, pelo menos a princípio. Também, diferentemente, do nomadismo praticado na transição do período Paleolítico para o Neolítico, os nômades atuais não estão sendo “cancelados”²¹ pela sociedade, pelo contrário, vemos um movimento de acolhimento a partir das redes sociais virtuais que atingem as redes reais e vice versa. No passado, a alteridade do sujeito era vista como ameaça em virtude de sua “alteridade” (Han, 2015), hoje sua alteridade causa admiração e até inspiração.

Embora haja uma resistência por parte dos viajantes em absorver a forma do turista em viajar, a atividade turística tem sido favorecida por esse mundo de realidades virtuais, que a disseminação de experiências em viagens nas redes repercute. Isso porque as imagens promovem representações visuais e mentais capazes de despertar o imaginário de quem as vê. “No turismo, os dois domínios da imagem são utilizados com o objetivo de construir cenas do mundo turístico, onde o setor por meio das mídias possa projetar sonhos, fantasias e o desejo de viajar até o Outro turístico” (Panosso Netto, 2019, p. 74).

“Essa questão de influenciar, o Instagram ele virou uma arma para isso, ele tendo engajamento, ele tendo proporção, ele influencia sim. Essa influência dita para onde as pessoas estão indo sim” (Viajante F).

O protagonismo dos viajantes em redes sociais atinge alcance considerável, podendo ser capaz de influenciar “seguidores” a buscarem determinado destino turístico, seja motivado pelas imagens publicadas diante de tal experiência, ou por ter aguçado os seus níveis de domínio visual e mental, que lhe projetam a uma potencial vivência naquele espaço. *“A gente tem uma responsabilidade muito grande, pelo fato da gente estar em muitos lugares, a gente pode acabar passando muitas mensagens, pode acabar afetando a vida de muitas pessoas de diferentes formas” (Viajante B).*

²¹ A cultura do cancelamento, trata-se de uma onda, popularizada em redes sociais, que consiste no ato de incentivar pessoas a deixarem de apoiar pessoas públicas ou não, em razão de erro ou conduta tida como reprovável pela sociedade (Honda; Silva, 2020).

Embora, as mídias digitais de comunicação possam influenciar o contexto turístico com a promoção dos destinos de forma direta ou indireta, motivando pessoas a empreender viagens para os destinos propagados, não necessariamente elas são capazes de persuadir a motivação de percurso dos viajantes. *Na vida de viagens nômades pode se escolher uma direção, não necessariamente um destino (Viajante F).*

5 Considerações Finais

A contemporaneidade, tal qual experimentamos, é palco de um dinâmico e acelerado cenário de profundas mudanças e transformações sociais. O nomadismo, por sua vez, quase sempre assimilado a conjecturas de mobilidade, sobretudo, ancestrais, também faz parte desse processo contemporâneo, evidenciando que a errância pode assumir variados papéis, especialmente, subjetivos. Apesar de pouco pontuado nos enredos históricos, após a ‘sedentarização’ do ser humano, por certo o nomadismo nunca deixou de existir, sempre esteve incutido na evolução das sociedades.

A nomadologia, que corresponde ao contrário da história, ou seja, que não foi contada de maneira linear, está tendo a oportunidade de ser escrita na contemporaneidade a partir de comportamentos que vão no contra fluxo do sistema permanente, por meio de expressões vivas e pulsantes em busca do extraordinário, em uma tentativa de dar sentido a existência.

O nomadismo contemporâneo, associado ao universo das viagens, deixa claro que, os sujeitos que escolhem a evasão, abdicando parcialmente a vida em sistema para viver nômade, não se lançam nesse estilo de vida por fuga, e sim por busca. Busca por experiências legítimas e genuínas, busca por autoconhecimento, busca por conhecer pessoas e também por se reconhecer nelas, busca pela liberdade e obviamente, associado a tudo isso a busca pela felicidade que é encontrada na viagem, evidenciando que o lugar geográfico não é o objetivo final dessa busca, mas sim o caminho que se percorre e tudo nele envolvido.

“Se nossas vidas são dominadas pela busca da felicidade, talvez poucas atividades revelem tanto a respeito da dinâmica desse anseio — com toda a sua empolgação e seus paradoxos — quanto o ato de viajar” (De Botton, p. 17, 2012).

A viagem detém diferentes formas de representação, seja ela geográfica, com os deslocamentos de corpos físicos na busca do extraordinário, ou de maneira abstrata por meio das percepções introspectivas que determinado indivíduo se dispõe a vivenciar, o fato é que ela

é plural, ao mesmo tempo impregnada de autenticidade, e seja qual for o objetivo, “a viagem é antropológica” (Trigo, 2003, p. 80), diz respeito à experiência, imersa em processos de alteridade.

Então, longe de qualquer tentativa de comparação entre turismo e a viagem protagonizada pelos nômades contemporâneos, este estudo buscou trazer à tona aquilo que emerge da relação desses protagonistas em percurso, dando espaço de fala aos mesmos para demonstrar aquilo que o mercado não evidencia, aquilo que as teorias do turismo não manifestam, porque estão preocupadas com o que acontece no final do caminho e não com o que aconteceu enquanto se caminhava até o destino.

Vale ressaltar que quatro evidências em comum, destacadas pelos viajantes em seus processos de vida nômade, foram fundamentais para traçar o enredo dessa pesquisa, sendo elas: a motivação que está alicerçada no desejo de conhecer pessoas e não somente lugares; o tempo dedicado para isso, que deixa clara a distinção entre tempo de trabalho e tempo livre, o que se torna aqui o principal divisor que os distingue de turistas; as relações interpessoais efetuadas no percurso, que geram a criação de vínculos ou não; e as experiências obtidas, que são pontuadas em todo o percurso e não apenas no destino final, que aliás para esse público não existe, existem pontos de parada provisória e não ponto final.

Partimos do princípio de que se trata de um enredo novo, com pouco conteúdo teórico para fundamentação e que o espaço de fala dos viajantes, junto ao embasamento teórico, seria imprescindível para a compreensão dos temas abordados e melhor entendimento das situações, afinal são relatos contados a partir da fala de quem participa de fato do processo. Assim, a partir dos depoimentos de viajantes e das informações teóricas a respeito dos temas, tentamos definir um delineamento desse público, o que resultou em um perfil com informações precisas, contadas a partir dos próprios protagonistas dessas experiências, deixando claro o que buscam, quais são as motivações, o que desejam, como atuam, o que enfrentam, etc.

O segundo ponto compreendido está embasado no entendimento da hospitalidade dada e recebida no percurso, que foi constatado a partir das leis da hospitalidade percebidas tanto pelos viajantes quanto pelos anfitriões. Precedendo tais resultados, a noção da hospitalidade pelo viés da virtude e da dádiva também foi considerada, especialmente, como premissa para compreensão do encontro, haja vista que o viajante nômade é o protagonista do enigma do desconhecido e que é a partir do encontro que toda a cena se descortina. As discussões, pautadas nas teorias de renomados pensadores, levam a crer que apesar da virtude ser o cenário ideal vislumbrado pela cena hospitaleira, ela é utópica e efêmera, cabendo à noção da dádiva uma

proximidade maior com o tema de estudo, especialmente, por tratar da troca e de sua representatividade embutida nas relações.

A pesquisa demonstrou que as regras e leis incorporadas à noção da hospitalidade dada e/ou recebida pelos viajantes nômades, bem como por anfitriões, são sim aplicadas na prática, até mesmo instintivamente, pois não são leis escritas, são comportamentos e atitudes intrínsecos no relacionamento humano. A partir do direcionamento de Camargo (2021) quanto às leis da hospitalidade, foi possível analisar se as ações condizem com a teoria ao tratar dos temas da incondicionalidade, da reciprocidade, da assimetria e da compensação nas relações entre viajantes nômades e anfitriões.

O resultado demonstra que a incondicionalidade é mediada pelo primeiro contato, em que a abordagem é o ato decisivo que leva à interpretação da intenção, que por sua vez, designará o desenrolar da cena. Ao contrário do que ocorre nas cenas de hospitalidade comercial, tratada por Camargo como encenada, o encontro entre viajantes e anfitriões, quando desconhecidos, não levam sempre a uma mesma cena cordial, elas variam a cada novo encontro e nem sempre são bem-sucedidas. Por outro lado, o encontro é capaz de despertar no anfitrião a curiosidade pelo estilo de vida incomum do viajante, o que promove a sequência do roteiro da cena hospitaleira. Sendo assim, o primeiro contato entre estranhos é uma cena dualista, em que a desconfiança e a curiosidade são protagonistas, mas que a ajuda oferecida ao viajante desconhecido, sem qualquer pensamento de retribuição, aponta para o fator da incondicionalidade, e na visão dos viajantes ela surge como um ato de generosidade humana, espontânea, pelo simples desejo de ajudar o próximo.

Por outro lado, também se nota a contrapartida da obtenção de retribuição no ato de ajudar, em que a hospitalidade dada está condicionada à vontade de receber algo em troca. Na percepção dos viajantes, o fator da reciprocidade também é apazível, e demonstraram a consciência embutida nesse ato que é estrutural. Interessante, é que as formas de retribuição não são convencionais, em sua maioria, são simbólicas e surgem dos momentos de interação, muitas vezes, subliminares. A reciprocidade, também foi percebida em atos que nem sempre envolvem alguém que ofertou ajuda diretamente, mas ao contexto em que se insere, e isso está relacionado a quebra de estereótipos e paradigmas, a libertação de estigmas sociais, entre outros. A lei da reciprocidade, no que tange a interação entre viajantes e anfitriões, acontece e alcança níveis de consciência e comportamento que vão muito além da simples troca de gentilezas, além disso requer atenção constante para o equilíbrio dessas trocas, a fim de não caírem nas armadilhas da transgressão.

A interação que envolve a cena hospitaleira também impõe seus limites, e a lei da assimetria entra em pauta nessa discussão, apontando para a soberania do anfitrião, associado quase sempre ao espaço físico do qual o mesmo é o detentor. Porém, conforme revelado na pesquisa, a relação de hospitalidade entre viajantes nômades e seus anfitriões se dá em situações diversas e, nem sempre estão condicionadas somente a espaços físicos, como tratam as teorias dessa lei, por isso foram incutidos no debate os fatores relacionados a esse tema, como o convite, a vulnerabilidade, o assédio e a noção do espaço em sentido figurado, trazendo para a cena a importância de entender também o corpo físico como um espaço de respeito. Colocando, portanto, o viajante em posição de direitos no que compete a lei da assimetria, nessa relação, e não somente de deveres.

A última lei da hospitalidade, a compensação, apresentou revelações curiosas de interação entre viajantes e anfitriões, pois assim como a reciprocidade, ela também tem suas bases na retribuição, porém nesse caso, um pouco fora do comum. A pesquisa revelou que viajantes nem sempre se sentem na obrigação de retribuir uma gentileza imediatamente e, muito menos, por meio de troca material. A compensação para eles é percebida muito próxima da noção do *Potlatch*, na redistribuição das dádivas recebidas e perpetuadas por muito tempo, seja na memória, no coração ou mesmo nas mídias digitais em que registram tais atos. Em suma, só o fato desse viajante ter a consciência de que a compensação é necessária, já configura a consumação da lei, pois ao contrário seria caridade e não hospitalidade.

É possível dizer, que as leis da hospitalidade, analisadas por meio dos depoimentos, traduzem muito do que as teorias apresentam, mas também abrem debate para outros temas não observados nos estudos até então, podendo ser alvo para novos objetos de investigação.

A questão das mídias digitais, tratada nesse estudo como fonte de análise da evolução do papel das tecnologias na vida dos viajantes nômades, revelou que seu uso não apenas configura ferramenta para registros das viagens e vantagem relacionada à comunicação em percurso, mas também fornece contribuições para o setor turístico. Os conteúdos produzidos pelos viajantes nômades em percurso e disponibilizados por meio das mídias digitais de grande alcance, geram o interesse nos seguidores que passam a buscar por tais espaços de maneira alternativa, uma oportunidade para a criação de novas ofertas e produtos pelo mercado turístico convencional. Afinal, viajantes estão em movimento, alcançando lugares que, muitas vezes, o mercado não alcança e por consequência, o turista também não.

A possibilidade aberta pelas mídias digitais, de fornecer conhecimento de uma imensidão de lugares a serem visitados e conhecidos, do qual o sistema turístico se apropria, também pode ser uma porta aberta para futuras pesquisas de atuação dos viajantes nômades,

ainda mais contemporâneas, em virtude do cenário atual com as grandes mudanças sociais provocadas pela pandemia, que colocou as tecnologias mais vívidas no cotidiano das pessoas.

No entanto, por mais que as experiências de viagens dos nômades, sejam publicadas em forma de texto e imagens nas redes sociais, ou narradas em contextos de cenas reais filmadas e compartilhadas nas plataformas de vídeos, e apropriadas pelo turismo, a emoção que é transmitida, não terá a mesma proporção da que foi sentida na experiência. Pode até influenciar outras pessoas a quererem experimentar tais sensações, mas nunca serão as mesmas emoções vividas, pois a viagem é sentida de formas diferentes por cada indivíduo, a viagem é experiência individual.

Em suma, se consideram fatores importantes para o desfecho dessa investigação que a viagem dos nômades contemporâneos é sobre pessoas e não propriamente sobre lugares, que disciplina é liberdade, que o destino é incerto e a não programação é que leva aos encontros no caminho, e que por sua vez, irão determinar qual será o próximo ponto, conforme determinar a vontade. E que a relação da amizade e do vínculo criado importa mais do que propriamente o lugar onde isso acontece.

Ao estar mais próximos dos residentes, os viajantes nômades estabelecem com mais facilidade, a consciência da significação real do lugar, e isso só é possível ao participar das cenas cotidianas que se desenrolam nos bastidores que o turista não enxerga.

[...] mas eu não sei se eu serei nômade para o resto da vida...então a partir do momento que a gente deixa isso mais flexível, a gente se permite mudar e a vida é isso a vida é transformação, a vida não é estática (Viajante D).

Referências²²

- Attali, J. (1993). *Nomadismo e liberdade*. Estudos Avançados, 7(17), 171-184. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9615>.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2009). *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Beni, M. C. (2007). *Colecionando destinos: Viagens – percepção, imaginário e experiências*. Ed.: Senac. São Paulo.
- Benveniste, É. (1995). *O vocabulário das instituições indo-europeias*. Trad. Denise Bottman. – Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Boff, L. (2011). *Atitudes e comportamentos de hospitalidade*. REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana [en linea]. 2011, 19(36), 229-236[fecha de Consulta 9 de Octubre de 2021]. ISSN: 1980-8585. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=407042013013>
- Bortoni, R., Stella, M. (2017). *A Odisseia – Homero*. E-book Adaptação de Stella Maris Bortoni-Ricardo. Edição e Diagramação Lucas Bortoni Dias Miranda. Disponível em <www.stellabortoni.com.br> Acesso em 30 de setembro de 2021.
- Bueno, M. S. (2016). *O desafio da Hospitalidade*. Revista Hospitalidade. São Paulo, volume 13, pp. 04-07, agosto de 2016.
- Caiafa, J. (2017). “*A humanidade múltipla e suas trocas*”: entrevista com Renée Schérer. Revista do Programa de Pós-graduação em comunicação e cultura da escola de comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Revista eco pós, issn 2175-8889, título novo número, v 20, n.3, 2017.
- Camargo, L. O. L. (2011). *O Estudo da Hospitalidade In* Montandon, Alain. (2011). O Livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas; trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. – São Paulo Editora Senac.
- Camargo, L. O. L. (2015). *Os interstícios da hospitalidade*. Revista Hospitalidade. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 42-69, mai. 2015.
- Camargo, L. O. L. (2019). *Hospitalidade, turismo e lazer*. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo, 13 (3), p. 1 - 15, set./dez. DOI:<http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v13i3.1749>
- Camargo, L. O. L. (2021). *As leis da hospitalidade*. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo, 15 (2), e-2112, maio/ago. DOI: <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v15i2.2112>

²² De acordo com o estilo APA (American Psychological Association).

Campos, J. R.V. (2005). *Introdução ao Universo da Hospitalidade*. Campinas: Papirus.

De Botton, A. (2012). *A arte de viajar* / Alain De Botton; tradução de Clóvis Marques. – Rio de Janeiro: Intrínseca.

Deleuze, G., Guattari, F. (1995). *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1 / Gilles v.l Deleuze, Félix Guattari ; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de janeiro : Ed. 34.

Deleuze, G., Parnet, C. (1998). *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 184p.

Derrida, J. (2008). *Adeus a Emmanuel Lévinas* / Jacques Derrida; [tradução Fábio Landa com a colaboração de Eva Landa]. -- São Paulo: Perspectiva.

Douglas, M. (1976). *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.

Dufourmantelle, A. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade / Jacques Derrida [entrevistado]*; Trad. Antonio Romane; revisão técnica de Paulo Ottoni. – São Paulo Escuta.

Falcão, D. (2013). *Experiências de mochileiros: sentidos e significados em uma dinâmica de lazer na sociedade contemporânea*. [manuscrito] /Denise Falcão. Dissertação. Disponível em https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9KWJXN/1/vers_o_final_abnt.pdf Acesso em 28 de março de 2020.

Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Galeano, E. (2002). *O livro dos abraços*. Título original El libro de los abrazos, primeira ed. 1991. Tradução Eric Nepomuceno. - 9. ed. – Porto Alegre: L&PM.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. – 6ª ed. – São Paulo: Atlas.

Gondim, C., Bolzán, R., Espínola, R., & Alexandre, M. L. (2020). *Netnografia como método de pesquisa em turismo: análise de estudos de pós graduação no Brasil*. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v31i1p19-36>

Gotman, A. (2019). *Hospitalidade em sentido próprio e figurado*. Revista Hospitalidade. São Paulo, volume 16, n.03, p. 160-174. Doi: <https://doi.org/10.21714/2179-9164.2019.v16n3.009>

Han, B. C. (2015). *Sociedade do cansaço* / Byung-Chul Han ; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ : Vozes.

Harari, Y. N. (2011). *Sapiens – Uma Breve História da Humanidade*. 29a. Edição. Editora Harper.

Hesse, H. (2004). *O lobo da estepe*. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Record.

Honda, E. M. V.; Silva, T. B. (2020). *O “Tribunal da Internet” e os efeitos da cultura do cancelamento*. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/331363/o-tribunal-da-internet-e-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento>. Acesso em 18 de fevereiro de 2021.

Ianni, O. (2003). *Enigmas da Modernidade-Mundo* / Octavio Ianni. – 3 ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Jay, F. (2016). *Menos é mais: um guia minimalista para organizar e simplificar sua vida* / Francine Jay ; tradução Guilherme Miranda — 1ª ed. — São Paulo: Fontanar.

Jess, J. (2004). *Turismo alternativo e cultura backpacker*. 2004, 50 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Centro de Ciências Jurídicas e Sociais – Pontífica Universidade Católica do Paraná.

Justo, J. S., & Nascimento, E. C. (2005). *Errância e delírio em andarilhos de estrada*. Psicologia; Reflexão e crítica, pp. 177-187.

Kant, I. (2008). *À paz perpétua. Um projecto filosófico (1795)*. Trad. Artur Morão. Universidade da Beira Interior Covilhã: Lusosofia.

Kant, I. (2009). *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. de Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Discurso Editorial: Barcarolla.

Krakauer, J. (1998). *Na natureza selvagem*. Título original *Into the wild* / JaTI Krakauer; tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras.

Krenak, A. (2020a). *A vida não é útil* / Ailton Krenak ; pesquisa e organização Rita Carelli. _ 1a ed. _ São Paulo : Companhia das Letras.

Krenak, A. (2020b). *O amanhã não está à venda* / Ailton Krenak; São Paulo: Editora Schwarcz.

Lanna, M. (2000). *Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a Dádiva*. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 14: p. 173-194, jun. 2000.

Lashley, C. (2015). *Hospitalidade e hospitabilidade*. Revista Hospitalidade. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 70-92, mai. 2015.

Latour, B. (2019). *Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Editora 34.

Leakey, R. E. *A origem da espécie humana* / Richard Leakey; tradução de Alexandre Tort; coordenação editorial: Leny Cordeiro — Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

Lemos, A. (2009). *Cultura da mobilidade*. Revista FAMECOS – nº 40 - Porto Alegre, dezembro de 2009.

Lévinas, E. (2008). *Totalidade e Infinito*. Título original *Totalité et Infini*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa, Portugal: Edições 70.

- Lipovetsky, G. (2009). *A era do vazio - Ensaio sobre o individualismo Contemporâneo*. Barueri: Manole.
- Maffesoli, M. (2001). *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*, Rio de Janeiro, Record.
- Marcel, G. *Homo viator*. Paris: Association Présence de Gabriel Marcel, 1998.
- Mauss, M. (2003). *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades Arcaicas* (1924) *In Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- Morin, E. (1975). *O enigma do homem: para uma nova antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Onfray, M. (2009). *Teoria da viagem: poética da geografia / Michel Onfray; Tradução de Paulo Neves*. - Porto Alegre, RS: L&PM.
- Panosso Netto, A. (2019). *Os signos do olhar do turista* (Tributo a John Urry 1946-2016) *in Homo Viator. Revista Hermenéutica del viaje, La hospitalidade y el ocio*. Ciudad de Mexico/2019, núm. 4.
- Pinsky, J. (1994). *As primeiras civilizações / Jaime Pinsky*. 138 ed. rev. atual. São Paulo: Atual, 1994.
- Raynal, M. (2013). *Entrevista com Anne Gotman Revista Hospitalidade*. São Paulo, v. X, n. 1, p. 146 - 157, jun. 2013.
- Sampieri, R.H., Collado, C.F, & Lucio, M. del P.B. (2013). *Metodologia de pesquisa*. (5 ed). Porto Alegre: Penso.
- Serrano, S. (2014). *Mulheres Viajantes*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Shellard, Carlos A. A. *Dicionário Nômade: Uma cartografia do intermezzo / Carlos Andreas de Araujo Shellard ; orientadora: Marília Rothier Cardoso*. – 2014. Dissertação (mestrado)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2014.
- Simas, L. A., & Rufino, L. (2020). *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.
- Spinoza, B. (1632-1677). *Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado Político; Correspondência / Baruch de Espinosa; In CHAUÏ, M. S. et al Seleção de textos*;– 3. Ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores).
- Strayed, C. (2013). *Livre: a jornada de uma mulher em busca do recomeço*. 2ª Ed. – São Paulo: Objetiva.
- Trigo, L. G. G. (2013). *A viagem – caminho da experiência*. São Paulo: Aleph.
- Urry, J. (2006). *Traveling Times*. European Journal of Communication, SAGE publications, v. 21 (3): 357-372.

APÊNDICE A – Questionário de pesquisa quali quantitativa

Pesquisa Mestrado PPGTUR USP - Viajantes Nômades Contemporâneos

Descrição: Pesquisa quali quantitativa, realizada com objetivo de obtenção de dados para compor os resultados de análise inicial sobre o perfil de viajantes nômades contemporâneos e a hospitalidade de percurso.

- 1 - Faça uma breve apresentação pessoal anônima (gênero, idade, desde quando viaja como nômade, motivação para escolher esse estilo de vida, etc).
- 2 - Quais são as principais motivações para escolha do destino?
- 3 - Qual o principal meio de transporte utilizado?
- 4 - Como escolhe os locais de paradas/pernoite?
- 5 - Quais são as principais dificuldades encontradas e o que mais anima a continuar o percurso?
- 6 - Quais são as principais facilidades e dificuldades para utilização de espaços públicos do percurso ou do destino? (Espaços públicos: ruas, calçadas, praças, parques, praias, etc).

Figura 2 Print de tela - resultados da pesquisa online quali quantitativa



Fonte: Moaes, E. (2020)

APÊNDICE B – Roteiro de perguntas da pesquisa qualitativa com Viajantes

Os viajantes nômades contemporâneos e a hospitalidade no percurso

A presente pesquisa de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Turismo da EACH USP, tem como objetivo coletar informações que possam contribuir no processo de investigação sobre a hospitalidade no percurso dos viajantes nômades contemporâneos. Sua contribuição é de extrema importância para o desenvolvimento de um estudo pioneiro na área do turismo, que visa evidenciar esse grupo de pessoas que contribui fortemente com as relações humanas no setor.

- 1 - O que é ser viajante nômade?
- 2 - O que é a viagem para você?
- 3 - Na sua opinião, o que dá mais prazer na viagem como viajante nômade?
- 4 - Antes de se tornar viajante nômade, onde você vivia? Você ainda mantém vínculos nesse lugar?
- 5 - Há quanto tempo você está viajando?
- 6 - Você se sente pertencente a algum grupo ? Se sim, como é possível identificar esse grupo, o que você considera que essas pessoas têm em comum?
- 7 - Durante a viagem como você se relaciona com os moradores locais, com outros viajantes e com quem te acolhe?
- 8 - Você costuma trocar contatos com quem se relaciona durante a viagem?
- 9 - Você costuma manter contato posterior com pessoas que te acolheram na viagem? Sentindo-se a vontade comente o motivo que o (a) faz manter esse contato.
- 10 - Sobre as necessidades de sobrevivência, como você consegue se manter em viagem? (Considere como necessidades a obtenção de dinheiro, alimentação, hospedagem, transporte, higiene pessoal, etc).
- 11 - Explique como você reconhece e recebe a ajuda e acolhimento no percurso?
- 12 - Na sua opinião, por que você acha que as pessoas te oferecem ajuda ou acolhimento no percurso da viagem?
- 13 - Comente sobre uma ou mais situações de acolhimento que você já recebeu e que marcou sua jornada enquanto viajante nômade.
- 14 - Você já passou por alguma situação constrangedora ou delicada em percurso? Se sentir a vontade, comente sobre essa situação.
- 15 - Você busca retribuir de alguma forma o acolhimento recebido?

16 - Você enfrenta situações que limitam sua mobilidade física nos territórios por onde passa, seja por aspectos legais, sociais ou financeiros? Caso se sinta a vontade, cite um exemplo pessoal.

17 - Quais fatores são imprescindíveis para fazer você escolher determinada rota, destino, região, etc? E o que o (a) faz mudar tal escolha, ou seja, quais condições podem fazer você mudar de ideia em seguir o planejamento?

18 - Quando alcança o objetivo traçado, o que é capaz de te fazer permanecer mais tempo do que o esperado no local?

19 - Você costuma retornar aos lugares já visitados? Caso positivo, o que te motiva a retornar?

20 - Como você se relaciona com turistas e com os sistemas de organização turística (exemplo meios de hospedagem, agências de viagens, transportes turísticos, passeios guiados, atrativos turísticos, etc)?

21 - Você usa redes sociais? Como elas influenciam em sua viagem? Se possível, cite exemplos.

22 - Você publica suas experiências de viagem nas redes sociais? Qual a intenção?

23 - Quais situações da viagem, normalmente, você não publica?

24 - Você consegue imaginar como seria sua viagem sem os meios de comunicação e mídias digitais atuais? Comente.

25 - Você estima quanto tempo pretende se manter em viagem como viajante nômade?

APÊNDICE C – Roteiro de perguntas da pesquisa qualitativa com Anfitriões

Formulário de pesquisa com Anfitriões

A presente pesquisa de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Turismo da EACH USP, tem como objetivo coletar informações que possam contribuir no processo de investigação sobre a hospitalidade no percurso dos viajantes nômades contemporâneos. Sua contribuição é de extrema importância para o desenvolvimento de um estudo pioneiro na área do turismo, que visa evidenciar esse grupo de pessoas que contribui fortemente com as relações humanas no setor.

- 1 - Qual é a razão ou motivo que faz você ajudar viajantes?
- 2 - O que você acha da vida desses viajantes?
- 3 - Você costuma ajudar todos (as) os (as) viajantes que encontra ou você seleciona quem ajudar?
- 4 - Se a resposta anterior foi SIM ajudo todos (as), explique porque você costuma ajudar qualquer viajante. Se a resposta anterior foi SELECIONO, explique o que te faz escolher um (a) ou outro (a).
- 5 - Que tipo de ajuda você costuma oferecer?
- 6 - Como os viajantes costumam receber a sua ajuda?
- 7 - Você já enfrentou alguma dificuldade ao ajudar algum viajante? Se sim, cite um exemplo, caso se sinta confortável.
- 8 - Após o acolhimento você costuma manter contato com ele (a)? Caso se sinta a vontade comente por que mantém o contato.

ANEXO A – Galeria de imagens de anfitriões e viajantes nômades da pesquisa

Figura 3 Galeria de imagens de anfitriões e viajantes nômades



Arthur Lanari



Davinil dos Reis



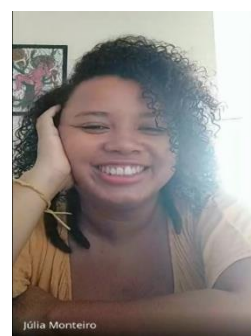
Eduardo Araújo



Elzer Teixeira



Gabryria Menezes



Julia Monteiro



Leomarques



Manoela Ramos



Odirlei e Samira Magri



Tarso Soares

Fonte: Acervo pessoal dos (as) entrevistados (as) e print de tela da entrevista.

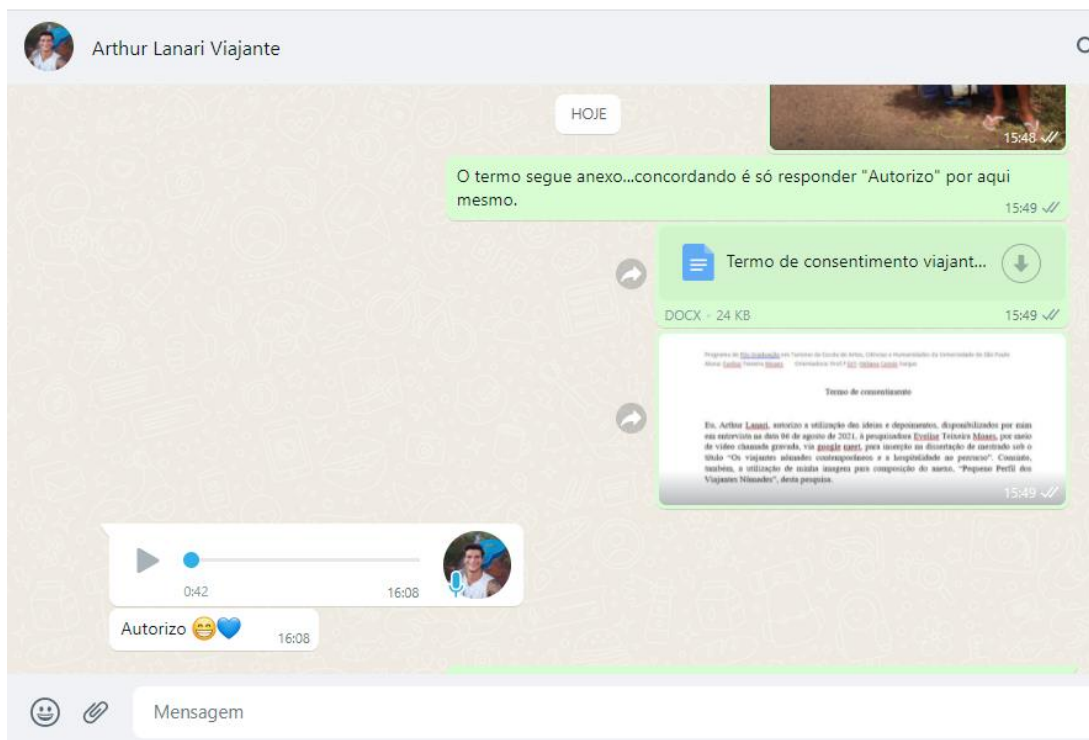
ANEXO B – Termo de Consentimento

Figura 4 Termo de Consentimento Arthur Lanari

Programa de [Pós Graduação](#) em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo
Aluna: [Evelise Teixeira Moaes](#) Orientadora: Prof.ª [Dr.ª Heliana Comin Vargas](#)

Termo de consentimento

Eu, Arthur Lanari, autorizo a utilização das ideias e depoimentos, disponibilizados por mim em entrevista na data 06 de agosto de 2021, à pesquisadora [Evelise Teixeira Moaes](#), por meio de vídeo chamada gravada, via [google meet](#), para inserção na dissertação de mestrado sob o título “Os viajantes nômades contemporâneos e a hospitalidade no percurso”. Consinto, também, a utilização de minha imagem para composição do anexo, “Pequeno Perfil dos Viajantes Nômades”, desta pesquisa.



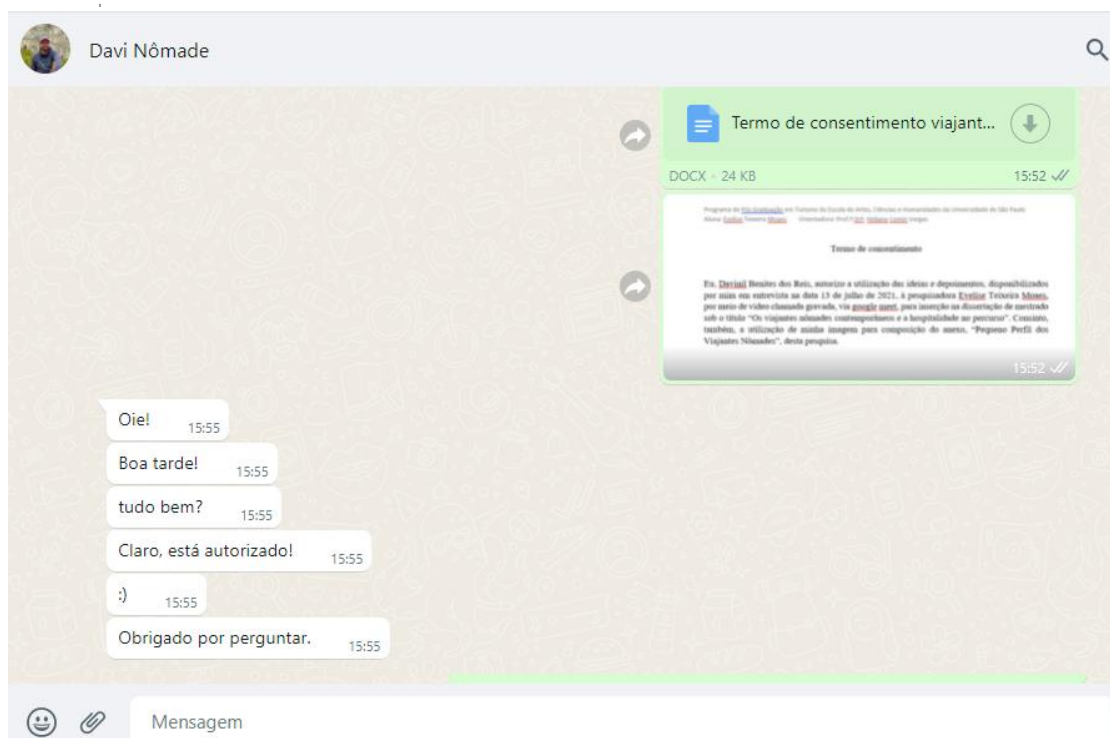
Fonte: Moaes, 2021.

Figura 5 Termo de consentimento Davinil dos Reis

Programa de Pós Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo
 Aluna: Evelise Teixeira Moaes Orientadora: Prof.ª Drª Heliana Comin Vargas

Termo de consentimento

Eu, Davinil Benites dos Reis, autorizo a utilização das ideias e depoimentos, disponibilizados por mim em entrevista na data 13 de julho de 2021, à pesquisadora Evelise Teixeira Moaes, por meio de vídeo chamada gravada, via google meet, para inserção na dissertação de mestrado sob o título “Os viajantes nômades contemporâneos e a hospitalidade no percurso”. Consinto, também, a utilização de minha imagem para composição do anexo, “Pequeno Perfil dos Viajantes Nômades”, desta pesquisa.



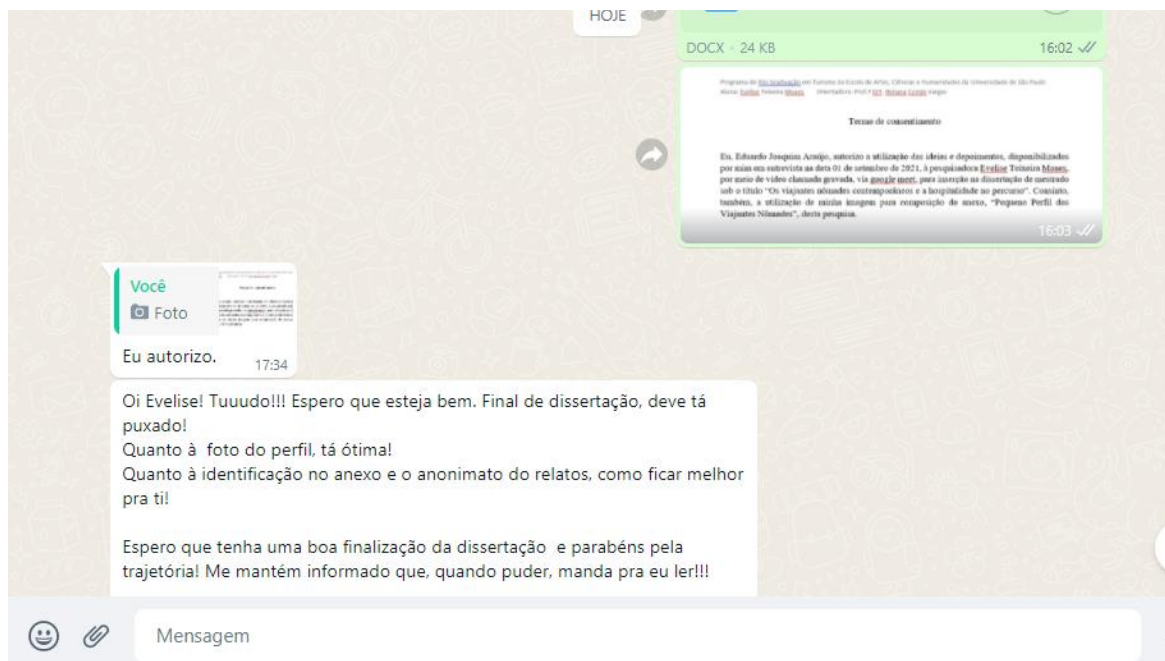
Fonte: Moaes, 2021.

Figura 6 Termo de consentimento Eduardo Araújo

Programa de Pós Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo
 Aluna: Evelise Teixeira Moaes Orientadora: Prof.^a Dr^a. Heliana Comin Vargas

Termo de consentimento

Eu, Eduardo Joaquim Araújo, autorizo a utilização das ideias e depoimentos, disponibilizados por mim em entrevista na data 01 de setembro de 2021, à pesquisadora Evelise Teixeira Moaes, por meio de vídeo chamada gravada, via google meet, para inserção na dissertação de mestrado sob o título “Os viajantes nômades contemporâneos e a hospitalidade no percurso”. Consinto, também, a utilização de minha imagem para composição do anexo, “Pequeno Perfil dos Viajantes Nômades”, desta pesquisa.



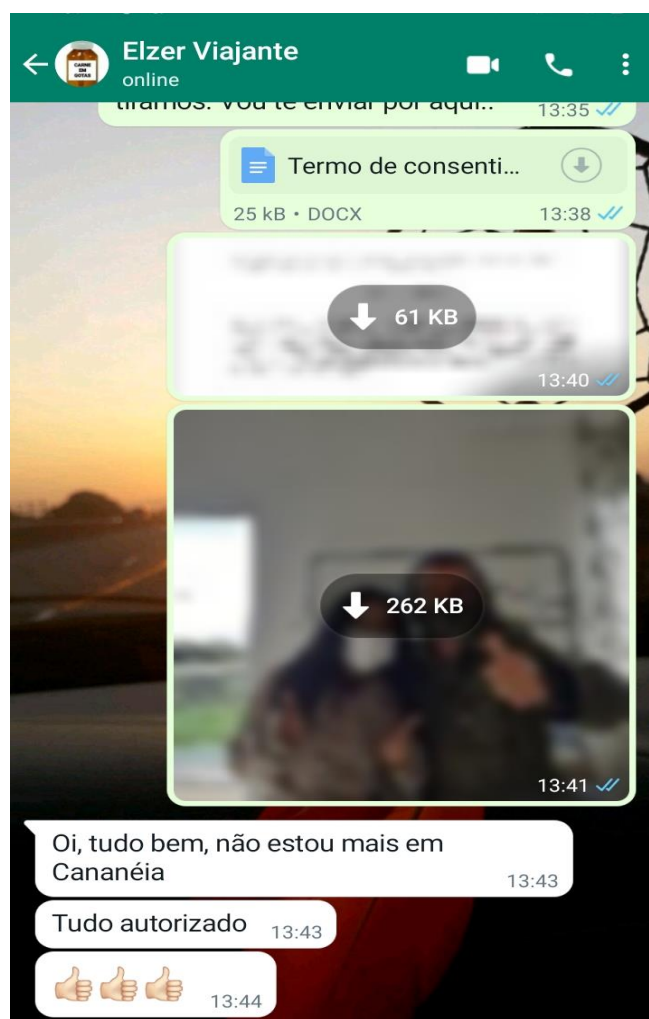
Fonte: Moaes, 2021.

Figura 7 Termo de consentimento Elzer Teixeira

Programa de Pós Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo
Aluna: Evelise Teixeira Moaes Orientadora: Prof.ª Dr.ª Heliana Comin Vargas

Termo de consentimento

Eu, Elzer Augusto Teixeira, autorizo a utilização das ideias e depoimentos, disponibilizados por mim em entrevista na data 01 de julho de 2021, à pesquisadora Evelise Teixeira Moaes, por meio de vídeo chamada gravada, via google meet, para inserção na dissertação de mestrado sob o título “Os viajantes nômades contemporâneos e a hospitalidade no percurso”. Consinto, também, com a utilização de minha imagem para composição do anexo, “Pequeno Perfil dos Viajantes Nômades”, desta pesquisa.



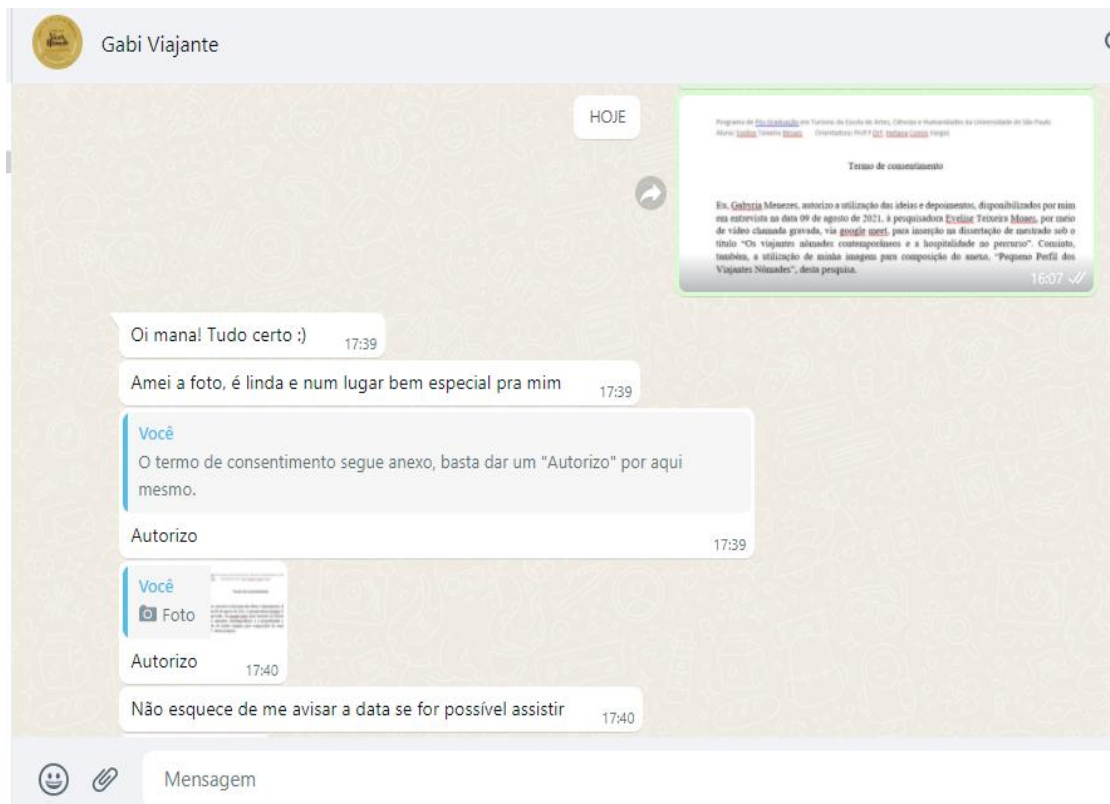
Fonte: Moaes, 2021.

Figura 8 Termo de consentimento Gabyria Menezes

Programa de Pós Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo
Aluna: Evelise Teixeira Moaes Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Heliana Comin Vargas

Termo de consentimento

Eu, Gabyria Menezes, autorizo a utilização das ideias e depoimentos, disponibilizados por mim em entrevista na data 09 de agosto de 2021, à pesquisadora Evelise Teixeira Moaes, por meio de vídeo chamada gravada, via google meet, para inserção na dissertação de mestrado sob o título “Os viajantes nômades contemporâneos e a hospitalidade no percurso”. Consinto, também, a utilização de minha imagem para composição do anexo, “Pequeno Perfil dos Viajantes Nômades”, desta pesquisa.



Fonte: Moaes, 2021.

Figura 9 Termo de consentimento Julia Monteiro

Programa de Pós Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo
Aluna: Evelise Teixeira Moaes Orientadora: Prof.ª Dr.ª Heliana Comin Vargas

Termo de consentimento

Eu, Júlia Gabriela Leão Monteiro, autorizo a utilização das ideias e depoimentos, disponibilizados em entrevista na data 20 de agosto de 2021, à pesquisadora Evelise Teixeira Moaes, por meio de vídeo chamada gravada, via google meet, para inserção na dissertação de mestrado sob o título “Os viajantes nômades contemporâneos e a hospitalidade no percurso”. Consinto, também, a utilização de minha imagem para composição do anexo, “Pequeno Perfil dos Anfitriões”, desta pesquisa.



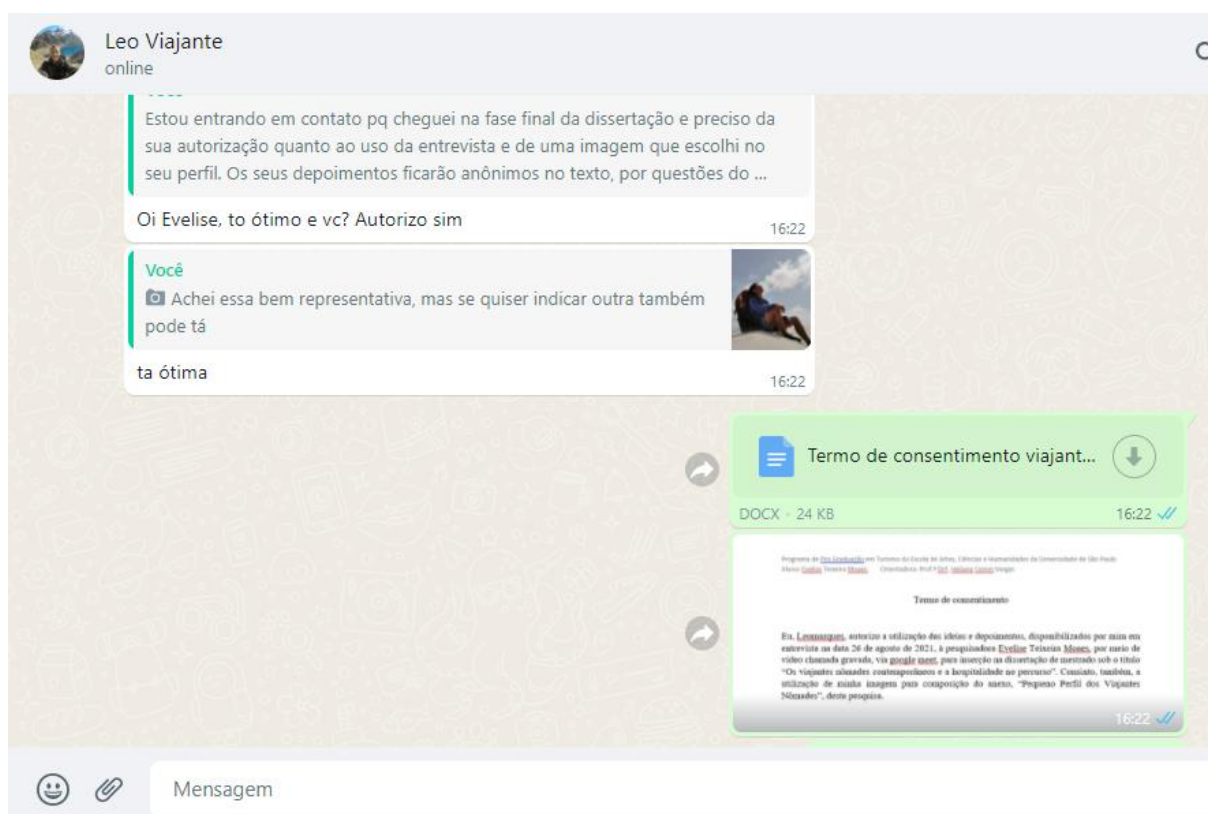
Fonte: Moaes, 2021.

Figura 10 Termo de consentimento Leomarques

Programa de [Pós Graduação](#) em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo
Aluna: [Evelise Teixeira Moaes](#) Orientadora: Prof.^a [Dr.^a Heliana Comin Vargas](#)

Termo de consentimento

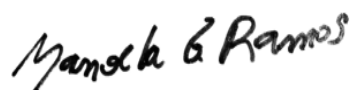
Eu, [Leomarques](#), autorizo a utilização das ideias e depoimentos, disponibilizados por mim em entrevista na data 26 de agosto de 2021, à pesquisadora [Evelise Teixeira Moaes](#), por meio de vídeo chamada gravada, via [google meet](#), para inserção na dissertação de mestrado sob o título “Os viajantes nômades contemporâneos e a hospitalidade no percurso”. Consinto, também, a utilização de minha imagem para composição do anexo, “Pequeno Perfil dos Viajantes Nômades”, desta pesquisa.



Fonte: Moaes, 2021.

Figura 11 Termo de consentimento Manoela Ramos

Programa de Pós Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo
Aluna: Evelise Teixeira Moaes Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Heliana Comin Vargas



Termo de consentimento

Eu, Manoela Gonçalves Ramos, autorizo a utilização das ideias e depoimentos, disponibilizados por mim em entrevista na data 19 de agosto de 2021, à pesquisadora Evelise Teixeira Moaes, por meio de vídeo chamada gravada, via google meet, para inserção na dissertação de mestrado sob o título “Os viajantes nômades contemporâneos e a hospitalidade no percurso”. Consinto, também, a utilização de minha imagem para composição do anexo, “Pequeno Perfil dos Viajantes Nômades”, desta pesquisa.

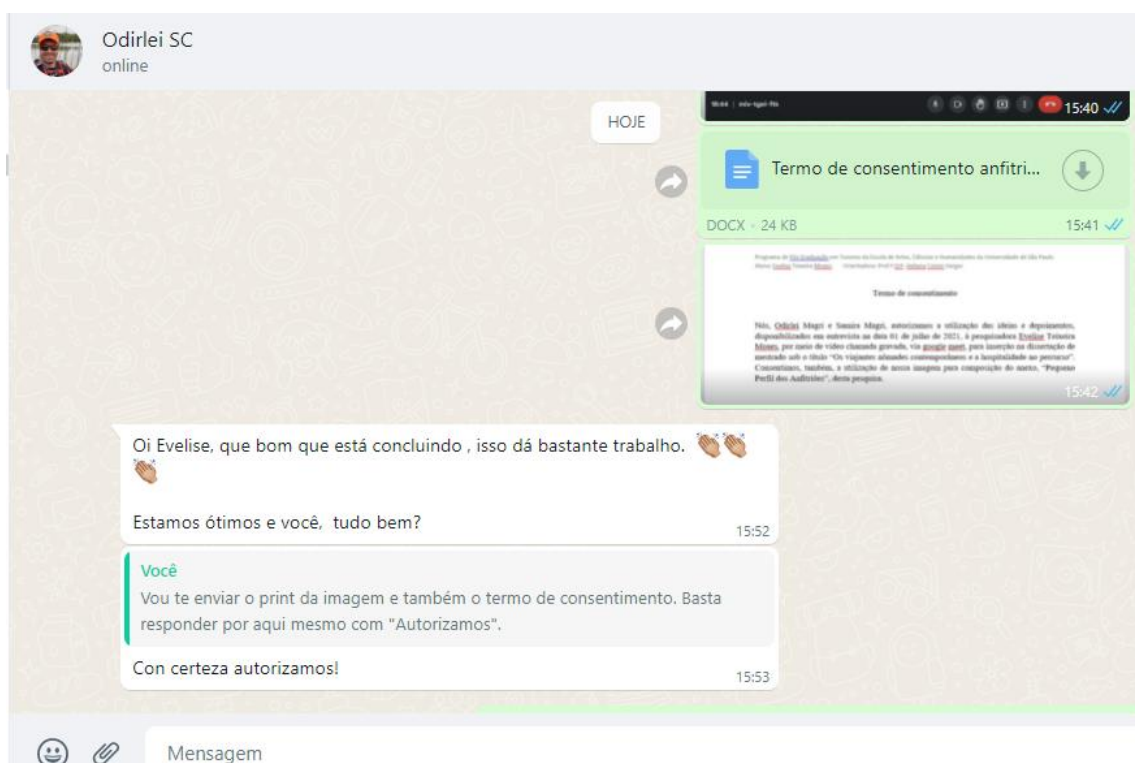
Fonte: Moaes, 2021.

Figura 12 Termo de consentimento Samira e Odirlei Magri

Programa de Pós Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo
 Aluna: Evelise Teixeira Moaes Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Heliana Comin Vargas

Termo de consentimento

Nós, Odirlei Magri e Samira Magri, autorizamos a utilização das ideias e depoimentos, disponibilizados em entrevista na data 01 de julho de 2021, à pesquisadora Evelise Teixeira Moaes, por meio de vídeo chamada gravada, via google meet, para inserção na dissertação de mestrado sob o título “Os viajantes nômades contemporâneos e a hospitalidade no percurso”. Consentimos, também, a utilização de nossa imagem para composição do anexo, “Pequeno Perfil dos Anfitriões”, desta pesquisa.



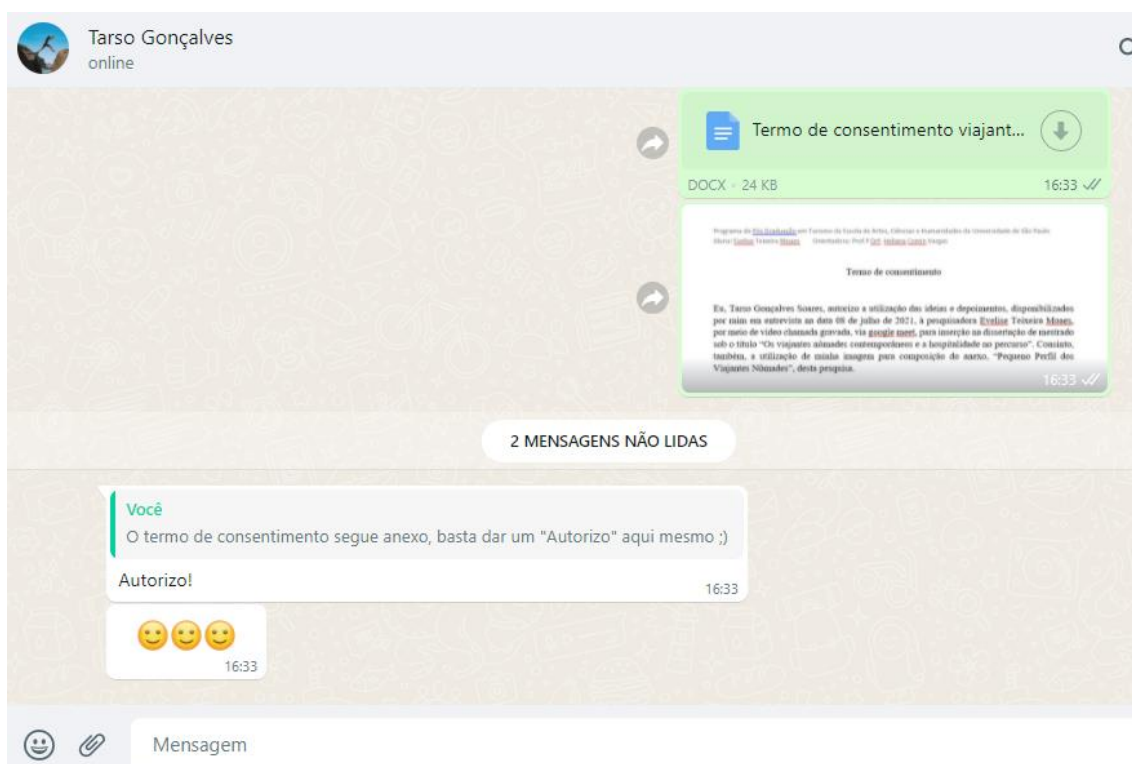
Fonte: Moaes, 2021.

Figura 13 Termo de consentimento Tarso Soares

Programa de Pós Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo
 Aluna: Evelise Teixeira Moaes Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Heliana Comin Vargas

Termo de consentimento

Eu, Tarso Gonçalves Soares, autorizo a utilização das ideias e depoimentos, disponibilizados por mim em entrevista na data 08 de julho de 2021, à pesquisadora Evelise Teixeira Moaes, por meio de vídeo chamada gravada, via google meet, para inserção na dissertação de mestrado sob o título “Os viajantes nômades contemporâneos e a hospitalidade no percurso”. Consinto, também, a utilização de minha imagem para composição do anexo, “Pequeno Perfil dos Viajantes Nômades”, desta pesquisa.



Fonte: Moaes, 2021.